

REVISTA = DO **INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO** = DO RIO GRANDE DO SUL =



Commissão de Redacção:

ADROALDO MESQUITA DA COSTA
MANSUETO BERNARDI
EMILIO FERNANDES DE SOUZA DOCCA
EDUARDO DUARTE

PORTO ALEGRE
= **BRASIL** =

1932

OFICINAS GRAFICAS DA LIVRARIA DO GLOBO
PORTO ALEGRE

Instituto Historico e Geografico do Rio Grande do Sul

Séde: PORTO ALEGRE

Presidente: Desembargador Florencio C. de Abreu e Silva

1.º secretario: Dr. Francisco de Leonardo Truda

Tesoureiro: Afonso Guerreiro Lima

Publica a sua Revista em fasciculos trimestrais ou semestrais, formando anualmente um volume de setecentas paginas, na média.

Condições de assinatura:

Por ano	15\$000 rs.
Por fasciculo trimestral.....	4\$000 rs.
Preço da coleção até 1930....	1:000\$000 rs.

Fasciculos atrasados, preço da tabela existente na secretaria.

Para assuntos da Revista dirigir-se diretamente ao Dr. Eduardo Duarte, á rua Duque de Caxias n.º 1231. Porto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil.

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO

DO RIO GRANDE DO SUL



II TRIMESTRE

ANNO XII

Commissão de Redacção:

ADROALDO MESQUITA DA COSTA
MANSUETO BERNARDI
EMILIO FERNANDES DE SOUZA DOCCA
EDUARDO DUARTE

1932

PORTO ALEGRE

= 1932 =

OFICINAS GRAFICAS DA LIVRARIA DO GLOBO
BARCELLOS, BERTASO & CIA. → PORTO ALEGRE
→ FILIAIS: SANTA MARIA E PELOTAS →

Comentarios

(Coronel Alvaro de Alencastre)

(Continuação)

A COLONIA DO SACRAMENTO

A vida do Rio Grande do Sul esteve ligada ao destino da Colonia do Sacramento. Ao nascer a terra continentina apercebeu-se de que o Sul estava carregado de nuvens negras. Nasceu sob o estrepito das batalhas. Não se movia ainda e já se lutava por êle. Mal ensaiava os primeiros passos, por êle se bateram duas nacionalidades num prélio secular.

Adolescente ainda, quando lhe permitiam as pausas da guerra, abandonava a lança e na rabiça do arado cavava o sulco da abundancia que enriquecia a terra gloriosa.

Moço, cheio de vitalidade e de energia, não se conteve mais. Á sua retaguarda bramia o mar nas praias arenosas. Lançou um olhar para a frente. Olhar de aventureiro. Olhar de aguia. Olhar de conquistador.

Do alto da coxilha fitou o horizonte pampeano. Dominou a imensidade com a vista poderosa. Tremeu, porque aquela terra que avistava não era sua. Comoveu-se porque pensou em conquista-la. Pensar e agir foi obra de um momento. Um relampago passou por aquele cerebro.

Filho da temeridade, produto de uma loucura patriotica, o projeto daqueles centauros em pouco era realidade. As Missões Orientais do Uruguai, que iam do Uruguai ao Arapeí eram terra rio-grandense.

Incontestavelmente a posse da Colonia do Sacramento permitiu que se consolidasse e fortalecesse á retaguarda a possessão lusitana. A fundação e a conservação á custa dos maiores sacrificios daquela povoação defronte de Buenos Aires, como um desafio permanente, foi um ato politico, que apesar de não ter atingido a sua completa finalidade, deu ótimos resultados.

Estudando a occupação da Colonia do Sacramento, conclue-se que era pensamento da politica portugueza levar os limites do seu territorio ao Rio da Prata. Não se pôde negar o acêrto da medida. Como decorrencia dela três hipoteses se poderiam dar:

- 1.^a — Levar os limites ao Rio da Prata, o que representaria um maximum;
- 2.^a — Conservar a posse da Colonia do Sacramento sem levar a conquista á foz do Prata. Seria uma média razoavel;
- 3.^a — Garantir a occupação até que á sua retaguarda se consolidasse a nossa posição, o que representava um minimum.

Essas três hipoteses podem ser consideradas os três objetivos militares de toda a campanha. Sob um ponto de vista militar um dos objetivos foi atingido. O minimum. Representa uma grande vitoria. As consequencias dos sacrificios feitos foram compensadoras.

Á retaguarda da Colonia formou-se uma nova possessão portugueza em uma nesga de territorio, povoada por gente de antes quebrar que torcer. O lance feito até as margens do Rio da Prata foi um ato de arrojo digno da gente lusitana. O adversario sentiu o alcance do feito e apresentou-se para atacar a posição recém occupada.

A pertinacia do Governo Português em conservar a posição militar, que foi tantas vezes atacada e tomada, mostrava plenamente que êle agia, obedecendo a um proposito firme.

Como operação militar a occupação da Colonia teve um

grande alcance para a politica portuguesa. Permittiu-lhe agir onde queria, distraindo para um determinado ponto a attenção do vizinho e adversario.

A fundação de Montevidéo teve objetivos politicos que não coincidião com os objetivos militares. Foi um erro. Foi uma divisão de forças desnecessaria. Era preferivel que o general Paes fosse reforçar a Colonia do Sacramento.

Com a tentativa malograda da fundação de Montevidéo e consequente recuo do General Paes ficou o objetivo militar maximum liquidado.

Só podia, então, o governo português pensar na conservação do territorio continentino. Quando os espanhóis reconheceram que se organizava á retaguarda da Colonia uma posição que se fortalecia e que se construíam fortes e fundavam povoações, tentaram a sua conquista em diversos ataques.

Já era tarde. Estavam os portugueses prevenidos. Não se enganaram. Sabiam que a posse daquellas terras devia custar muito sangue. Bravos os portugueses, não ignoravam que se entenderiam com gente do mesmo estôfo.

Nas questões platinas os lusitanos se distinguiram pelo valor na guerra e pela brilhante ação diplomatica. Quando não venciam pelas armas, como no ataque e retomada do Rio Grande, em poder de Ceballos, vencia pela astucia, como no ataque de Rio Pardo por Vertiz. Quando os homens de armas e de mando não resolviam as questões a contento do governo, a diplomacia habil e previsora resolvia pendengas historicas de acôrdo com os interesses nacionais.

Mostraram os portugueses nas lutas platinas as suas excelentes qualidades militares. A astucia é uma qualidade militar de alta valia. Nós em operações de guerra procuramos em primeiro lugar iludir o adversario, fazer-lhe acreditar que desejamos fazer uma cousa, para adotar outro procedimento. Necessitamos vencer o adversario pela surpresa.

Não seríamos imparciaes se apreciássemos o alto des-cortino da diplomacia lusitana sem reconhecer-lhe tambem os erros. A celebração do Tratado de Madrid, no qual colaborou um brasileiro, Alexandre de Gusmão, o nosso primeiro

diplomata, foi uma notável conquista da corôa portuguesa. É lamentável que o Marquês de Pombal, como ministro de D. José I, o tivesse denunciado. Sem proveito algum para o Rio Grande. Provocando guerras que muito nos custaram.

Pelo Tratado de Madrid, 1750, os limites do Rio Grande, pelo Sul, partiam de Castilhos Grandes até as nascentes do Rio Negro, acompanhando depois o Ibiquí. O trato de terras, que atualmente ocupamos, entre o Ibiquí e Quaraí, seria substituído por outro igual ao Sul de Jaguarão.

HERANÇA DE ODIOS

É muito comum ler-se que nós herdamos velhas rivalidades de Espanha e Portugal. São observações mal focalizadas. Não representam a realidade dos fatos. Herdamos a língua. Herdamos o genio da raça. Herdamos tradições e costumes. Herdamos a religião.

Os povos em novos cenários aprimoram-se. Desenvolvem-se. Cream nova personalidade coletiva. O novo meio apresenta-lhes novos horizontes. Daí novas perspectivas. Novas aspirações. Novas idealidades concertam-se debaixo dos novos céus.

Das velhas ascendências herdam-se credenciais morais que valem muito. Conciente ou inconcientemente ha uma apuração de valores. Na seleção são aproveitados os elementos de utilidade.

O odio não constrói. A malquerença não edifica. Nem melhora. Não beneficia. Nem progride.

Quando se constrói uma nova nacionalidade inspira os homens a esperança de melhores cousas. Melhores dias. Ha uma aspiração de construções uteis e progressistas. Anseio de conquistas beneficicas. Desprezam-se odiosidades, como escórias imprestaveis. Como resíduos inaproveitados.

Já vai longe o tempo em que o odio se perpetuava nas familias como herança sagrada. As familias lutavam. Destruíam-se com uma selvageria inacreditavel. A civilização, apurando valores e sentimentos, modificou esses velhos cos-

tumes. Não se deve odiar, porque os antepassados o fizeram. A inimizade não deve constituir herança legítima e social.

Com mais forte razão os povos formados em novos continentes, longe da mãe patria, não pôdem e não devem herdar as suas manifestações inferiores.

Geralmente os povos vizinhos são rivais. Têm interesses que se chocam. Complicações historicas deixam resalbos desagradaveis. As gerações que receberam o legado dos seus antepassados, aceitam a herança, quando ha determinantes que as identificam com as suas aspirações. São occurencias que têm fundas raizes no passado.

A rivalidade entre Portugal e Espanha data da independencia lusitana. Espanha desejava a posse de Portugal e não poudo conservá-la. A peninsula Iberica é toda ela uma terra sem solução de continuidade. Não podia ser agradável ao espanhol que aquele pequeno país, apertado entre a sua patria e o mar tivesse a pretensão de constituir uma nacionalidade.

A aspiração do povo português decidiu-se com as armas na mão. A luta começou com Afonso Henriques, querendo fazer do Condado Portucalense um país independente. Foi uma luta tremenda e demorada. Portugal defendeu-se contra espanhóis e sarracenos.

A ultima crise da nacionalidade portuguesa, tambem nossa, foi provocada por Felipe II que mandou o duque d'Alba ocupar Portugal (1580-1640). Era ainda a Espanha de Carlos V que se impunha no cenario mundial. Durante esse periodo Espanha bateu-se ao lado de Portugal contra os holandeses. Os grandes mares bravios da nossa costa assistiram as maiores batalhas navais de que ha memoria.

Só a esquadra luso-espanhola, comandada por D. Fradique de Toledo compunha-se de 59 navios, sendo vinte dous portugueses e trinta e nove espanhóis. A esquadra espanhola trazia quinze mil e quinhentos homens.

Fomos espanhóis durante sessenta anos. Espanha auxiliou-nos no combate aos holandeses.

Portugal livrou-se do cativoiro. Tornou-se nação independente, mas perdeu mais tarde Olivença. Por outro lado

a politica internacional dos dous países andava em franco desentendimento.

Portugal aliado da Inglaterra. Espanha em entendimento com a França. A sucessão da Espanha por morte de Carlos II lançou em campos opostos os dous países da Península Iberica.

De lutas que se prolongaram durante tantos anos ficaram resaios amargos.

Na Europa Espanha maior do que Portugal. Na America o Brasil maior do que as colonias espanholas. O Brasil herdou o genio português. A colonia castelhana, o genio espanhol. Dous países com a mesma origem, recebendo o influxo das mesmas invasões, constituíram-se de uma maneira muito diferente.

O português é simples e modesto. O espanhol quixotesco e altaneiro. Ambos bravos e aventureiros.

As sucessivas modificações da politica européa, as guerras que de preferencia atendiam aos interesses das dinastias, as suas proprias questões trouxeram em constante conflito os dous países ibéricos.

Tinham na Europa os seus litigios um carater puramente europeu. Era natural que questões ibéricas européas tivessem repercussão nas colonias americanas.

Supor agora que as nossas dificuldades fossem unicamente consequencias dos conflitos europeus, em que se empenharam Portugal e Espanha, é exagerar os acontecimentos ou desvirtua-los. A verdade é a seguinte: Os conflitos europeus ibéricos influíam na vida dos povos latino americanos. E as questões puramente americanas influíam por sua vez nas relações dos países a elas ligados.

Podemos exprimir melhor o pensamento dizendo que a politica internacional portuguesa tinha dous aspetos diferentes: A politica européa e a politica americana. Uma com ação sobre a outra. Casos europeus transformavam-se em casos americanos e vice-versa. No dia em que desapareceram os casos europeus ficamos unicamente com os nossos.

Não ficamos com herança de odios. Não herdamos as velhas malquerenças que separaram Espanha e Portugal.

Se chegou a existir uma certa prevenção entre os povos platinos e o Brasil, foi ela consequencia de uma politica americana. Se essa animosidade fosse herança européa, ella existiria em relação a todos os povos ispano-americanos e o Brasil. Tal facto entretanto não se deu. É bem conhecida a simpatia que sempre ligou o Chile ao Brasil. As nossas desconfianças existem entre os países limitrofes com os quaes tivemos questões.

Com o desaparecimento das pendengas historicas que nos separaram da Argentina, nota-se hoje um grande estreitamento de relações.

Mais eloquente, mais expressivo é o caso uruguaio-brasileiro. A situação de destaque do nosso país no concerto americano do Sul, situação privilegiada, parecia dar-nos a força de arbitros nas questões platinas que nos interessavam. Favoreciam tal ponto de vista o surto de homens notaveis que fulguraram na nossa politica desde a independencia.

O patriotismo imperou nos nossos estadistas, nos nossos diplomatas. Os do segundo reinado foram verdadeiramente notaveis:

Em primeiro lugar foi Pedro II, o maior politico do segundo imperio. Depois Rio Branco, Paulino de Souza, Saraiva, Otaviano, Pimenta Bueno, Cotegipe, Mauá.

Esses homens intervieram na politica platina com mão de mestre.

Sáímos sempre vitoriosos ou pela superioridade dos nossos homens ou pela superioridade das armas.

Os povos vencidos conservaram o ressaibo das derrotas, que são sempre humilhantes e dolorosas.

Basta um unico acto internacional desagradavel para esquecer-se o bem feito.

O que orienta a nacionalidade é o interesse colectivo do país. Os povos não conhecem a gratidão. O que dirige os povos é a politica. A politica não tem entranhas.

Espalhamos beneficios a mãos cheias. Auxiliamos os povos vizinhos com homens, com dinheiro, com exercito. Nada nos devem. Não reconhecem que os auxiliamos desinteressadamente. O que foi feito, está feito e liquidado.

Não terá projeções sobre o futuro. Só o que fica é a magua de um ato infeliz.

Dous atos de nossa diplomacia foram desacertados e que vieram criar dificuldades.

Primeiro: Os limites da antiga provincia de Montevidéo iam até o Arapeí. Anexado ao Brasil como Provincia Cisplatina, deram-se-lhes como limite a Linha do Quarai.

Segundo: O tratado de 1851, que tirou aos uruguaioes o condominio da Lagôa Mirim.

Este ultimo fato foi um motivo para a continuação de queixas. Para o Uruguai era um agravo, que os feria.

As relações commerciaes não aproximavam dois povos. Na fronteira brasileira-uruguiaia não havia relações sociais. Os dois povos limitrofes viam-se com desconfianças.

Os meninos uruguaioes eram criados no odio aos brasileiros.

Em Santana do Livramento, por exemplo, havia todos os dias, especialmente nos domingos, verdadeiras batalhas entre os meninos de Rivera e de Santana.

Um menino santanense quando ia só a Rivera era espancado. Um menino riverense quando vinha a Santana era maltratado.

Pois bem, tudo isso desapareceu. Vivem hoje na melhor das harmonias, porque Rio Branco reconheceu o condominio da Lagôa Mirim e Rio Jaguarão. As duas sociedades se entrelaçam por tal fórma em Santana e Rivera que se póde considerar uma sociedade só.

Os dois povos vizinhos marcham hoje sem prevenções e sem desconfiança, como verdadeiros amigos.

Praticamente pouco vale o condominio. Os uruguaioes defendiam o seu patrimonio moral. E como é um povo extremamente patriota aquella injustiça era uma magua profunda.

Para verificar a sinceridade desse concerto basta vêr a veneração que teem os uruguaioes pelo Barão do Rio Branco.

O fato citado basta para provar que não herdamos odio dos portuguezes. O que nos ficou foram cousas nossas, americanas.

A CISPLATINA

Em 20 de junho de 1814, os argentinos tomaram Montevideo, ultimo reduto dos espanhóis nas margens do Prata. Estava a independencia das Provincias Unidas definitivamente realizada.

Pouco tempo depois acende-se a luta civil entre Artigas e o Governo de Buenos Aires. A contenda teve, como cenario principal Corrientes e Entre Rios. O Brasil, alheio á questão, sofreu com a invasão do seu territorio pelas forças do celebre caudilho. Era impossivel exercer uma fiscalização rigorosa em toda a fronteira, que nessa época era quasi deshabitada. Vencidos os argentinos em Guaiabo e Colodrero e evacuada Montevideo, está Artigas senhor da Banda Oriental, de Entre Rios e Corrientes, Santa Fé e Cordoba. Pretendia o caudilho levar a luta a Buenos Aires, onde pretendia “limpar a cadeira ditatorial, assentando nela um indio charúa”.

A situação era premente para Buenos Aires, em vista das imposições que lhe fazia Artigas. A Espanha apresentava uma expedição comandada por Murillo. Supunha-se que ela se dirigia ao Prata, porém ela seguiu para a Venezuela.

O Principe Regente pediu tropas ao Reino e veiu Lecór com tropas que desembarcaram no Rio de Janeiro em novembro de 1815 e abril de 1816.

“Como se vê, a chamada de tropas européas foi decidida quando o Principe Regente se convenceu de que a expedição espanhola de Murillo ia ser empregada contra o Rio da Prata e na mesma ocasião em que recebia a nova das vitorias decisivas de Artigas sobre o exercito de Buenos Aires. O pensamento do Governo era então limitar-se a cobrir o territorio brasileiro contra os insultos de Artigas”. (Rio Branco).

Tinham as Provincias Unidas dois problemas de grande magnitude a resolver: o reconhecimento da independencia e as vitorias de Artigas.

Rivadavia e Belgrano chegaram ao Rio de Janeiro nos primeiros dias de janeiro de 1815. Iam á Inglaterra tratar do reconhecimento da independencia e pedir que fosse acla-

mado no Rio da Prata um príncipe espanhol. Na impossibilidade de conseguir esse objeto, outro príncipe estrangeiro. Em 16 de março partiram para a Inglaterra os dous emissários.

A atitude de Artigas inquietava os seus vizinhos, especialmente o Brasil. O governo do Rio fez reclamações que ficaram desatendidas. As reclamações do capitão general do Rio Grande e os trabalhos de emigrados argentinos e orientais, apoiados também por Garcia, representante do Governo de Buenos Aires, determinaram a resolução da conquista da Banda Oriental.

Artigas depois das vitórias citadas não ficou inativo. Transpôz o Paraná e foi recebido como um salvador em Santa Fé. Córdoba aderiu também ao grande guerrilheiro.

Artigas bate às portas de Buenos Aires. Alvear envia contra elle um exercito comandado por Tomaz Alvares, que sublevou-se, confraternizando com os adversarios.

Revolucionada a capital das Provincias Unidas, Alvear, então Diretor Supremo, refugia-se a bordo de um navio inglês e emigra para o Brasil. Com elle seguem alguns de seus adeptos, entre elles Nicolau Herrera e Valentim Gomez.

O Cabildo de Buenos Aires em 30 de abril publica um manifesto que dá a Artigas o epíteto de "Ilustre, benemerito, invicto, herói e bemfeitor generoso que soube demonstrar a retidão dos seus intentos e sofrer a injustiça e as atrozidades imposturas com que a tirania o procurava tornar odioso".

Todos os decretos publicados contra Artigas, quando Diretores Posadas e Alvear, foram reduzidos á cinza.

Remeteram presos e algemados ao acampamento de Artigas, seis dos chefes militares, que elle mais odiava. O grande caudilho repeliu a oferta humana, declarando que não era verdugo de Buenos Aires.

Foram enviados representantes das provincias unidas ao acampamento de Artigas para negociar a paz. Artigas extremou-se em exigencias. Córdoba, Santa Fé, Entre Rios e Corrientes ficariam sob a proteção da Provincia Oriental do Uruguai e direção dos chefes dos Orientais, além de exigencias de armamento e dinheiros.

As negociações não chegaram a bom termo e a situação continuou no mesmo pé.

Os emigrados que estavam no Rio trabalhavam para que o governo português atacasse Artigas, atitude essa apoiada pelo Marquês de Alegrete, capitão general e governador do Rio Grande. Em 3 de janeiro de 1816, enviou Herrera ao Marquês de Aguilar no Rio, um extenso memorial em que sustentava que os uruguaioi receberiam com aplausos e reconhecimento quaisquer tropas estrangeiras que os fossem libertar do jugo de Artigas (Rio Branco).

O general Balcarce, quando Diretor Supremo das Províncias Unidas, aceitou as humilhantes condições impostas por Artigas.

O BRASIL COMO FATOR DA INDEPENDENCIA ARGENTINA

Temos as Províncias Unidas vencidas e subjugadas diante de Artigas que impõe a sua vontade. Buenos Aires, sem recursos, roida pela anarquia, com Diretores Supremos que se sucedem diariamente, não tinha elementos para desprender-se de Artigas. Fatalmente teríamos a constituição de um novo Estado, forte e vitorioso, separado das Províncias Unidas pela barranca do Paraná. A outra conclusão não se pôde chegar em vista dos acontecimentos que se deram.

Emissarios argentinos andavam pela Europa, tratando do reconhecimento da independencia e procurando um principe para o novo trôno que se crearia.

Alvear e Herrera em desespero de causa pediam no Rio de Janeiro a intervenção da Côrte Portuguesa contra Artigas.

Não tinham os argentinos meios para afiançar a sua soberania e se debatiam desanimados e desesperados em uma crise violenta.

Que alterou o desenrolar desses acontecimentos? Porque foi Artigas contido na sua marcha vitoriosa? Artigas era a vontade inquebrantavel. Era a vitoria e o dominio absoluto. Buenos Aires era a derrota. Era a anarquia.

Era necessario que um elemento novo interviesse na luta para que a situação se modificasse. Só a intervenção de um fator extranho ao meio poderia modificar os aspeto dos acontecimentos.

As Provincias Unidas em desespero de causa apelavam para a fórmula de governo monarchico, em que se interessavam homens eminentes como Rivadavia e Belgrano e uruguaio e argentinos pediam a intervenção do Brasil.

O fator novo que interveiu na luta foi o Brasil. O Governo Português interveiu na contenda derrotando Artigas. Catalan foi um golpe de morte no poderio do caudilho. Taquarembó foi o tumulto da independencia uruguaia e uma aurora redentora para as Provincias Unidas.

Dissipou-se o sonho do grande caudilho. Desapareceu, graças á intervenção brasileira, o grande inimigo de Buenos Aires. Anularam-se as tendencias ao desmembramento. Modificou-se o cenario platino.

É justo reconhecer que o Brasil foi um dos fatores da consolidação da independencia argentina e concorreu poderosamente para o seu engrandecimento.

A conquista da Cisplatina foi um bom negocio para Portugal. Para o Brasil, que necessitava consolidar a sua independencia, foi um gravame.

Nada nos ficou da conquista da Cisplatina. Ao contrario, tivemos prejuizo territorial. Valha-nos a compensação moral que é uma recompensa que nos fala á nossa generosidade e ao nosso altruismo, de termos livrado a Argentina do seu grande inimigo e concorrido para a sua consolidação.

Podemos contar com um padrão de glórias. Bincon, Sarandí, Catalan, Taquarembó e Ituzaingo viram correr o sangue da nossa brava gente.

O Uruguai de Artigas não podia suportar mais o jugo de qualquer nacionalidade. Repeliu a dominação brasileira, como repeliu a Argentina.

Os limites do Uruguai foram traçados pela espada de

dous generais: Rivera e Pereira Pinto concertaram ás margens do Quaraí as novas divisas entre as duas nacionalidades. Foi uma ação de guerra. Não um ato diplomatico.

Perdemos o trecho que vai do Arapeí ao Quaraí. Os limites da Provincia de Montevidéo iam até o Arapeí.

Sintamo-nos orgulhosos, quando vemos a grande republica platina brilhar nos seus esplendores. Temos parte nas suas excellencias. A Republica Argentina é uma honra para a cultura americana. Concorremos com o nosso esforço para o seu engrandecimento, para a sua consolidação, para o seu formidavel progresso. Não foi só em Caseros que pelejamos pela sua grandeza. Foi em Catalan. Foi em Taquarembó.

Taquarembó para Artigas foi um esmagamento. Para o Uruguai, um eclipse. Para a Argentina, uma redenção. Para o Rio Grande o desaparecimento de um adversario terrivel que continuamente desrespeitava a soberania nacional.

Taquarembó! Ocaso de um guerreiro illustre.

Taquarembó! Aurora de uma pujante nacionalidade.

ARTIGAS

Na historia das lutas sul-americanas tem o Brasil uma atuação de verdadeiro destaque. O descortino da politica imperial tem as caracterizações das grandes iniciativas, de empolgantes vitorias.

A erros iniciais, se erros houve, seguiu uma brilhante ação de largos horizontes.

É discutivel o critério brasileiro nas suas intervenções no Prata. Póde-se discordar da idéa máter, mas é impossivel negar que as negociações foram sempre conduzidas por mão de mestres.

Não deve orientar a opinião brasileira o juizo dos nossos homens alimentando ainda resaios de velhas malquerenças.

Preferimos os juízos dos adversários. Estudemos até aqueles que nos ferem céga e injustamente.

Interpretemos o sentir de outros que nos aplaudiram, ou exaltaram a nossa ação. Com uns e outros veremos que os nossos homens que agiram no cenário do Prata foram grandes vultos da nossa política e souberam honrar a sua Pátria.

Era o que o Brasil tinha de mais ilustre. Homens de saber, homens de pensamento, homens de ação, capazes, dignos de figurar em qualquer cenário internacional. Rio Branco, Saraiva, Cotegipe, Otaviano têm o talhe e o lance de verdadeiros diplomatas.

Elevaram o nome de sua Pátria no Estrangeiro.

No Rio, pontificando, Paulino de Souza era digno da grande interpretação.

A Monarquia agira com desperdício de homens notáveis. Todos os políticos referidos pertenceram ao Império.

A República conserva a mesma supremacia intelectual.

Póde apresentar Rio Branco, Rui Barbosa, Epitácio, Calogeras, Melo Franco e Raul Fernandes. Póde ter havido erros, mas os mantenedores das nossas aspirações foram figuras primaciais pelo relevo das atuações brilhantes.

Na America do Sul nenhum país apresenta ativo tão grande de serviços de valimento real e de homens ilustres e que se tenham distinguido no concerto das nações. O Brasil nunca interviu no Prata, levado pelos seus interesses. De guerras, guerras que lhe valeram dispendios colossais, nada trouxe, além da recompensa moral de concorrer para o engrandecimento de seus vizinhos. Não é arranjado o asserto. É a expressão da verdade. Porque a Côrte Portuguesa interveiu em 1815 na Provincia de Montevidéo? Quais foram os inspiradores dessa attitude? Alvear, Herrera e seus adeptos.

Não moveu a politica portugueza o desejo de engrandecimento á custa dos visinhos. Eram os representantes dos países interessados, que envidaram todos os esforços para conseguir a intervenção e a occupação. O relatorio apresentado por Herrera mostra perfeitamente o que elles fizeram e até onde chegaram. Eram os verdadeiros creadores do caso. Eram os autores. Eram os inspiradores.

Animado pelos pedidos dos interessados, argentinos e uruguaio, nasceu no Governo Português o desejo da conquista, que lhe era francamente solicitada.

O primeiro pensamento da intervenção não foi seu. Depois de identificado com a idéa da intervenção appareceu o desejo logico, racional de levar as fronteiras do Brasil até o Prata.

O primeiro trabalho pertence aos homens das Províncias Unidas. O segundo, á politica portugueza. O desenrolar dos acontecimentos creou a Provincia Cisplatina. Os pedidos de intervenção e de conquista não deixavam dúvidas. Eram francamente expressos.

Seduzido por aquelles que eram figuras de primeira ordem na contenda e que se mostraram pequenos na adversidade, tramando contra a patria a Corôa Portuguesa embarcou em uma aventura de consequências funestas.

A conquista da Provincia de Montevidéo e a sua anexação ao Brasil foi o pômo de discordia, foi a fonte de todos os nossos dissabores internacionais. Já se tinham apagado da memória de espanhóis e portuguezes os fatos que sempre os mantiveram em luta. Distraídos os espanhóis com as suas questões internas que pareciam eternizar-se, tinham posto á margem os seus historicos antagonistas. O ultimo acontecimento notavel, que foi a conquista das Missões Orientais do Uruguai era um caso liquidado, que mais pertencia aos espanhóis que aos platinos. Sem o caso da Cisplatina, é bem possivel que as questões, que separavam os dois povos da peninsula Iberica, não tivessem na America uma repercussão sanguinolenta.

Artigas, agiu, levado pelas suas proprias inspirações. O sonho audaz do guerrilheiro não foi inspiração de outros. Foi um golpe genial do grande caudilho. De um lado a provincia de Montevidéo vitoriosa. De outro Buenos Aires, vencida. Para essa situação não concorreu o Brasil colonial. Era simples espectador. Inspirado ou melhor atendendo aos reclamos dos platinos, interveiu Portugal.

Era Artigas inimigo perigoso para nós? Não. O desrespeito á nossa fronteira deshabitada e imprecisa não é

argumento de valor para justificar a intervenção. Não podíamos temer o engrandecimento de Artigas. A divisão das Províncias Unidas em dois grandes estados não ofendia os interesses brasileiros. Ao contrario, maior seria o nosso destaque.

Atendendo aos insistentes pedidos de Alvear e Herrera, a côrte portugueza serviu unicamente, directamente os interesses argentinos, livrando Buenos Aires do seu inimigo victorioso. Os inspiradores da conquista foram pouco depois os inimigos que o Brasil encontrou em seu caminho.

Não nos deve impressionar essa incoerencia e levamo-la á conta da falibilidade das ações humanas. Deveria fatalmente ser perturbada a nossa occupação. As campanhas victoriosas de Artigas fizeram nascer nos filhos da Cisplatina o desejo da Independencia. Para alguns a anexação ao Brasil foi uma solução de oportunidade. O inimigo de ontem foi o protetor de hoje. Póde-se afirmar que foi o proprio Portugal quem armou o braço que devia amparar a Provincia Cisplatina, com a derrota de Artigas...

Resultado final da campanha:

Para o Brasil: desperdicio de forças, perda de energia, grande sangria no tesouro; recuo dos seus limites do Arapeí para o Quaraí.

Para o Uruguai: a sua independencia.

Para a Argentina: a derrota de Artigas victorioso, que batia violentamente ás portas de Buenos Aires, vencida e humilhada.

ROSAS

Gemiam as Províncias Unidas, sob o guante ferreo de Rosas. Era Rosas um perigo grande para o Brasil? Não. Tivemos vantagens na nossa intervenção contra Rosas? Morais, porque concorremos com sangue e dinheiro para estirpar um cancro da nação amiga.

Rosas sonhava, para distraír as correntes politicas internas, com a reconstituição do Vice-Reinado do Prata. Depois

de conquistar o Paraguai e o Uruguai, bateria ás nossas portas, atrás das Missões Orientais do Uruguai.

Seria Rosas um inimigo a temer? Não. Tivemo-lo peor em Solano López. São duas entidades que se repelem. Rosas vitorioso, López não surgiria no cenario americano. Deveríamos enfrentar um ou outro. Enfrentamos os dous. Se não tivéssemos lutado contra Rosas, não teríamos lutado contra López, mil vezes mais perigoso que o seu rival em tirania.

López era o Paraguai inteiro, forte, armado e aprestado para uma grande guerra. Era a nação paraguaia que se atirava á luta. A fundo. Disposta ao sacrificio extremo.

Rosas era a luta interna. Tinha dentro da propria patria os maiores inimigos, que só esperavam ocasião para ataca-lo. Achava-se o país enfraquecido pelas lutas internas e pela emigração. Os maiores valores intellectuais estavam afastados do país. Os grandes americanos Mitre e Sarmiento curtiam as amarguras do exilio. Não tinha Rosas atrás de si o povo para ampara-lo. Rosas governava um país esgotado e escravizado e que não teria o valor moral necessario para empresas como a de atacar o Brasil.

Os proprios argentinos consideravam-no um tirano e um usurpador. Um ataque ao Brasil não seria uma guerra nacional para os platinos, que viam em Rosas o seu maior inimigo. Seria uma guerra contra Rosas e seus assecclas.

Entre López, chefe de um país preparado para uma grande guerra, dispondo de um grande exercito, apoiado pela nação inteira e Rosas o maior inimigo dos argentinos, com o país perturbado por discordias internas, sem contar com a unanimidade dos seus concidadãos, é forçoso reconhecer que o tirano do Paraguai foi um adversario mais perigoso.

A grandeza de Rosas, edificada sobre o sacrificio da nação argentina não podia ser um perigo para o Brasil.

Não passava de um espantalho.

Durante a contenda, os fatos supervinientes autorizaram o procedimento da diplomacia imperial. Parecia termos na nossa frente um grande inimigo.

Combatendo-o, vencendo-o, fomos dar lugar a uma se-

quencia de acontecimentos, que vieram determinar o nascimento de um perigo maior.

Se fosse possível perscrutar os arcanos do futuro e observar que do outro lado do Paraná se esboçava a criação de um Estado pletórico de força, teria sido de bom aviso deixar que os acontecimentos no Prata seguissem o seu curso normal.

Era, entretanto, impossível prever o aparecimento de López.

Foi pois, acertada a intervenção brasileira. Era preciso ferir de morte o louco que nos ameaçava. A diplomacia imperial houve-se com galhardia. Monte Caseros, epílogo do grande drama, é um título de honra para o Brasil.

Trouxemos da campanha a satisfação de ter agido em nome da civilização. Nada mais. O Brasil mandou á Argentina um exercito que foi digno da missão que lhe foi confiada.

A luta contra Rosas é uma pagina de honra para a politica brasileira.

SOLANO LÓPEZ

Da intervenção do Brasil em 1851, não tivemos compensações materiais. Nem as procuramos. Justifica-se a de 1864, alegando-se que o fizemos para garantir a vida de nossos compatriotas que estavam sendo massacrados. O general Neto foi o paladino da intervenção. Agitou a opinião pública no Rio Grande e depois na Côrte. É bom, entretanto, não esquecer que Mauá, o grande Mauá, que conhecia as nossas relações com o Uruguai, era contrario á intervenção. As nossas questões com o Uruguai, são questões entre vizinhos e como tal devem ser solucionadas.

No meu livro "Santana do Livramento, terra original", pronto para o prélo, trago á interpretação desses fatos novos elementos de discussão inéditos e desconhecidos e de grande valor para estudar as nossas relações com esse país vizinho...

Tivemos na questão um ponto de vista e foi êle o orientador da nossa politica. A diplomacia imperial dentro das

suas inspirações agiu com firmeza e com acerto. Derribado o partido blanco e elevado á curul presidencial o general Flores, estava terminado o conflito internacional.

Aparecem correntes que dizem que a intervenção no Uruguai provocou a guerra do Paraguai. Não se póde dar credito a essa acusação. A questão uruguaia não foi o motivo da guerra do Paraguai. Foi um pretexto. A mania das grandezas fez de López o aspirante a um grande destino na America do Sul. Quando nosso amigo preparou um grande exercito, formidavel demais para a época e para o país. Para que organizara esse exercito? Que haveria naquela cabeça de visionario ou de louco? Seria contra nós? Não é acreditavel, porque apresentava-se como nosso amigo, servindo-se dos nossos homens de armas. Porto Carrero e Cabrita auxiliaram a organização e instrução do exercito paraguaio. Alguma cousa planejava aquele cerebro agitado por visões exaltadas. Os fatos faziam supôr que não era contra nós.

López alimentava o desejo de intervir no cenario platino como árbitro. Esperava um pretexto, uma oportunidade. A ação diplomatica do ministro Berges não demonstra outra cousa. Transformado o país numa potencia militar respeitavel, Rosas não deixou de se agitar. A sua politica aggressiva deveria ter despertado suspeitas aos seus vizinhos. Não era possivel mais duvidar das suas intenções. López não deixaria passar a primeira oportunidade que se apresentasse. A sua mania de grandezas era capaz de forgicar um pretexto. Não foi, entretanto, preciso. O Brasil deu-lhe o pretexto desejado.

A intervenção de 1864 no Uruguai foi o pretexto que tanto desejava López.

É conveniente repetir que as intervenções do Brasil no Prata não foram arbitrarías, afim de satisfazer os seus interesses. A intervenção de 1816 foi ardentemente solicitada por uruguaio e argentinos. A de 1851 foi resultado de um acôrdo com Urquiza e com o apoio dos inimigos de Rosas, a élite da Nação Argentina. A de 1864 foi apoiada por Flores.

López aprisionou a 12 de novembro de 1864 o navio

Marquês de Olinda. Foi implicitamente uma declaração de guerra.

A Argentina, o Brasil e o Uruguai tomaram armas contra o governo do Paraguai, em aliança. Foram cinco anos de lutas, de combates gloriosos, não só para o nosso exercito mas tambem para o nosso povo que fez os maiores sacrificios. A guerra custou-nos esforços colossais. Não estavamos preparados para ela, mas mantivemo-nos á altura das nossas responsabilidades. Improvisamos tudo: Exercito e Marinha. A energia dispendida foi imensa, digna de um povo forte... Mostramos uma opinião inquebrantavel até o fim, a attitude de quem sabe querer.

Revelaram-se os nossos generais. Revelaram-se os nossos estadistas. Ouro Preto na pasta da Marinha ensaiou os primeiros vôos de agua.

Caxias encontrou o teatro que precisava para a sua grande capacidade militar.

López, o tirano, o fraticida, a hidra insaciavel, que não se fartou com o sangue humano que fez correr ás torrentes, caíu em Aquidaban. Desapareceu o monstro horrendo.

Quais foram as vantagens que trouxe o Brasil da guerra? O recúo dos seus limites. A linha divisoria com o Paraguai era o Igureí e foi recuada para o Norte.

Nunca entrou nas cogitações dos estadistas do Imperio e da Republica a ambição de conquistas. O fim que sempre tiveram em vista foi manter a nossa integridade, ás vezes ameaçada pelos nossos vizinhos.

Honremos a sua memoria com a nossa veneração, com o nosso respeito. Façamo-lhes justiça. Não deixemos que os seus inimigos de ontem os admirem mais do que nós, os seus compatriotas de hoje.

Condenar a sua ação tão admirada pelos adversarios, negar-lhes larga visão patriotica, onde relampejava a genialidade de um povo, mais do que a de individuos favorecidos, é obra malsã de derrotismo. É o negativismo que, não sabendo construir, nem conservar, vê tudo através de preocupações pessoais, discentidas das aspirações patrioticas.

Larga visão tiveram os nossos homens de antanho. Escreveram a pagina mais bela da politica internacional sul-americana. Os seus maiores admiradores são os seus proprios adversarios.

Ao se falar de López e da Guerra do Paraguai devemos lembrar o que ela custou ao Rio Grande.

Estigarribia passou pela nossa fronteira como um tufão.

Osorio depois do nosso concurso já consideravel, organizou um corpo de exercito.

O Rio Grande tem a honra de ser o unico ponto da America onde se encontraram três chefes de Estado.

A antiga provincia forneceu para essa guerra brilhantes generais: Osorio, Porto Alegre, Tamandaré, Neto, Andrade Neves, Camara, José Luiz, João Manoel e Vasco Alves.

(Continúa)

Monumentos Historicos e Artisticos de Rio Pardo

por Dante de Laytano

NOSSA SENHORA DO ROSARIO DE RIO PARDO DO RIO GRANDE DO SUL

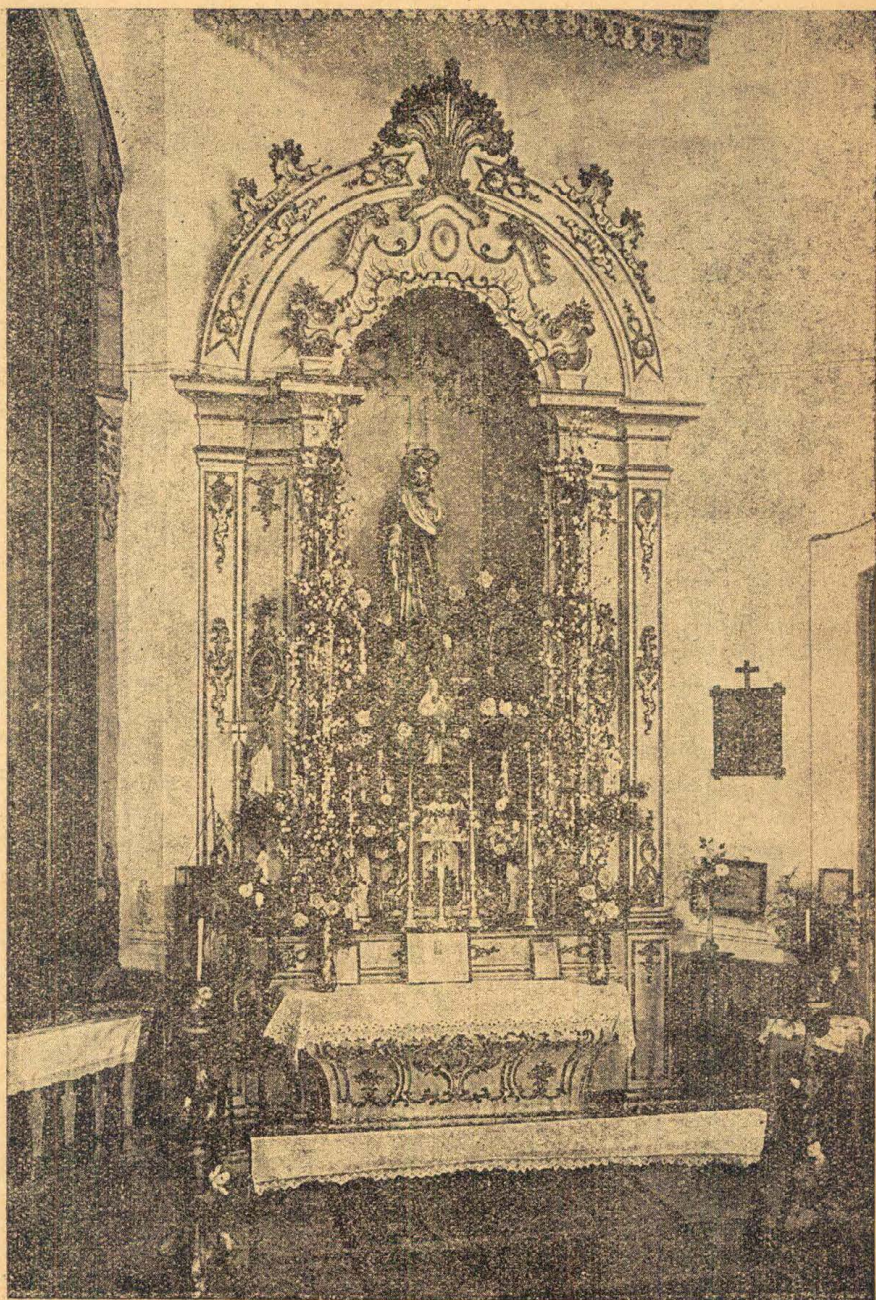
Os seus monumentos historicos e artisticos —
Uma cidade evocativa — O que resta dum esplendor
— Alma da Republica Farroupilha — A nobreza
do Segundo Imperio e o fausto de seus solares —
Sugestões ao crepusculo á margem dos rios tristes
e alegres...

UM POUCO DE HISTÓRIA

Os territorios ao sul de Laguna não constavam da real preocupação de sua fidelissima majestade El-rei de Portugal, porque nesses territorios os minérios preciosos não andavam á flôr da terra e o sub-sólo exigia uma longa e exaustiva pesquisa que não condizia com o carater dos escassos povoadores lusitanos. Povoadores, que se deprimavam entre os indigenas e não sentiam nenhuma disposição de remeter minérios para os fidalgos da Côrte esbanjarem num delirio de vícios e perdições...

Era mesmo preferivel os proprios povoadores esbanjarem entre negras e indias, nas senzalas e nas florestas...

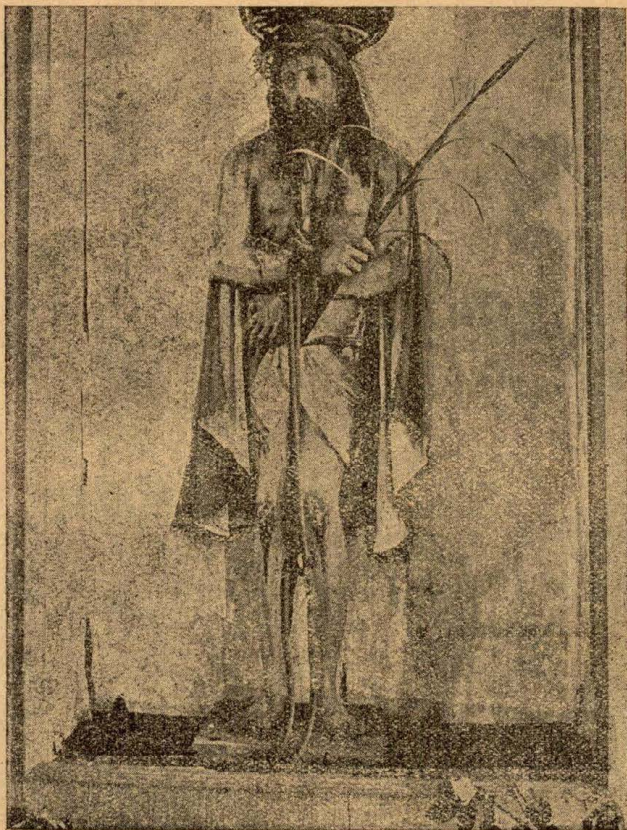
Os dominios da America Portuguesa periclitavam diante das contínuas invasões dos espanhóes pelas fronteiras do Sul



Altar lateral da Matriz. O entalhe bem visível na madeira clara está á capricho.

e além de perder-se o escoadouro natural do Prata iamos a ponto de tambem perder o Riogrande.

Finalmente o Conselho Ultramarino resolve, em sessão de 3 de maio de 1745, crear a vila do Riogrande de S. Pedro embora Gomes Freire votasse contra. D. João V homologa



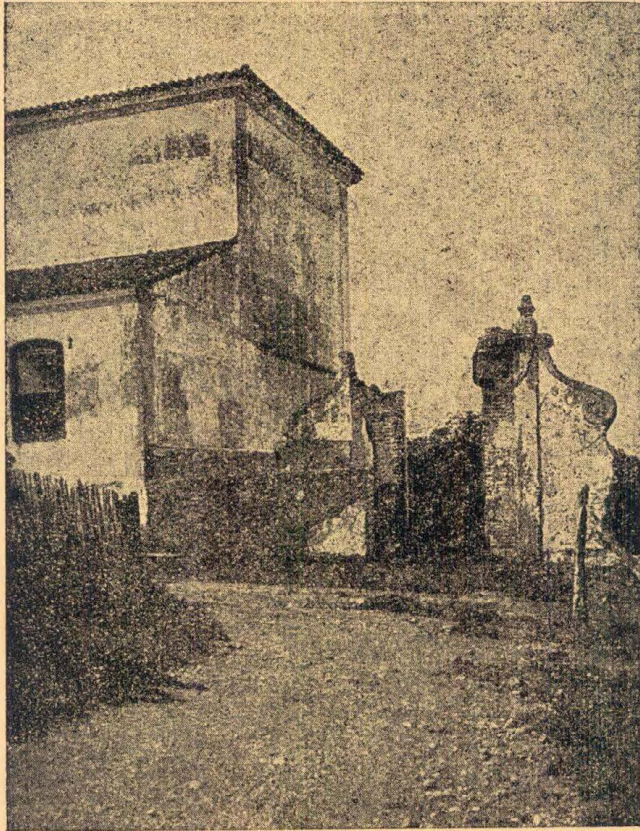
Jesus de pé, com os pulsos amarrados, tem um expressionismo atroz de dor. As chagas dos joelhos são perfectas. E' uma das sete imagens de madeira que estão expostas na igreja de S. Francisco.

no mês seguinte essa resolução, mas sómente dois anos depois o Vice-Rei Conde de Bobadela manda o Ouvidor de Paranaguá instalar a vila de S. Pedro.

Passam-se mais dois anos sem instalar-se a citada vila,

e apenas se efectivou tal ato quando veio, mais tarde a 16 de dezembro de 1751, Manoel José de Farias, Ouvidor da Ilha de Santa Catarina que por ordem do mesmo Vice-Rei instalou a vila de S. Pedro.

O apavorante desinterêsse da Metropole só ia cessar quando D. José I sóbe ao trono português a 31 de julho de 1750



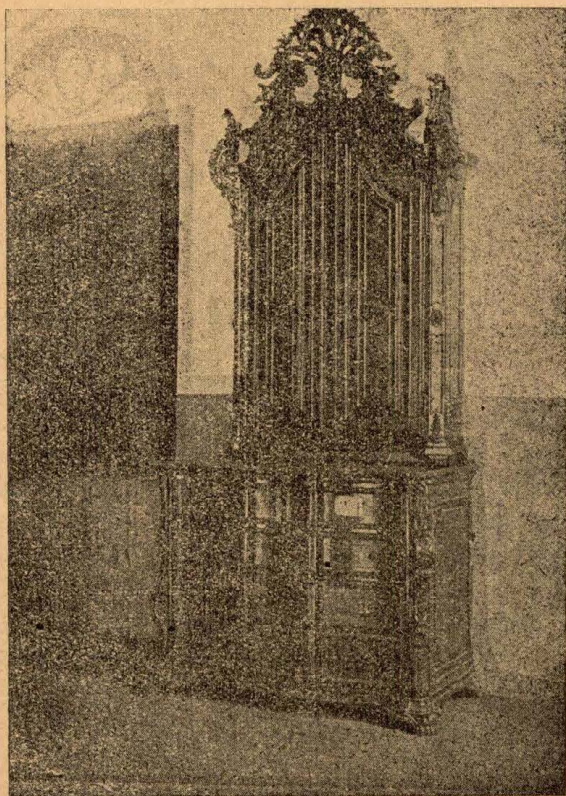
A absida da Igreja de S. Francisco onde o velho portão em ruínas dá entrada á necropole de alguns heróis gauchos.

e se cerca da figura notavel desse Sebastião José de Carvalho e Melo, que foi o Marquês de Pombal...

O Rio Grande imediatamente se sentiu atingido pela energia realizadora daquele grande Ministro e o Rio Grande era

assistido, por parte da Côrte, pela primeira vez desde o Descobrimento; a cronologia da história de Rio Pardo também aí começa pela construção, em 1750, do forte Jesus Maria José.

O ponto extremo das nossas fronteiras ia merecer, como mereceu, uma sentinela avançada para repelir o caudilho audaz que nos invadia as posses e para fazer recuar o espa-



Oratorio existente na sacristia da Igreja do Senhor dos Passos. O preciosismo de seu entalhe em madeira de côr severa revela o fausto duma época cuja grandesa penetrou até na intimidade do clero...

nhol valente, formou-se uma geração, um povo, uma raça mais valente ainda: o gaúcho...

Esse gaúcho, que ao cair no descampado das coxilhas encontra sempre o aventureiro estrangeiro para combatê-lo...

O povoador se caldeava com os nativos, um perdia a indolência luxuriosa e outro perdia a timidez e ambos formavam um novo povo cuja lei era a força e cujo direito era o arcabuz; almas heroicas de povos pastores trocaram a paz pela guerra e a pena pela lança. E Rio Pardo foi o berço histórico dessa sub-raça brasileira...

ALGUMAS DATAS

Em 1753, no alto da Fortaleza, construiu-se uma capela, consagrada á Sagrada Família.

Edificou-se, em 1759, uma outra capela sob a evocação de Santo Angelo, que por portaria de 15 de dezembro de 1762 foi creada capela curada e a 3 de outubro de 1779 foi festivamente instalada a freguesia de N. S. do Rosario de Rio Pardo.

O alvará de 27 de abril de 1809 dividiu a capitania do Rio Grande de S. Pedro do Sul em quatro municipios, sendo que Rio Pardo constituia um dêles com uma área de 156.803^{km}², compreendendo os territorios que atualmente constituem os de Alegrete, parte do de Bagé, Caçapava, Cachoeira, Cruz Alta, D. Pedrito, Encantado, Encruzilhada, Estrela, Guaporé, Ijuí, Itaquí, Julio de Castilhos, Lageado, Livramento, Palmeira, Passo Fundo, Quaraí, Rosario, Santa Cruz, Santa Maria, Santo Amaro, Santo Angelo, S. Borja, S. Francisco de Assis, S. Gabriel, S. Luiz de Gonzaga, S. Sepé, Santiago do Boqueirão, S. Vicente, Soledade, Taquarí, Uruguaiana, Venancio Aires.

Instala-se vila a 20 de maio de 1811 e cidade a 17 de maio de 1846.

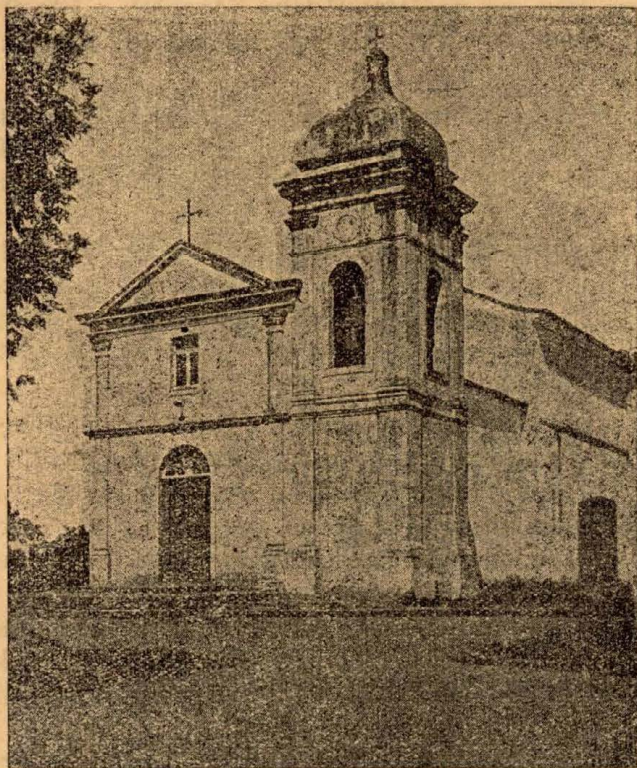
UM CRONISTA INGLÊS

“Nicolau Dreys chegou á provincia em 1817, por ocasião da guerra de Artigas, vendo-se logo envolvido nas operações militares.

“Depois, levado por especulações comerciais e ás vezes por amor á caça, percorreu grande parte da fronteira, do

centro e do territorio das Missões, tendo residido alguns anos na cidade do Rio Grande. Escreveu, portanto, como testemunha de vista e as suas descrições são cheias de vida e de verdade.

“Com grande propensão para os estudos geograficos, explorou, por assim dizer, palmo a palmo, parte da costa e do interior. De espirito culto, possuindo variada biblioteca de



Fachada da Igreja de S. Francisco; é pobre mas encerra no seu interior, em altares mais pobres ainda, sete imagens de madeira, que, exceptuando-se as de Minas Gerais, são as mais notaveis do Brasil.

livros scientificos e de viagens, o que se depreende de numerosas citações, tinha lido tudo que existia então publicado sobre esta parte do Brasil.

“Eram-lhe familiares as obras de Simão de Vasconcelos,

Olway, Arsène Isabelle, Douvillé, Mawe e outros. Cita em nota os "Anais" do Visconde de S. Leopoldo, então no prélo, assim como o mapa de José Pedro Cezar, que devia acompanhar a primeira edição deste livro.

"Das obras antigas sobre o Rio Grande do Sul, as mais completas e minuciosas, além da "Noticia" são as de Arsène Isabelle ("voyage á Buenos Ayres et a Porto Alegre") publicada em 1835 e a de Saint Hilaire ("voyage a Rio Grande do Sul") escrita em 1820-21, mas que só foi impressa depois de 1860.

"Isabelle, como declara o proprio Dreys, não passa dum simples contador de histórias. Suas observações, superficiais quasi sempre, são muitas vezes apaixonadas e injustas.

"O livro de Saint-Hilaire, em fôrma de diário, registrando com aguda observação, tudo o que via e lhe contavam em caminho, é um verdadeiro monumento e pelas suas vastas proporções, descrevendo uma viagem em quasi todo o perimetro da provincia, a publicação mais rica de detalhes sobre o Rio Grande antigo.

"De proporções mais modestas, a "Noticia" de Dreys lhe é no entanto superior sobre muitos pontos de vista.

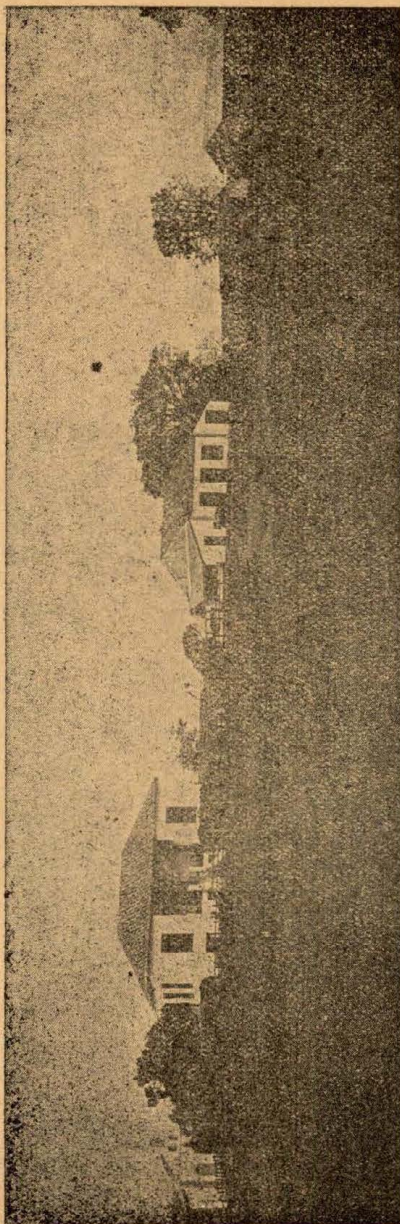
"Saint-Hilaire, viu de relance, observou muitas cousas, formou juízo ás vezes precipitado, guiando-se por informações incompletas ou que não reproduziam com fidelidade".

São as palavras que o notavel historiador riograndense Alfredo Rodrigues escreve, á maneira de prefacio, na última edição do "Noticia Descritiva da Provincia do Rio Grande de S. Pedro do Sul" de Nicolau Dreys.

A primeira edição deste livro appareceu no Rio de Janeiro, em 1839, impresso por J. Villeneuve & Cia. e logo assegurou ao seu autor os fóros de narrador elegante e sutil.

O espirito racial de Dreys bem lhe calava como escritor de viagem e o mérito de seu livro será sempre aplaudido pelo público estudioso e até mesmo por qualquer público que por ventura chegue a conhecê-lo.

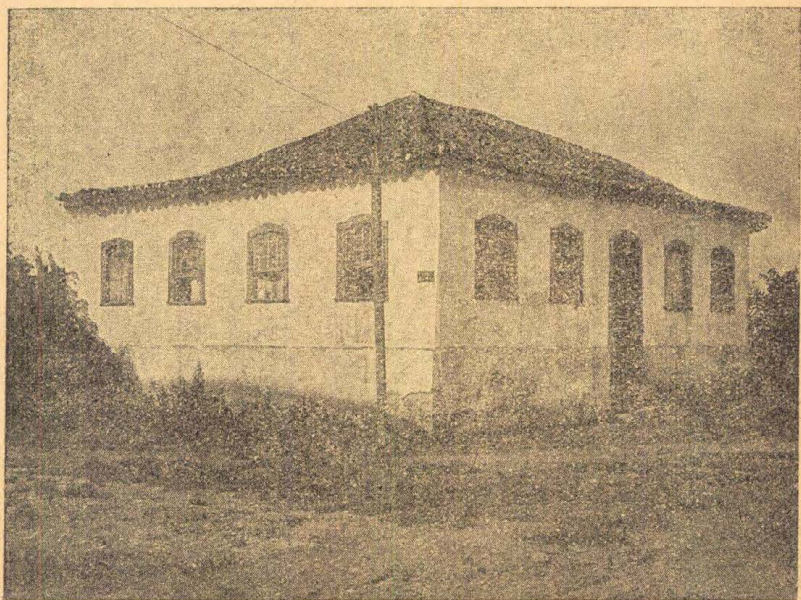
O interêsse historico de sua síntese sobre Rio Pardo é assim vivo que ainda hoje, passados cem anos, desperta a



Fazenda das Fedeirneiras onde D. Pedro II pernolrou quando de sua passagem pelo Rio Grande do Sul.

mais profunda curiosidade e não é sem proposito que se julga indispensavel a transcrição deste texto tão fotografico e tão incisivo pelo retrato duma época e pelos conceitos opportunissimos sobre os problemas de então.

“Mais antiga e muito tempo rival de Porto Alegre, a vila de Rio Pardo ainda é, depois da capital, o mais consideravel ponto habitado da parte setentrional da provincia; levanta-se na margem esquerda do Jacuí, no angulo formado pela jun-



Casa onde residiu dezenas de anos Sebastião Xavier do Amaral Sarmiento Mena. Notavel orador, jornalista, estudou medicina em Paris, brilhante advogado, deputado na Constituinte da Republica Rio Grandense, promotor público trinta anos, major do exercito nacional, abolicionista ardoroso, tradutor, filosofo e maior poeta da Grande Revolução. Morreu na miseria aos 84 anos.

ção do Rio Pardo, que desce das alturas contiguas, ao N. com a serra geral.

O terreno em que está edificada a vila, é um outeiro argiloso, cuja sumidade nivela-se com a margem esquerda do Jacuí, inclinando-se gradualmente á O. até ao vale, bastante escavado, em que corre o Rio Pardo; da parte de E.,

seguindo o curso de Jacuí, o declive é quasi insensível, e da parte do N. a planura comunica-se com uma cadeia de outeiros que se dirige para a serra geral.

Para quem navega pelo Jacuí, a vila fica escondida; vêem-se sómente duas ou três casas insignificantes na encosta do rio, pelas quais o viajante longe está de adivinhar que ali existe uma grande povoação; precisa caminhar 400 a 500 braças antes de chegar á vista dos edificios; são eles bastante numerosos; alguns apresentam-se com construção moderna, e geralmente o aspéto do todo dá imediatamente a idéia de uma vila importante; a rua de S. Angelo, aberta sobre uma linha quasi perpendicular no Jacuí, quando a maior parte das outras corre paralelamente a elas, não deixaria certamente de a aformozear qualquer das grandes cidades do Brasil; ela fórma, por sua disposição particular, como um bairro separado, aonde residem os principais negociantes em proporções com a população do país; póde-se dizer que o commercio é florecente...”

Nicolau Dreys, como todo o inglês, não se farta de fazer seus comentarios sobre as questões de commercio e navegação e o final de seu capitulo dedicado a Riopardo sómente aborda aquele genero de apreciações sempre com a agudeza que lhe é característica, dando desta maneira o valor que sua “Noticia” bem merece. Agora não convem esquecer os outros cronistas e entre elles, embora mais moderno, o Barão Homem de Melo.

OS MONUMENTOS ARTISTICOS E HISTORICOS

O Rio Grande do Sul tem a sua história regional dividida em três grandes periodos:

Missões — Farrapos — Imigração.

Ora Rio Pardo surge na nossa história quando o Imperio Teocratico das Missões já ruiu ao clangor dos indios, espanhóis e jesuitas...

Farrapo que despertara com o nosso esforço titanico de manter intransponiveis as fronteiras do Rio Grande só poderia centralizar-se verdadeiramente em Rio Pardo, grande

ponto estrategico do principio do seculo passado e donde existia uma necessaria concentração de forças.

Mas quando o homem louro do centro da Europa e o italiano vinham semear a terra virgem do país de pastores,



Igreja da atual necropole de Rio Pardo hoje transformada em panteon para abrigar o corpo do Barão de Santo Angelo, que ali se encontra embalsamado. As linhas deste mausoléu, rapidamente goticas, dizem muito bem com o espirito daquelle que nele repousa: o precursor do romantismo brasileiro, que foi Araujo Porto-Alegre.

que era o Rio Grande, Rio Pardo morria á sombra dum passado de fausto e de glória...

Todo o esplendor de Rio Pardo transluziu durante a Republica Rio Grandense.

Os rios, que são as estradas de agua, que avançam pelas florestas e pelos desertos verdes, enriqueceram Riopardo que se tornou o unico grande emporio comercial do Rio Grande. Ponto de ligação entre Porto Alegre e a fronteira e a serra.

Intercambiava generos e animais. O resto as carretas faziam pelas picadas nos matos selvagens...

As maiores fortunas do Riogrande estavam em Riopardo e não só as fortunas como os expoentes mais representativos das classes armadas residiam tambem em Riopardo, então verdadeira capital comercial e militar enquanto Porto Alegre era apenas a capital administrativa do Riogrande.

Faltando um ambiente de seleção cultural, a expressão arquitetônica do Riopardo não poudé ter sinão um estilo marcante que persistiu até ha pouco: eram as casas solarengas predominantes nas cidades portuguesas no principio do século XIX.

A extensão da fachada era simbolo de fidalguia, como o palacio de Belmonte no Porto. A ordem de janelas era duma frisante monotonia e apenas o telhado variava, algumas vezes, com o levantamento de mansardas. As escadas que se abriam nas entradas do casarão transformavam os corredores em salas de espera.

Era esse todo o expressionismo artistico de Riopardo na época farrapa. Porque no terreno pitoresco nada se realizou, pelo menos que resistisse á ação dos anos. Houve algumas definições de arte na decoração ou melhor no mobiliario, que era fabricado á moda da época nas oficinas de carpintaria onde os anônimos artifices se esforçavam para agradar os fidalgotes endinheirados, construindo-lhes armarios, camas, cadeiras, canapés, etc., obedecendo a mil recheios para impressionar o comprador, mas contudo ainda sobrexistem algumas mobílias de fino carater luso. Tal como uma mobília que existe no salão nobre da Intendencia Municipal, mobília toda em Luix XVI e que servia na Camara Municipal em 1835 e onde os vereadores, em sessão memoravel, negaram entrada ás forças imperiaes que solicitaram, em requerimento, passagem nesta cidade.



Fachada da Matriz. As proporções severas do exterior não lhe diminuem a harmonia suavizada com as esculturas do frontão triangular do centro. Uma praça de platanos pagãos e helenicos urbanisa o terreno fronteiro à imponente matriz...

E uma outra mobília, também em grande estilo, que serviu para a residência do Conde d'Eu quando esteve em Rio-pardo, ainda hoje existe na casa do cel. Dario Lopes.

Finda a revolução farroupilha, a Guerra do Paraguai levou de Rio Pardo os homens mais abastados e mais nobres,

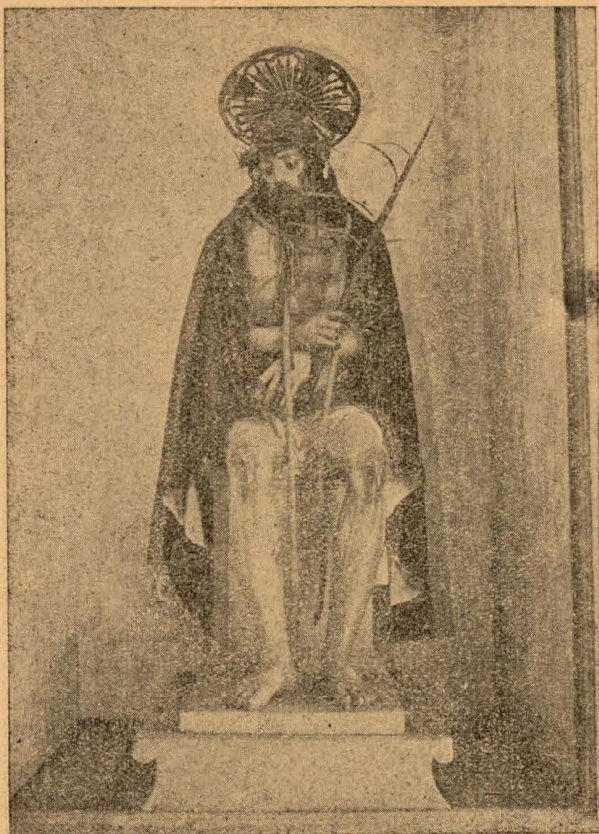


Imagem em madeira de Jesus sentado, com a cana. O vigor das formas desta escultura é uma pequena maravilha de arte. Está na igreja de S. Francisco.

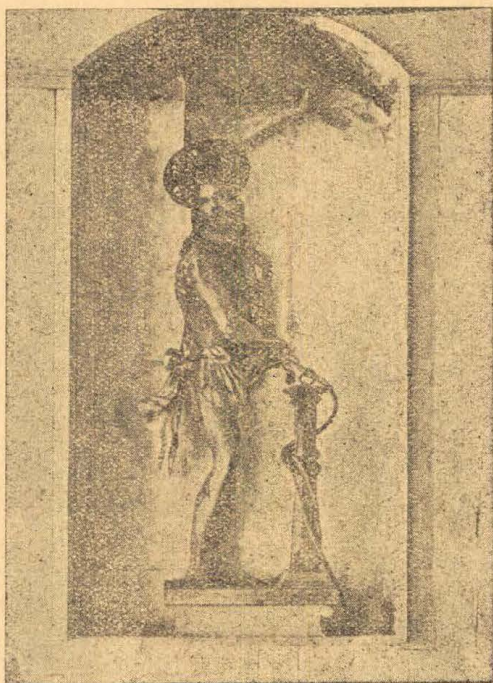
que chamados para servir na guerra ainda na paz a Pátria lhes exigiu os grandes serviços.

A histórica cidade começava a sentir o crepúsculo duma grandeza ...

Mas os monumentos mais dignos de nota são os de arte cristã, que se devem considerar como patrimônios históricos porque se ligam intimamente á crônica da cidade.

MATRIZ N. S. DO ROSARIO — Dois historiadores, Pizarro e Araujo Silva, coincidem com as datas quanto á fundação dessa igreja: 8 de maio de 1769.

A construção da matriz foi terminada dois anos depois



Jesus de pé, com os pulsos amarrados numa coluna, é uma das imagens da igreja de S. Francisco, que tem as expressões fisionômicas mais melancólicas e mais lindas.

mas desmoronando a nave, providenciou-se em 1791 no reerguimento dum novo templo, que se concluiu, então, em 1801, ficando para fazer uma das torres.

Em 1885 dois arquitetos italianos, Corso Serafim e Simul

Vicente Prato, levantaram a torre que faltava e procederam a decoração do templo.

Em 1930, a pretexto de estar velha e gasta a decoração de então, fez-se uma nova pintura, que não está de acôrdo



Portão do cemiterio construido em 1860 no ponto mais elevado da cidade. A suavidade de suas formas contrasta com a feiura dos capiteis

com o corpo do edificio. Embora essa nova decoração consiga deslumbrar pelo colorido exagerado, é lamentavel que a desharmonia venha a reinar no conjunto, que bem poderia merecer uma restauração mais inteligente.

Contudo a velha igreja ainda guarda as suas linhas primitivas na suavidade austera de duas ordens laterais de ja-

nelas, que iluminam o interior do templo e os balcões que possuem essas janelas são delicados ornamentos que quebram a severidade lisa das paredes.

O côro também com sua sacada em madeira escura é uma nota deliciosa na frieza do fundo.

As grandes proporções do templo são avaliadas pelas



Brazão do Visconde de S. Gabriel existente no seu tumulo no cemiterio da Igreja Senhor dos Passos.

alturas de três altares, que admiravelmente talhados sobressaem lógo no conjunto.

Os velhos candelabros e castiçais do século passado já não existem e o notavel nesse templo se completa pelo tumulo do Barão do Triunfo e o batisterio.

IGREJA S. FRANCISCO — Tem-se como certa a data da edificação deste templo: 1785. Sem valor arquitetónico de nenhuma espécie contudo se compensa a pobreza do edificio com o que ella encerra no seu interior: são sete imagens de Jesus Christo em tamanho natural, esculpidas em madeira. No altar-mór está o Senhor Crucificado e nos altares laterais estão respectivamente: o Senhor á columna; o Senhor amarrado, de túnica; o Senhor no horto; o Senhor de cana, em pé; o Senhor sentado e uma imagem da Senhora das Dóres.

São esculturas alemãs duma perfeição toda européa e encantam não só pelas proporções como pelas expressões. Póde-se avaliar o effeito surpreendente que então vinha de causar tais imagens, que no Brasil só lhes eram superior as do Aleijadinho, em Minas Geraes.

Mas este templo tem tambem um notavel valor historico pelo cemiterio, que se levantou aos fundos onde estão sepultados Rafael Pinto Bandeira, o heroico militar gaúcho, que chegou ao alto posto de governador da capitania e seus acendentes e decendentes e por excepcional homenagem se sepultou, mais tarde, no adro da igreja um dos Pinto Bandeira em cuja lapide existente ainda, ha alguns anos, lia-se o seguinte:

Aqui jaz

Felisberto Pinto Bandeira

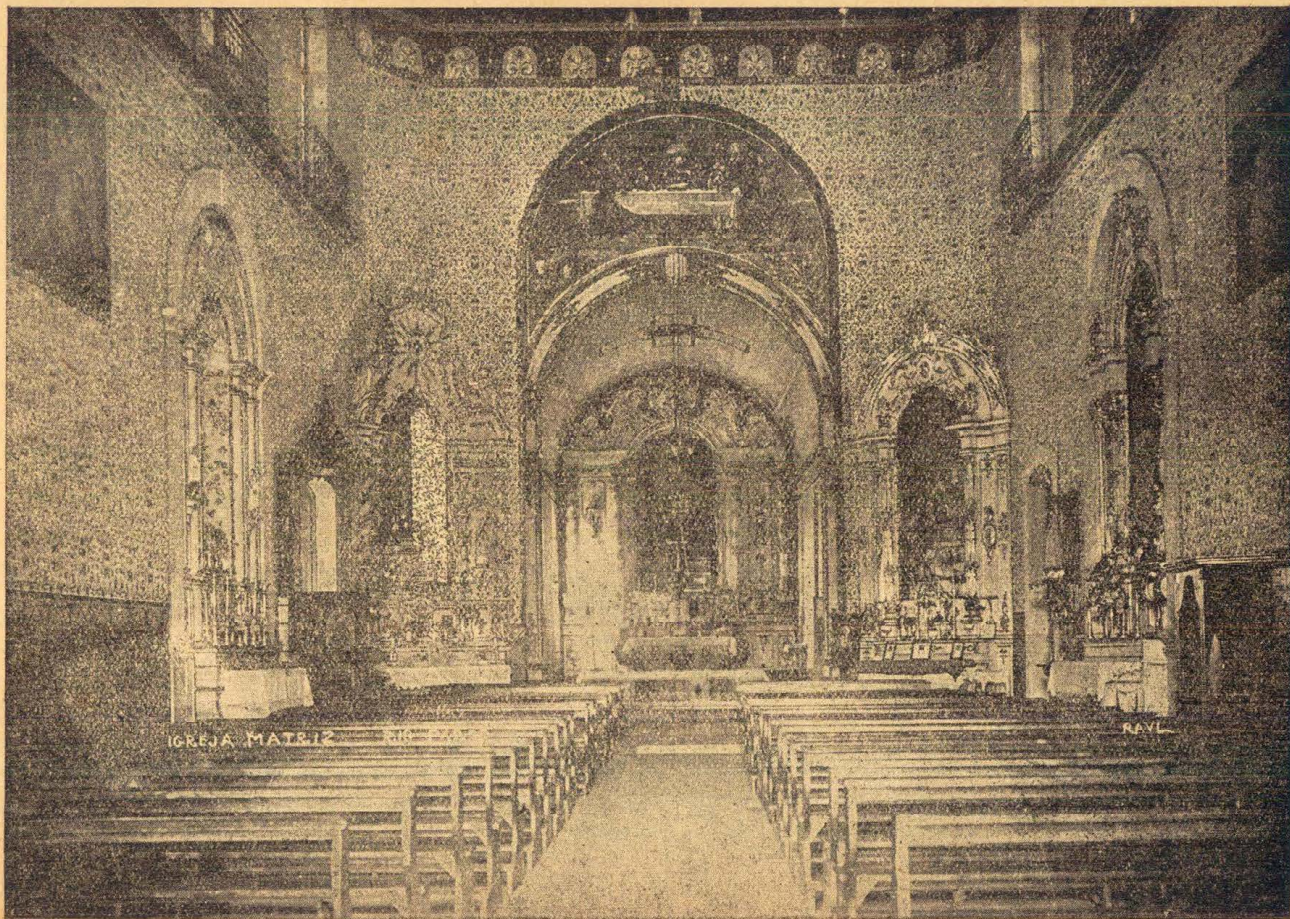
Ministro da ordem 3.^a

F. em 28 de setembro de 1831.

IGREJA SENHOR DOS PASSOS — Foi construida em 1815 e em 1848 se lançou, ao lado, a pedra fundamental da Casa de Caridade pertencente á Irmandade Senhor dos Passos.

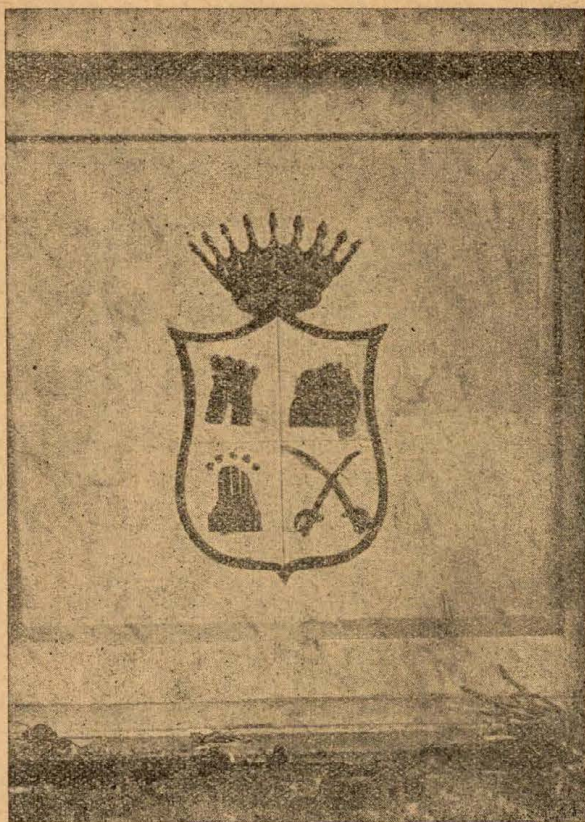
O templo tem as proporções caracteristicas da época, sendo de salientar-se suas duas torres e a sua entrada lateral um tanto acastelada. Suas linhas gerais são duma singeleza suave.

O interior não tem nada que se possa fazer menção, a não ser a sacristia, que denota ainda uma época de riqueza. Haja vista um precioso oratorio, e varios quadros a oleo, muito bons, que existem na sacristia contrastando com a pobreza actual...



Interior da Matriz já restaurada. Os painéis são mais cenograficos que propriamente ornamentais. A luz dos vitrais e das janelas faz o templo mergulhar numa penumbra evocativa e quasi mistica...

Um destes retratos é do Visconde de S. Gabriel. Bravo de duas campanhas cisplatinas, o outro é de João Pereira Monteiro, fundador da casa de caridade e provedor-mór da

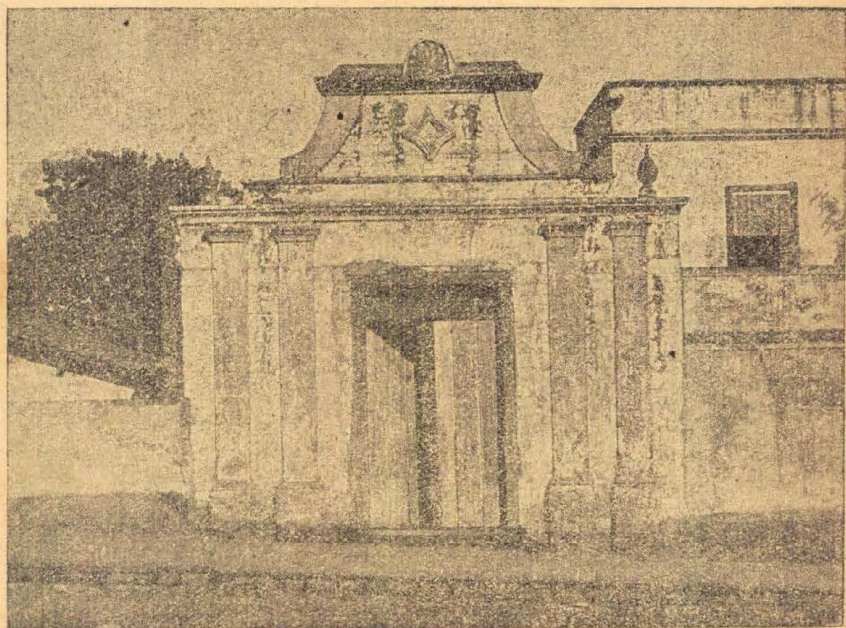


Brazão de armas do Barão do Triunfo existente em seu tumulo na Matriz de Rio Pardo e cuja escultura em marmore permite ver seus detalhes dos motivos. Tinha as seguintes cores: escudo esquartelado; no primeiro quartel, em campo azul, um castelo de ouro derrubado; no segundo em campo de góle, um monte de sinople armado de prata; no terceiro, em campo de góles, um pilar de prata, tendo em chefe doze estrelas do mesmo, no quarto quartel, em campo azul, duas espadas de ouro postas em aspa. Coroa de conde.

irmandade, personalidade de grande brilho daquele tempo. Um outro quadro representa Jesus carregando a cruz e tem uns característicos de cópia de algum Rembrant.

A autoria destes quadros não se póde autenticar e forçosamente deveriam ter vindo da côrte, não só este como os duma galeria que existe na sala do Conselho Municipal com a efigie de D. João VI, D. Pedro I e D. Pedro II e mais tarde os presidentes da Republica.

Guardando as tradições da época, a Igreja Senhor dos Passos tem tambem uma necropole onde repousam o Visconde de S. Gabriel, João Pereira Monteiro e muitas outras pessoas de destaque mais social do que politico ou militar.

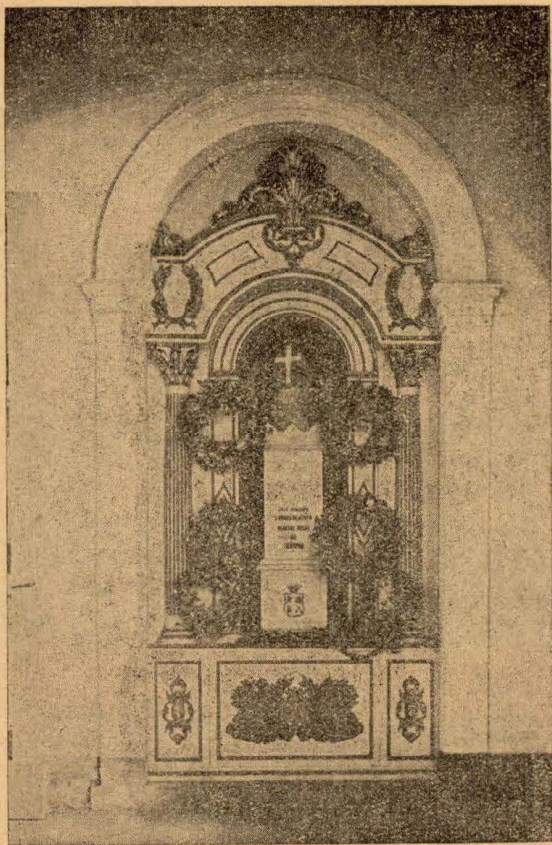


Um dos mais lindos porões coloniais da cidade e embora sóbrio tem a beleza das cousas singelas.

S. NICOLAU DA ALDEIA — Construida em 1772 ainda hoje o templo tem as proporções e as fórmas primitivas, que são toscas e sem valor algum. É apenas um monumento historico, que assinala a catequese, pois S. Nicolau era uma aldeia de indios.

Depois da arte religiosa, a arte funeraria é que sobressai com alguns aspétos mais ou menos dignos.

Conforme o costume antigo as igrejas mantinham um cemiterio e assim podemos apreciar, na matriz da N. S. do Rosario, o tumulo de José Joaquim de Andrade Neves, o notavel Barão do Triunfo.



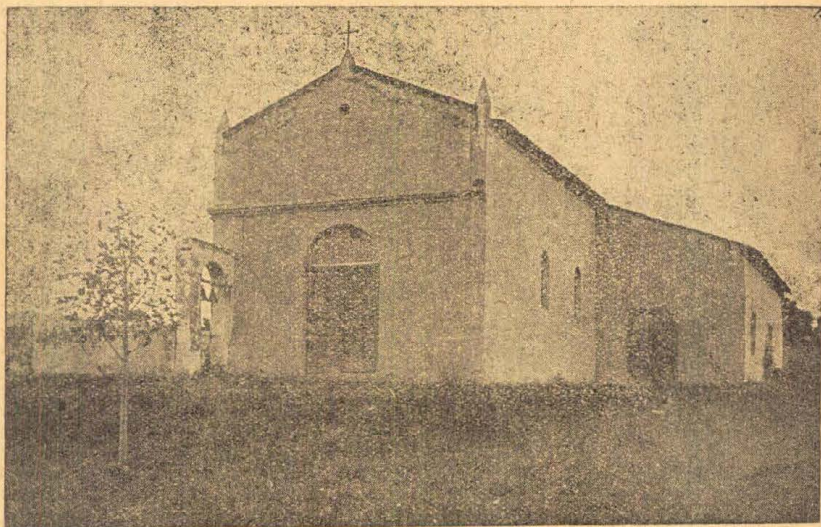
Tumulo do Barão de Triunfo na Matriz. Está collocado lateralmente logo á entrada do templo. Escultura symbolica feita de madeira e apenas o brazão é digno de nota.

A severidade do conjunto é apenas abrandada pelo brazão do destemido cabo de guerra.

Não se póde deixar de considerar os ex-libris e os bra-

zões uma arte muito requintada pelo simbolismo de suas sínteses e mesmo agora Jacopo Gelli publica, na Italia, uma obra notavel sobre o assunto, que vem assim demonstrar o valor creador de tantos artistas.

Se no Brasil não podíamos fazer um estudo de arte da-quele genero sutil nos limitamos, então, a anotar os brazões das nossas grandes linhagens e o Barão de Vasconcelos com o seu “Arquivo Nobiliarquico Brasileiro” veio tambem ser não só o historiador como o cronista de arte a interpretar



Igreja S. Nicolau, embora restaurada, guardou a sua feição típica de 1772 quando então se tentava a catequese num aldeamento de índios, que deu o nome á igreja. Ao lado ha um cemitério.

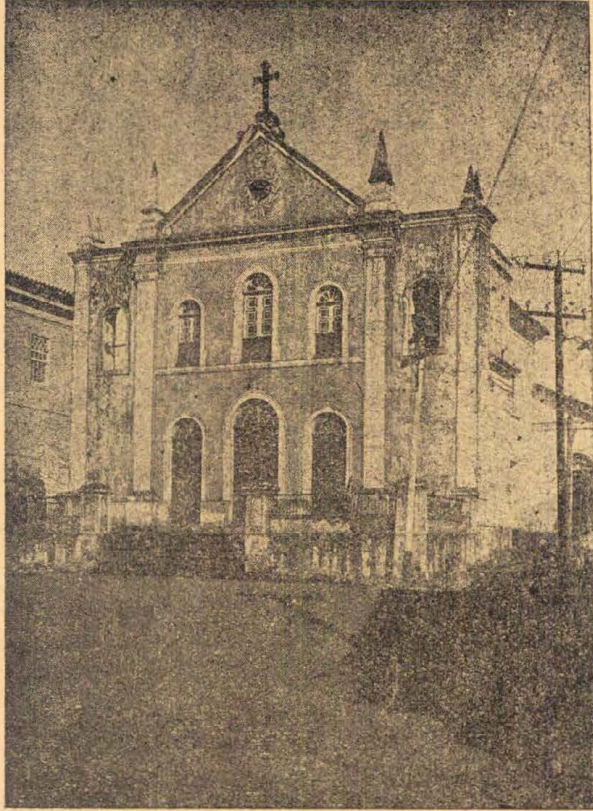
pequenas creações, que são esplendidas obrinhas, de tantos e tantos nomes quasi sempre obscuros. Mas para gaudio do artista, ás vezes, mais obscuro do que êle, é o proprio nobre para quem foi feito o brazão e hoje descança no silencio completo do mundo e da história...

O Barão do Triunfo tinha o seu titulo creado por decreto de 10 de outubro de 1867 e por decreto de 11 de abril de 1868 passou a ter o titulo de Barão com grandeza. Estão registrados no Cartorio da Nobreza liv. VI e fls. 102. Tinha a



Matriz vista pelos fundos. Os pontos de referencias fornecidos pelas casas que se levantam em seu derredór dão uma nítida idéa da magestade do templo.

corôa de conde. O seu braço de armas; escudo esquarte-
lado: no primeiro quartel, em campo azul, um castelo de
ouro derrubado; no segundo em campo de góles um monte
de sinople armado de prata; no terceiro, em campo de góles,



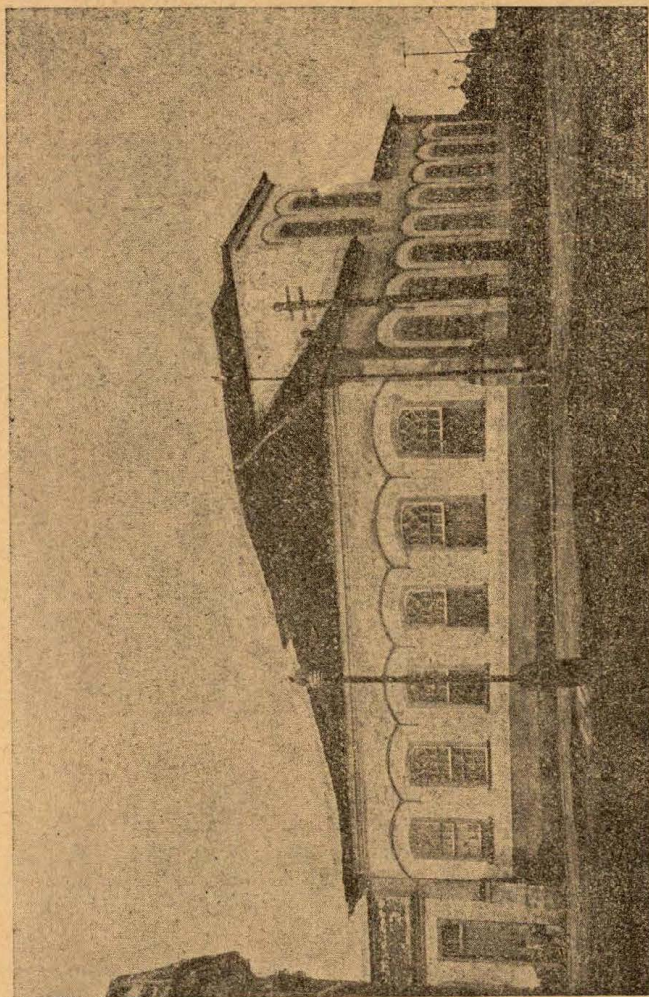
Fachada da Igreja Senhor dos Passos é a mais ori-
ginal de Rio Pardo. Suas duas torres inacabadas
lhe completam uma feição particular. Ao seu lado
existe o edificio onde funcionou a Escola de Tática
de Guerra, que deu á cidade uma vida agitada pelo
espírito sempre alegre dos estudantes.

um pilar de prata, tendo em chefe doze estrelas do mesmo;
no quarto quartel, um campo azul, duas espadas de ouro
postas em aspa. Braço passado em 24 de outubro de 1868.

O Barão de Triunfo nasceu em Rio Pardo em 22 de ja-
neiro de 1807 e morreu em Assunção a 6 de janeiro de 1869.

Na Igreja Senhor dos Passos existe uma lapide no tumulo do Visconde de S. Gabriel onde está gravado o seu brazão. Embora as fórmias sejam um tanto tôscas pela má escultura, póde-se apreciar nitidamente os motivos das armas.

Visconde de S. Gabriel (1.º Barão e Visconde com gran-



Casa solarenga que pertenceu ao Barão do Triunfo. Hoje está com a feição completamente modificada. Mas seu interior, principalmente a entrada espaçosa, ainda guarda aquela expressão característica do segundo império.

deza) João de Deus Mena Barreto. Nasceu em S. Gabriel em 1769 e faleceu em Rio Pardo a 27 de agosto de 1849. Em 1801 era sargento-mór e em 1818 Marechal de Campo, Con-

selheiro de S. Majestade, Grão Cruz da Imperial Ordem do Cruzeiro, Com. da Imp. Ordem de S. Bento de Aviz, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, tinha as medalhas das Campanhas Cisplatinas. Barão por decreto de 18 de julho de 1814 e visconde com grandeza por decreto de 2 de dezembro de 1845.

Promovido, em 1824, a tenente-general fez a campanha no Rio Grande do Sul de 1828 a 1836.

Outro braço de filho de Rio Pardo é de Antonio Martins da Cruz Jobim, falecido a 17 de junho de 1869. Grande proprietario rural. Braço passado em 2 de abril de 1862 e registrado no Cartorio da Nobreza, liv. VI fls. 50. Barão por decreto de 11 de abril de 1850 e corôa de barão.

Braço de armas: Em campo azul, um cavaleiro armado de prata, e em chefe de ouro carregado de uma cruz florida de góles, vazia do campo.

O cemiterio da Igreja de S. Francisco, bem como a de S. Nicolau nada tem que se possa mais apreciar. Em S. Francisco os tumulos dos decedentes do valoroso Pinto Bandeira e mesmo o do proprio grande cabo de guerra não resta cousa alguma. E em S. Nicolau o cemiterio pobre nem poderia sobressair de qualquer maneira.

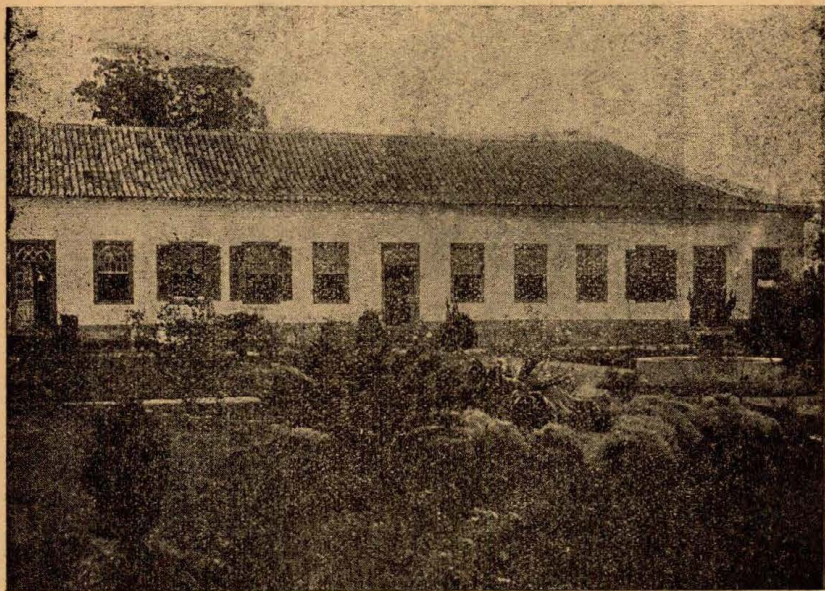
O atual cemiterio tem um portão datado de 1860 com alguns efeitos de arte. A parte final é que desmancha a elegancia da base em quatro colunas.

Os tumulos que se notam nesta necropole são typicos duma época apenas pelo seus enormes blócos de pedras terminados em ameias, que servem de cercas nas linhas retangulares mantidas por estes tumulos elevados.

A capela, em ligeiro gotico, está transformada em pan-

teon onde repousa o corpo embalsamado do Barão de Santo Angelo, o grande artista Araujo Porto Alegre, que nasceu em Rio Pardo num aldeamento de índios...

Quanto aos monumentos propriamente historicos assim se deve considerar os velhos solares e as casas antigas onde residiram as grandes figuras nacionais.

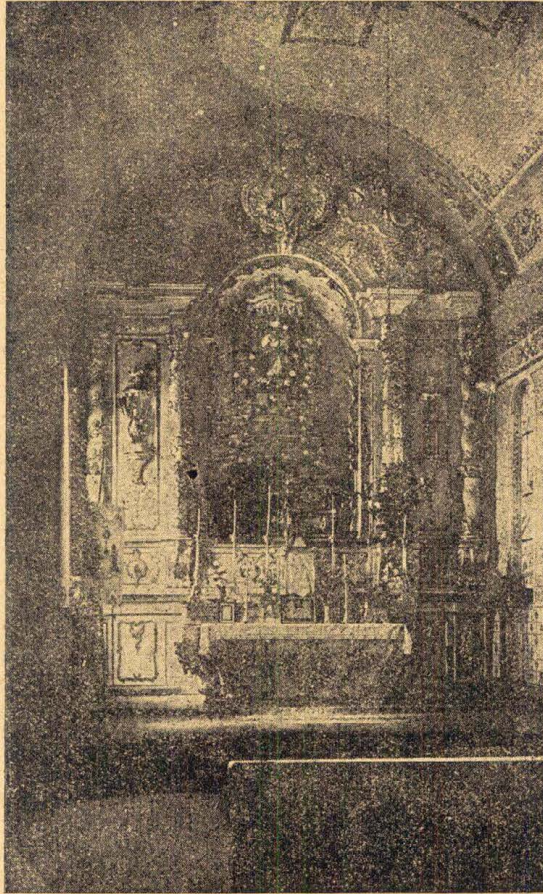


Solar rural do Barão de Quaraí. Chega-se até o corpo principal do casarão por uma alameda de arvores gigantescas. Um jardim e depois um lago romantizam a paisagem. E' actual residencia do Dr. Alarico Trois, adeantado fazendeiro, que restaurou varias partes da fidalga morada sem modificar a feição dos predios...

— Barão do Quaraí — Ainda existe o solar rural deste notavel politico do Segundo Imperio, que morreu na Italia em 23 de janeiro de 1866.

A casa de campo do Barão de Quaraí fica na margem do rio Jacuí fronteira a cidade de Rio Pardo. As suas feições não vão além das casas dos proprietarios rurais do norte de Portugal. Fachada extensa e baixa. O edificio tem varios corpos.

— Sebastião Xavier do Amaral Sarmento Mena — Nasceu a 23 de novembro de 1809 e morreu a 13 de junho de 1893. Notável poeta, orador, estudou medicina em Paris, advogado,



Altar mór da Matriz. E' duma frisante elegancia escultural. As colunas e a escadaria dão-lhe um interessantissimo realce.

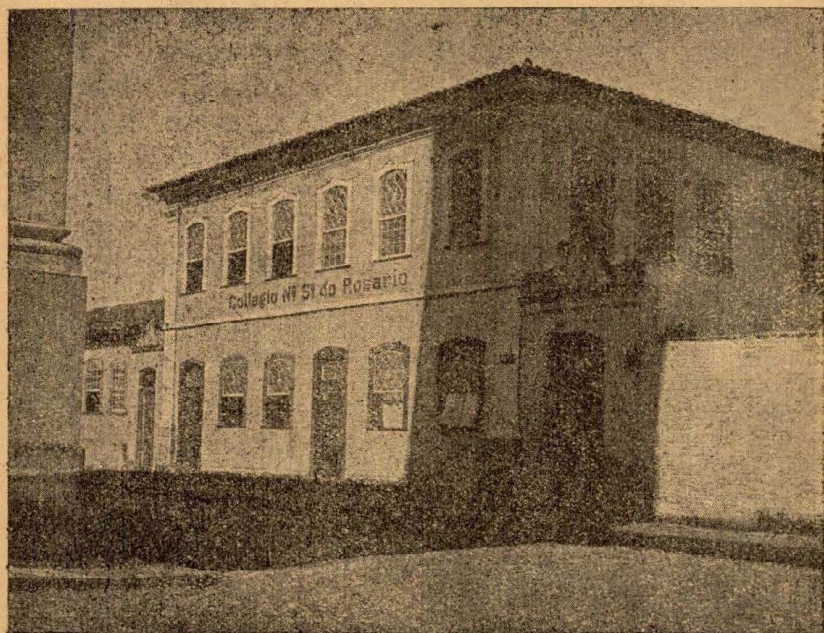
jornalista, deputado na Constituinte da Republica Rio Grandense, trinta anos promotor público, tradutor, major do exercito, professor, abolicionista.

Deixou uma obra poetica notavel, que lhe assegura o ti-

tulo de principe dos poetas revolucionarios mas, esquecendo o furor das polemicas, sabia ser um lirico expontaneo e delicado.

A casa onde residiu dezenas de anos ainda existe na rua Carvalhinho n.º 114.

— Barão do Triunfo — Ainda ha pouco existia na rua com seu proprio nome a solarenga casa deste heroi guerreiro



Velha casa apalaciada cujo portão principal, em puro colonial, tem a data de 1831 e outro portão lateral, as duas ordens de janelas, o telhado são os característicos arquitetonicos que mais definem as construções do primeiro imperio.

mas a remodelação, que sofreu o prédio fez com que o mesmo perdesse toda a feição arquitetonica da época. Mas as paredes e o interior evocam um passado cheio de glorias...

Não se poderia deixar de falar no característico fisionomico das cidades antigas: os seus portões. Portões de arte e tradição, que sobrevivem á ruina dos prédios que estes portões comunicavam entre um pátio e uma escadaria de pedra clara...

Na velha rua do Teatro existe, á maneira de cenario de fundo, um portão soberbo, que ainda não perdeu de todo o seu brilho de outrora. É de estilo colonial do segundo imperio e tem a data de 1856.

Ao lado da matriz ha um outro portão com data de 1831. Este tem uma feição colonial mais antiga e está bem em harmonia com o resto do edificio, que tem duas ordens de janelas, o telhado para fóra e outro portão menor no lado oposto. É um destes casarões levemente apalaciados.

FINAL...

E depois veio o crepusculo...

Mas as côres tristes tem a beleza evocativa daquilo que já foi.

Rio Pardo é hoje a Meca dos peregrinos do civismo gaúcho. Peregrinos que não vêm em procissão, numerosos. Peregrinos que viajam nas páginas encantadoras dos historiadores.

São os olhos da saudade que se alongam para a cidade dos herois.

Cidade leal e valorosa, gentil e hospitaleira. Cidade dos reis, dos principes, dos marqueses, dos condes, viscondes, barões, marechais e fidalgos...

Na manhã clara do seu nascimento, manhã de 3 de outubro de 1779, recebia Rio Pardo a visita do governador José Marcelino de Figueiredo. D. Pedro II, D. Teresa Cristina, Conde d'Eu vieram adorar-lhe o entusiasmo. Alma dos farroupilhas audazes que sonhavam com uma republica em pleno poderoso imperio do Brasil.

Para a guerra do Paraguai mandou, então, seus filhos mais queridos.

Os nomes nacionais aureolaram-se ao lado das legiões desconhecidas mas bravas.

Berço da nobreza gaúcha e os velhos solares ainda guardam o fausto duma época quando nos seus salões, á luz dos candelabros de ouro e prata, rebrilhavam os fardões cobertos

de condecorações e as joias preciosas que as damas ostentavam na elegancia das toilettes custosas.

A abolição e a republica palpitaram através das vozes calorosas de grandes oradores nos velhos centros politicos e nos clubes e sociedades do fim do século passado.

E a maçonaria tambem se impôs com seu prestigio.

Rio Pardo, o elogio do passado.

“Como tudo que existe não seja passado”, escreveu, sempre sutil, Anatole France...

(Colaboração fotografica de Nicolau Schwartz e Raul Silveira).

Cincoentenário da morte de José Garibaldi (*)

Conferencia do com. Mario Carli, proferida
na sessão realizada na Teatro S. Pedro.

Excelencias, Senhoras e Senhores.

Do exame das circunstancias em que se verificou o encontro entre Giuseppe Garibaldi e Anita Ribeiro, na pequena região á beira-mar de Laguna, e dos acontecimentos extraordinarios, de epopéa e de legenda da qual está repleta a sua vida em comum, a primeira constatação irresistivel á qual se é levado é que o sobrenatural presidiu á aproximação destas duas vidas tão afins, vindas de continentes longinquos e reunidos de maneira imprevisivel em um minúsculo recanto da terra brasileira, nas margens do Atlantico. A naturalidade com que Garibaldi, num dia de tregua e de recolhimento

(*) Por ocasião da passagem da data cincoentenaria da morte de José Garibaldi, realizaram-se nesta capital várias comemorações, entre as quais a sessão levada a efeito no Teatro São Pedro, patrocinada pelo governo do Estado e consulado geral da Italia.

No presente numero transcrevemos as conferencias feitas nessa sessão pelos srs. com. Mario Carli, consul italiano, e dr. Darcy Azambuja, discorrendo o primeiro sobre Anita Garibaldi, e o segundo sobre o heroi dos Dois Mundos.

Outras publicações, sobre o mesmo assunto, são transcritas da imprensa da capital e de fóra.

espiritual pensa na possibilidade de encontrar a sua mulher, a mulher unica que Deus plasma exclusivamente para aquele determinado homem e depois a lança no meio da humanidade como uma creatura bendita que deva brincar de cabra cega tendo como campo de ação a terra; e a encontra logo depois mal desceu á terra de seu lanchão; e com admiravel naturalidade, pondo-lhe a mão sôbre o hombro lhe diz: "Tu deves ser minha", e ela com o sorriso mais natural do mundo, como se fosse prevenida de ha muito, que deveria chegar o seu homem, responde "SIM", — tudo isto não faz pensar na intervenção do sobrenatural, que guia os homens naqueles movimentos de inspiração que nós chamamos a "mão do destino"?

Em todo o mundo não existe senão uma mulher para determinado homem, como não existe senão um só homem para determinada mulher. As vezes a Providencia os conduz pela mão um em direção ao outro; outras vezes não permite que êles se encontrem nunca e êles continuam a procurar-se durante toda vida sem se encontrarem nunca. E' nisto que se baseia toda a tragedia do amor; porque nos casos em que se crê haver encontrado e se compreende depois que foi um engano, continua-se a procurar: daí a infidelidade, a traição, o engano, o ciume, o sofrimento inextinguível.

Se houvesse procurado por dezenas de anos, Garibaldi não teria encontrado uma mulher mais adaptada ao seu espirito, ao seu temperamento, ao seu estilo de vida, ao seu ideal do que foi Anita Ribeiro, a mulher feita a proposito para êle e que parece trazer no nome herdado da sua mãe, "De Jesus" uma previsão do seu destino de santidade. A expontaneidade do encontro dos dois, a simplicidade da proposta "Tu deves" e da resposta "Sim" bastam para demonstrar a inexorabilidade da fôrça que os arrastava um para o outro, fôrça divina por certo, que creara aquelas duas formas humanas para que, na turbção de uma época de atribulações e tempestades se fossem aproximando através dos mares e dos continentes para finalmente encontrar-se na-

quele primitivo ângulo solitário do imenso Brasil, quasi como se fossem os dois primeiros individuos da creação, lá onde a manhã do mundo surgiu para maravilha das creaturas de Deus.

Este senso do Divino que ressalta do primeiro encontro entre Anita e Giuseppe, ressurgue em todas as sucessivas aventuras da vida aventureira de ambos. Que procura uma mulher em um homem para amá-lo? A's vezes a beleza, outras, a fôrça, ou a bondade, ou a ternura, ou a proteção, ou a intelligencia, ou a coragem, ou o magnetismo dominador. Pois bem, Anita encontrou no seu José todas estas coisas reunidas e ainda mais aquella analogia de temperamento pela qual da virgem solitaria da aldeia idiliaca, surgiu de improviso aquella energia selvagem de paixão, de ação, de luta, aquella febre de sacrificio, aquella intrepidez sem limites, aquella resistencia a toda fadiga e a todo infortunio que nunca antes de aquele momento se tinha revelado a ella propria. Isto tambem é divino; porque as suas virtudes sobre-humanas dormiam sepultadas na sua alma, desconhecidas e imprevisiveis, e sómente o olhar inspirado de Garibaldi deveria fazê-las surgir e desencadeá-las. Por certo a sua composição humana era a mesma tambem antes da chegada do seu homem; mas ficaria fechada ao contato de outro homem, por exemplo daquelle pobre diabo do João Gonçalves, que seu pai queria dar-lhe por marido e que a teria entregue a uma existencia monotona e descuidosa de dona de casa.

Em vez disso, a sua potencia de amazona e martir, de esposa e de enfermeira, de guerreira e de mãe, lançaram raios de luz ao primeiro contato com o Herói.

Encontrando-se sôbre o fragil palhabote do "corsario da liberdade", ella não se sentiu maravilhada de nenhum modo, não custou a habituar-se com aquella vida de sacrificios e de lutas; lá encontrou o seu verdadeiro mundo, a atmosfera da sua vocação, o verdadeiro campo para arar e fecundar com o seu coração invicto e com seu braço cheio de coragem. Pareceu-lhe que tinha sempre feito aquella vida e que a sua educação a tivesse preparado para aquella actividade. Não

só isso, mas depois de poucos dias, ela era a incitadora da coragem do companheiro, atirava-o ás batalhas com o seu exemplo, forçava a grande figura do “condottiere” a prosseguir; arrastava os espiritos e os peitos á luta em pequeno número contra muitos inimigos a conquistar a vitoria ainda quando esta parecia impossivel, a não desesperar, depois de uma derrota, de uma vitoria sucessiva.

Mas, que mulher era pois Anita? “Anita, assim a descreve um vosso historiografo ilustre, o marechal Leite de Castro, era uma formosa mulher cheia de doçura e graças, tinha lindos olhos negros e ternos, cabelos sedosos, um porte de suprema elegancia, tez delicada, morena e, pois, bem americana, tendo-se tornado por tudo, como dizem os poetas, uma peregrina beleza; era enfim um conjunto harmonioso, uma perfeição, um encanto.” Estes os seus dotes fisicos, que naturalmente prenderam Garibaldi mesmo de longe, quando, de bordo de seu lanchão que encostava na praia, a descobrira com o seu oculo de marinheiro. Mas, como se deduz desta descrição, a sua beleza é de uma mulher comum, é a beleza da juventude associada á graça que revela beleza de pensamento e de sentimentos, mas nada mais. Todos os dotes essenciaes não apareceram desde o início da sua nova vida com o seu senhor e “Condottiere”, com o seu companheiro adorado e obedecido, não podiam revelar-se a quem os observasse na mediocridade da sua existencia campestre. Nem mesmo Garibaldi pôde ter visto nela, ao primeiro olhar, o complexo de qualidades que deviam colocar Anita em face da história em uma limpidissima aureola de heroína e de martir sublime. Mas foi apenas uma voz interna, uma iluminação subita do seu espirito clarividente que lhe fez intuir a soma de beleza, de dedicação, de gratidez que aquella mulher unica teria podido dar-lhe na sua aventureira existencia. São essas adivinhações que nenhuma razão pôde explicar e que só a intuição de um ser aproximado do sobrenatural pôde apreender em um lampejo revelador.

Toda a beleza desta vida de mulher está no seu completo desinterêsse, no seu altruismo perfeito, no ritmo poe-

tico que ela deu a todos os seus atos, minuto por minuto sem uma pausa de prosaísmo, sem um imperativo de sua carne que, entretanto, era humana, sem um desfalecimento, um arrependimento, um declive, uma debilidade. Uma obra prima de lirismo tecido de epopéa. Um poema místico no qual a potencia guerreira de uma Walkyria se entenece no mais apaixonado ardor de esposa e se sublima no mais ilimitado amor de mãe. Certamente, dirão os céticos, foi a sua paixão por Garibaldi belo, fatal, aureolado de gloria, corajoso conquistador que dominou o seu coração de mulher impondo-lhe que se adaptasse á sua vida para segui-lo sempre e não cansar nunca. Sim, o século cético, sim, é certo, um milagre de amor aquele que fez de uma simples camponesa uma heroína, uma martir, uma santa. Mas o amor é sempre um milagre! Mas, onde achareis hoje, neste século mercantilizado, utilitario, práctico, egoistico, jazbandista, cheio de cifras, de calculos, onde achareis o culto do heroismo que se refugiou nas naceles dos aviadores.

Bem lá no alto, sôbre esta velha crosta de planeta, onde achareis um amor capaz de iluminar a humanidade com as fosforescencias tão brilhantes como o de Anita. Ah! A vida de hoje não nos dará um personagem semelhante, que a sociedade não hesitaria em cobrir de ridiculo. Nem mesmo o romance ou a opera lirica serão capazes de exprimir creaturas envoltas nas châmas do amor e de se queimarem cantando. Eu não vejo paralelo para Anita nem mesmo na história e na arte. Joana Darc, a Santa, tirou á sua espada fulgurante, luzes de fé extasiante, mas não conheceu o amor, passou com o seu passo de virgem á glória dos Céus. Clelia, camponesa romana mostrou a sua excepcional coragem mas não conheceu a dor, Stamura, generosa anconitana, doou o seu fogo á cidade assediada e morreu em consequencia. Catarina Sforza teve instinto guerreiro mas submergiu o seu heroismo na crueldade. E Santa Catarina de Siena envolveu o seu coração de mulher com a doutrina dos céus. Brunhilde, toda elmo e couraça, teve que render-se ao mediocre guer-

reiro que lhe furtou a camisa de cisne nas margens do Reno enquanto tomava banho.

Garibaldi, nas suas memorias, compara Anita em combate com a estatua de Paladio. Vejamos um pouco de todos estes personagens congregados nela com alguma coisa de mais; aquele potente e profundo senso de humanidade que falta a quasi todas as heroínas da história e da arte, a complexão da figura humana de Anita supera todas as outras criações de mulheres que a arte e a história nos legaram.

As supera sobretudo pelo que de energia vital ela pôs na sua guerra e no seu martirio que não foram suportados com aquele senso de resignação cristã que sublima tantas almas, mas foram acolhidas com energia ativa, ainda mais, procuradas com ardor, afrontadas com alegria, superadas com impeto triunfal. Anita não é a vítima que sofre passivamente a fadiga desfibrante, o sacrificio macerador, a perseguição sistematica da sorte e dos homens: a sua é uma procura contínua, entusiastica, inebriante, do perigo e do sofrimento, é um incessante multiplicar-se de energias fecundas para pô-las ao serviço do seu amor, para fazer de Garibaldi o homem mais elevado e mais nobre e mais vitorioso da época, e para servir-lhe de escudo, de auxilio, de conforto, delirio, tudo o que uma presença amorosa pôde dar de contribuição para transformar o horror do sangue em ebriedade, o reino da morte em sensação de gloria imediata.

E nesta vontade frenetica com que idealiza e vitaliza o decenio ininterrupto da sua Via Crucis que Anita se eleva imensamente sôbre todas as heroínas que nos são conhecidas que ao seu martirio deram o cunho da sua passiva resignação mais do que a atividade creadora. Não só, mas aquella sua dedicação sem limites, aquele fogo de amor sem fim, aquella sua impetuosa lealdade que fazia da sua alma um cristal de rocha, solido e transparente, aquella sua entrega total a um unico homem, a aquele unico homem para o qual era feita, são virtudes, senhores, que bastam para resgatar durante séculos todas as miserias e miserabilidades das mulheres sem fé, sem capacidade de amor, sem lealdade e sem

escrupulos que povoam o demasiado positivo mundo moderno, onde a boa semente de Anita, aí de nós, não fecundou.

Que vida a sua! Se se pensar que, apenas unida ao seu esposo a sua lua de mel se desenrolou em um leito movedigo batido pelas tempestades, ao som da música suave dos bombardeios; e logo depois, a terra nua, o lodaçal, a traição das feras e as insídias da floresta, entre caricias de serpentes e surpresas de inimigos sempre em perseguição. Depois as batalhas, o sangue que escorria junto as torrentes, e ela que saltava a cavalo no meio do fogo, arcanjo incitador que não combatia mas suscitava a coragem só com a sua presença e era a providencia dos feridos que socorria onde quer que fosse sob o chover das balas! Esta sedutora terra do Rio Grande, tão hospitaleira pela sua natureza e a indole de seus habitantes, de quanto tenaz valor foi testemunha e de quanta tortura, ela que teria querido dar á morena filha de Laguna um doce ninho entre as sombras de uma verde colina sôbre o mar, na paz dos seus silencias! Ao contrário, as batalhas navais sobre o “Rio Pardo” e relativo incendio da frota, por ela mesma ateado, os encontros de Vitoria, de Forquilhas, de Taquarí, São José do Norte e do Estado de Santa Catarina em Lages, o combate de Santa Vitoria, vitoriosissimo, o infeliz de Curitibanos, onde Garibaldi teve que combater com sessenta e três homens contra quinhentos cavaleiros e ela — assim narra Leite de Castro, “Anita, a gloriosa brasileira, que então estava incumbida da distribuição de munições aos seus soldados, e que exercia esta missão com a maior coragem, como tambem chegou a combater expondo-se sempre ás balas inimigas, tornou-se prisioneira do inimigo.

Onde se lê, nas paginas da história do mundo, que uma mulher tivesse se portado com tanto denodo e chegado a ser prisioneira em renhida batalha?”

Mas Anita não era tipo de ficar tranquila na prisão, embora a cavalheiresca atenção do coronel Albuquerque permitindo-lhe percorrer o campo de batalha, na escuridão da noite, em procura do esposo que supunha morto ou ferido.

“Anita conseguiu, finalmente, fugir em busca de sua felicidade.

Montada em cavalo de seu generoso inimigo, e impelida por sua indomita coragem seguiu em noite de tremendo temporal, e de copiosa chuva, por caminhos desconhecidos, em direção á Lages.

A natureza do solo que teve de atravessar, todo semeado de obstaculos a cada passo, as invias, escuras e cerradas matas seculares, tambem povoadas de animais ferozes, o frio que sentiu, pois se atravessava a época invernosa, a necessidade de atravessar rios a nado, a fome que já se fazia sentir, tornaram a fuga da heroína um fato unico, estupendo, tornou-se o mais doloroso transe de uma creatura, ainda mais levando-se em conta que ela se achava em adiantado estado de gravidez!”

Gravida! Eis o ponto que dá á bela lenda o alado romantismo da fantasia. Uma amazona, concebe-se, mas uma amazona que atravessa um inferno selvagem, entre o fogo, a tormenta, as feras, as rapidas torrentes, trazendo no seio um filho que nascerá logo, isto supéra a esfera humana e tambem a da lenda, para transcender na esfera dos milagres.

O aspeto comovedor, profundamente humano de Anita, está nesta maternidade sempre presente, que refloresce de estação em estação, fruto immediato, diréto, puro e quente do seu ardente amor que não procura renúncias, subterfugios, que não perpetra subtrações á natureza, mas se exalta mais por esta sua generosa fecundidade, concebida em cada vez entre uma cavalgada e um assalto, um naufragio e um incendio, entre uma batalha e uma retirada. E tudo, no livre entre os povos para libertar, na mais alegre pobreza sem remorso. Gravida na fuga de Curitibanos a Lages, gravida quando se lançou mais tarde sob os muros de Roma e realizou a trágica retirada através a Italia para ir morrer nos banhados de Comacchio. Os filhos, Anita os gerava nos dias de combate: aquele que nasceu como Jesus na pobre palhoça de São Simão, Menotti, foi gerado na jornada de Santa Vitória. Daquela mesma palhoça de São Simão, num momento

de ausência do marido, por uma inopinada agressão do feroz coronel Moringue, Anita “trepidante pelo seu pequeno, embora puerpera de doze dias, saltou em sela e seguida dos fiéis marinheiros, coberta apenas pela sua camisa, internou-se a galope no bosque, apertando ao peito o pequeno Menotti. Por cumulo, naquela noite, desencadeou-se um daqueles tremendos temporais, tão frequentes naquelas regiões na estação das chuvas. Os homens da escolta se dispersaram e a escuridão em que estava imersa a floresta tornava á infeliz mãe impossível prosseguir entre densas matas e despenhadeiros. A inata coragem fazia-a então mais viva o instinto materno, e, aproveitando o clarão dos relâmpagos, com uma mão apertando ao seio o recém-nascido, chicoteando o cavalo que parava diante das torrentes extravasantes, continuou a fuga durante toda a noite. Em passar sob um carvalho gigantesco um raio se abateu sobre o cimo, fulminando e despedaçando os grossos ramos, mas, por sorte, não atingiu a fugitiva. Extenuada pela fadiga, ensopada e tremendo de frio, já perdida qualquer esperança de salvação, ao amanhecer parou. Desceu do cavalo e se encolheu num vão da floresta, que por estar coberto por grandes blocos de pedra, formava-lhe um refugio; e ali, resignada, esperou a morte.”

Mas, a morte estava longe e em seu lugar veio Garibaldi que a recolheu entre seus braços.

A mais tremenda marcha da sua vida, no dizer do proprio Garibaldi, Anita a realizou com o exército republicano do Rio Grande já reduzido a condições desesperadoras, na sua retirada através das provincias de Corrientes e Missões: com o menino ao peito, Anita suportou corajosamente os tormentos de uma marcha feita no coração do inverno através os despenhadeiros das montanhas e a densa floresta do vale das Antas. Escreve Garibaldi: “Anita estremecia á idéa de perder o nosso Menotti que salvamos por verdadeiro milagre. Nos trechos mais difíceis e á passagem das torrentes eu transportava o meu querido filho de três meses num lenço a tiracolo, procurando aquecê-lo ao peito e com o halito...”

O “intermezzo” de Montevidéo foi, por Anita, dedicado

quasi que exclusivamente aos cuidados da maternidade e a aliviar os sofrimentos e as feridas dos doentes da guerra. Quando a voz da Patria chamou Garibaldi á Italia, naquela alvorada de renascimento que foi o 48, Garibaldi mandou á frente Anita, com os filhos Menotti, Terezina e Ricciotti, este ultimo ainda latante, e elles desembarcaram em Niza, cidade natal da familia de Garibaldi, e ainda sob a corôa de Savoia, no mês de fevereiro daquele ano. Garibaldi os seguiu na distância de seis meses, tendo tido que liquidar seus assuntos com o governo do Uruguai. Agora, parece que ella deva dedicar-se toda aos cuidados familiares, fazer a senhora do general e deixar-se homenagear pelos italianos da Liguria, entusiastas de tudo que é garibaldino, e a visitar e conhecer a Patria do seu grande homem, que já, através as narrações e descrições do marido, havia aprendido a amar como a sua propria patria. Mas os ocios de Anita duraram pouco. Ella não se acostumou ao seu novo papel de “senhora burguesa”, e quando o seu José, chegado da America, foi á defesa de Roma, Anita não aguentou mais em Niza e o alcançou em Rieti, onde, porém, depois de alguns dias, elle conseguiu convencê-la a voltar a Niza.

Anita, que se encontra novamente em estado de graça, acede, mas quando se convence da gravidade da batalha que se combatia em tôrno da Cidade Eterna, pela imponencia das forças francesas que o general Oudinot lá havia conduzido, não hesitou um minuto e se precipitou para Roma, perdendo no caminho a sua bagagem, conseguindo milagrosamente passar entre os espiões austriacos na Toscana e entre as sentinélas francesas que cercavam Roma, penetrando, finalmente na Urb, incognita, sob o pretexto de prestar seus cuidados de enfermeira aos feridos. Quando chegou de surpresa á presença de Garibaldi o General encontrava-se em Vila Spada, occupado no seu almoço, constituido de pão amanhecido e queijo. Quando teve a sua adorada esposa entre os braços, apresentou-a aos officiais com estas palavras: “Eis a minha Anita. Temos um soldado a mais.”

E desde esse momento começa o seu supremo calvario

de mulher que, excedendo o seu proprio amor de mãe, quis dar até o ultimo alento da sua juventude destemida e ardente, até a ultima caloria do seu corpo inspirado de frenesi celeste, ao Homem que encarnava para ela a propria vida e os seus ideais e as suas paixões e o sentido da immortalidade. Pois que Garibaldi, para ela, queria dizer Amor, queria dizer Patria, queria dizer Liberdade, queria dizer Universo, a nova Patria, tudo. E tudo deu a elle, seu esposo por vontade de Deus e por sorte da Italia, arrastando-se até onde a vida a manteve, por vales e montes, por bosques e rios, torrentes e charcos, até a solitaria das Mandriolas, naquela humilde feitoria dos tristes vales de Comacchio, que devia immortalizar-se pela morte da mais alta heroína do mundo moderno. Passou através de um purgatorio dilacerante, que, de São João Laterano ao Sorratte, de Todi a Orvieto, de Cetona a Montepulciano, de Arezzo a Citerna, de São Justino a Santo Angelo em Vado, do Monte Tassona ao Titano, onde surge perpetuamente livre a Republica de São Marino, pelo Marecchia até o mar Cesenatico, onde a pobre pequena grande mulher, que já se sentia acabada, foi transportada, a braços, numa barcaça de pescadores, viajando ao longo da margem adriatica, perseguida e canhoneada pela fróta austriaca, aportando, por fim, num lugar de bréjos chamado Pialassa, onde, a custo de fadigas sobrehumanas, conseguiram encontrar-lhe um refúgio na feitoria Guiccioli, na qual, alquebrada pelos cansaços, pelas privações, pela sêde e torturada pela maternidade, cristãmente, santamente, amorosamente, se apagou, num melancolico poente sobre a laguna, a divina chãma de Anita Garibaldi.

Dez anos depois (parece um titulo de romance) os ossos de Anita foram desenterrados nas Mandriolas, na presença do Condottiere, que voltava vencedor do Lombardo-Veneto, e conduzidos a Ravena, de lá embarcados para Niza, onde foram encerrados num nicho do Castelo, para fazer companhia aos da doce mãe de Garibaldi, Rosa Raimondi. Assim,

as duas mulheres que mais amaram o Herói uniam-se no sono eterno. Ali ficaram até ontem, em terra que os negócios políticos tornaram estrangeira. Até ontem! Que hoje, por vontade do novo Duce da Italia, a trombeta da ressurreição tocou.

A Patria quer dar esta consolação tardia ao grande filho que, “depois de ter doado um reino ao rei que chegava”, lhe havia doado também a sua terra mãe, a sua praia da Liguria que o havia visto enfrentar o mar pela primeira vez; e talvez o furor do Leão de Caprera seja acalmado, vendo que os restos da sua esposa adorada voltam á Italia para ter a suprema apoteose e alcançá-lo no seu rochedo solitario do Tirreno, entre a Corsega e a Sardenha, guardando as Bocas de Bonifacio.

Enquanto nós estamos aqui reunidos, senhores, em Roma o acontecimento da glorificação de Anita de Jesus Garibaldi se realiza entre o delirio unanime de um povo que surgiu para uma nova vida, que não esquece e não ignora os seus grandes mortos, mas os coloca a garantia e incitamento para o porvir.

Os despojos da humilde moça de Laguna são triunfalmente transportados sobre o declive daquele Gianicolo em que a gloria garibaldina tem a sua jornada solar. Ali pou-sarão algumas horas, aos pés do Monumento que a Italia erigiu á Heroína, ao lado daquele do Herói a cavalo, e, nos silencios estelares de junho, os jovens Camisas Pretas da Italia farão guarda de honra ao colloquio das excelsas Sombras sôbre o umbral do Infinito.

Si o excelentissimo arcebispo de Porto Alegre, d. João Becker, que vizitando Niza, sentiu doer-lhe o coração vendo o tumulto de Anita ornado de uma fria lápide, sem um sinal cristão, um emblema da redenção humana, e saíu daquele cemiterio com a alma triste, ler as crônicas italianas destes dias, sentir-se-á plenamente consolado em constatar como todo o rito da transladação dos despojos gentis é impregnado de espirito cristão, isto é, catolico, como catolica e crente foi

Anita e como o é a Italia nova. Ele que, pronunciando o nome de Anita, escreveu “Esta palavra encerra um poema de amor, de heroismo e um drama infinitamente doloroso” e dela traçou o perfil mais agradável, ficará hoje satisfeito em saber da homenagem justíssima que a Italia de Mussolini, aquela que reconduziu o povo para a religião, presta á Heroína brasileira, erguendo-a aos fastigios da gloria, sôbre as pegadas da fé de Cristo!

E nós, embora longe em pessoa, estamos neste momento perto em espirito ao rito solene que se realiza sôbre Gianicolo, neste mesmo momento, na presença de Benito Mussolini, e que lança laço invisível de fraternidade para todo o povo brasileiro, e especialmente ao riograndense com o qual tantos vinculos de sangue e de ideais nos tem unido através de um século de história. Sim, nós nos sentimos hoje mais do que nunca irmãos, ó riograndenses, como o foram vossos melhores homens, desde Bento Gonçalves a David Canabarro, desde o general Neto ao coronel Silva Melo, desde o conde de Porto Alegre a Silva Tavares, desde Bento Martins a Menezes e Mena Barreto, com os melhores companheiros de Garibaldi, Luigi Carniglia, Zambeccari, Rossetti, Cuneo, Castellini, Eduardo Mutru, Staderini. E não é só uma frase de reconhecimento aquela com que Garibaldi afirmou que “em nenhuma parte do mundo se póde encontrar uma hospitalidade mais franca e cordial do que aquela que se encontra na provincia do Rio Grande”, mas uma verdade luminosa de todas as horas que o tempo não faz desmaiar nem apagar. E é esta verdade de hoje e de sempre, associada á lembrança do maravilhoso amor de Anita e José, que prende indissolivelmente numa amizade solida e sincera as duas nações latinas.

Volvendo o olhar para Roma, em que a idéa de Fé e de Patria, enfeixa tanta luz de civilização e de amor irradiando sôbre o mundo, nós nos sentimos levados, neste dia sagrado, a conceber sómente pensamentos de elevação. E o nosso espirito, arrastado aos fastigios da suprema beleza, vê, claramente que o espirito de Anita está sobre nós como uma

châma de estase na sua branca veste de anjo. Vemo-la cercada por aquela aureola de santidade de que uma vida de martirio e luta a tornou merecedora. E nos vem espontaneo o grito que já em alguma parte vibrou para estabelecer como finalmente se deveria considerar essa figura sublime de mãe, de esposa, de patriota e de benfeitora, o grito que deveria finalmente ser gritado por todo o mundo catolico: Santa! Santa! Santa!

Conferencia do dr. Darcy Azambuja, proferida na sessão realizada no Teatro São Pedro

Os homens de hoje difficilmente podem comprehender Garibaldi. Em uma era policiada e materialista como a nossa, esses santos da liberdade não têm ambiente moral para viver. Garibaldi foi um atavismo espiritual dos cavaleiros andantes da Idade Média.

Mas, era um homem de seu tempo, que gastou uma vida larga e formidavelmente heroica em defesa dos ideais que animavam a sociedade onde floresceu. É preciso comprehender o seculo dezenove para comprehender Garibaldi.

Napoleão não sufocara a revolução franceza, no seu aspecto espiritual. As guerras em que ensanguentou a Europa serviram, sobretudo, para propagar as generosas ideologias dos philosophos de 89.

As idéas de igualdade e liberdade, e da soberania do povo, que a revolução pregara, o Imperio napoleonico espalhou por todas as nações europeas, preparando a sua transformação social e politica.

Na Belgica e na Holanda, nos países germanicos anexados ao imperio, no Piemonte, na Lombardia, em Veneza o governo imperial aboliu os privilegios feudais e os direitos senhoriaes, pondo em vigor o Codigo Civil de Napoleão, que era um monumento da ciencia juridica contemporanea. Os exercitos do grande conquistador deram por terra com o absolutismo monarchico então vigorante em toda a Europa. Principalmente na Alemanha e na Italia, o governo instituido por Napoleão e os seus delegados foi um governo liberal, que preparou a unificação dessas duas grandes nações.

Waterloo foi o ocaso desse radioso dia de liberdade

que iluminara a Europa, e a Santa Aliança empreendeu uma obra sistematica de reacção contra as idéas da revolução, procurando circunscrevê-la na França e destruir todos os seus vestígios nos demais países.

Já os povos, porém, haviam experimentado o novo regime dos direitos do homem e não se conformariam mais ao crepusculo permanente da opressão absolutista.

Por toda a parte explodiam revoltas contra os governos despoticos. De 1815 a 1870 a Europa foi uma terra convulsionada por incessantes e violentas erupções do espirito liberal.

Sobre tudo a Italia, dividida e oprimida sob o jugo de varios tiranetes, foi um fóco formidavel de propaganda e elaboração de idéas liberais. Fundavam-se sociedades secretas de patriotas e republicanos, dentre os quais sobressaíam os famosos carbonarios. Uns, como Mazzini, desejavam a revolução completa e a republica; outros, queriam apenas o restabelecimento de um regime liberal, com a abolição dos privilegios do feudalismo. Todos, porém, ansiavam pela expulsão do estrangeiro, que dominava os mais prósperos Estados da península. Era o "Risorgimento", a resurreição das idéas politicas e sociais da revolução.

Cada tentativa dos patriotas, no entanto, era afogada em sangue pela Santa Aliança. A alma sombria e reacionaria de Metternich, o chanceler austriaco, reclama pela continuação da tirania. Bastava que qualquer soberano fosse ameaçado pelas investidas dos liberais para que os poderosos exercitos austriacos descessem sobre a Península, talando campos e cidades, reprimindo violentamente as humanitarias aspirações do povo. Assim succedeu em Napoles, Genova, Modena, Parma, nos estados pontificios, no Piemonte, em Milão. As prisões em massa, condenações á morte, confiscação, exilio, eram as penas usuais contra os que pretendiam libertar a patria.

Foi nesse cenario tumultuoso e fremente de lutas pela liberdade que Garibaldi formou o seu espirito.

Varios anos percorreu os portos do Mediterraneo e as escalas do Levante como official da marinha mercante. Inu-

meras aventuras e perigos, continuos combates com os piratas que então infestavam aqueles mares enrijaram-lhe a tempera de homem de guerra. Em uma dessas travessias conheceu a um discípulo de Mazzini e começou a lêr as obras de propaganda da sociedade Jovem Italia. Amando profundamente a sua patria, indole naturalmente generosa, aberta a todas as grandes idéas de liberdade e igualdade, que eram a religião dos espiritos emancipados daquele tempo, Garibaldi começou a compreender o profundo martirio da Italia, oprimida pelo inimigo estrangeiro. Nasceu e cresceu no coração do jovem marinheiro o grande sonho humanitario que havia de encher toda a sua existencia.

Desejou ardentemente vêr realizadas as conquistas politicas da revolução, a igualdade de todos os cidadãos, a fraternidade entre todos os povos, a paz, o trabalho e a liberdade abençoando o progresso de todas as nações.

Filiou-se logo aos carbonarios e, como era um homem para quem a ação é a vida, envolveu-se resolutamente nas primeiras tentativas dos patriotas italianos, que desde 1831 vinham passando para a realidade as suas idéas politicas.

A revolução de Genova, em 1836, teve-o na linha da frente, desembarcando na cidade para apoderar-se de um quartel de tropas legais.

Fracassado o movimento, e graças ao auxilio de uma patriota genovesa, Garibaldi, disfarçado em camponês, conseguiu fugir para Marselha. Durante varios meses perambulou pelos embarcadouros do grande porto mediterraneo, até ser contratado como piloto a bordo do navio francês "Urania", que zarpou para Odessa. Regressando da Russia, entrou ao serviço do Bey de Tunis, pouco se demorando nesse posto.

Como na Italia a opressão absolutista fosse cada vez maior, deliberou dirigir-se á America do Sul e, nos primeiros dias de agosto de 1836, o brigue francês "Mantonier" desembarcava o grande guerreiro na capital do Brasil.

Célere correu a noticia, entre os carbonarios e patriotas italianos residentes no Rio de Janeiro, da chegada de Garibaldi. Um dêles, Luiz Rossetti, já seu velho amigo, foi rece-



O nosso confrade Otelo Rosa lê a sua conferencia no Instituto Historico.

bê-lo no cáis, levando-o a hospedar-se na casa de outro irmão de crenças políticas, Luiz Delecazi, armador e proprietario abastado.

Um ano antes, em setembro de 1835, explodira a revolução republicana no Rio Grande, fruto tambem do movimento liberal que sacudia a Europa. Os primeiros combates tinham sido favoraveis aos revolucionarios e a capital do Imperio comentava calorosamente esses acontecimentos. A eles não podiam ficar indifferentes os dois fogosos libertarios italianos, que procuraram aproximar-se dos circulos revolucionarios existentes no Rio. Três meses após, chegavam á capital Bento Gonçalves, Onofre Pires e o conde Tito Livio Zambeccari, prisioneiro no combate da ilha do Fanfa, e que foram encarcerados nas fortalezas da Lage e Santa Cruz. Dentro em pouco Rossetti conseguiu visitar Zambeccari na fortaleza onde estava prisioneiro com Onofre Pires e o coronel Côrte Real. Disse então ao seu illustre compatriota do ardente desejo de Garibaldi para prestar o seu concurso á revolução farroupilha. Logo depois levava á fortaleza o grande cabo de guerra, que contraíu com os três chefes um pacto de solida amizade.

Conseguindo mais tarde fugir, Onofre e Côrte Real não esqueceram o oferecimento de Garibaldi e meses depois recebia êle occultamente, por um emissario, a carta de corso que lhe dava a Republica Rio-grandense.

Tendo o denodado marinheiro comprado uma lancha, em sociedade com Rossetti, trataram imediatamente de armá-la, o que conseguiram com recursos obtidos por meio de uma subscrição entre a colonia italiana no Rio.

E assim, a 7 de maio de 1837, zarpavam com destino aos mares do Sul.

Saíndo á barra, resolveu Garibaldi dar cumprimento efetivo á carta de corso que recebera e, proximo á ilha Maricá, começou a espreitar alguma presa. Esta appareceu com a escuna "Luiza", que foi abordada e capturada pelo grande guerreiro, que batizou-a com o nome de "Farroupilha" a primeira náu de guerra da nova republica, rumando com ela para o Sul. Este feito audacioso de Garibaldi foi comen-

tadismo, pela temeridade com que afrontou o Imperio de frente á sua propria capital.

Na altura de Santa Catarina foram desembarcados os prisioneiros da tripulação da escuna e, a 28 de maio, a "Farroupilha" entrava em Maldonado, na Republica Oriental.

Aqui começariam as tremendas peripécias que fizeram da vida de Garibaldi na America uma epopéa formidável.

De Maldonado, Rossetti dirigiu-se a Montevideo, afim de vender o carregamento de café que havia na escuna e assim se proverem de recursos para atingir o Rio Grande. Mas, no dia seguinte á chegada a Maldonado, Garibaldi era prevenido de que o governo oriental, a pedido do Imperio, iria prendê-lo. O heroico marinheiro fez-se de vela, sem provisões a bordo, e durante alguns dias a tripulação da "Farroupilha" passou fome e sede. Já subindo o Paraná, foram atacados por varios lanchões argentinos, travando-se luta e abordagem, que foi repelida, mas saíndo Garibaldi gravemente ferido. Desembarcaram depois em Gualeduguai, onde a escuna foi confiscada pelo governo, permanecendo ali o seu comandante com a cidade por menagem.

Restabelecido de seu ferimento, Garibaldi deliberou fugir, o que fez, a cavallo, em uma noite tormentosa. Já ha mais de dez leguas longe, porém, foi alcançado por uma escolta que o prendeu e amarrou barbaramente, trazendo-o para Gualeduguai.

O que então sofreu o heroico marinheiro é indizível. Tendo-o manietado, o alcaide do lugar, d. Leonardo Milan, depois de interrogá-lo para que confessasse quem o auxiliara a fugir, fustigou-lhe cruelmente o rosto, até verter sangue e mandou em seguida pendurá-lo, duas horas, pelos braços. Tudo suportou heroicamente, sem perder a serenidade, apesar das horrorosas dôres do suplicio.

Si esse episodio revela a tempera leonina de Garibaldi, outro fato, a este ligado, evidencia a sublime grandeza de seu carater. Cinco anos mais tarde, no cerco de Montevideo, as tropas garibaldinas fizeram prisioneiros, dentre outros, ao mesmo d. Leonardo Milan e seus sequazes de Gualeduguai. Garibaldi mandou pôr em liberdade o seu inimigo, sem

querer ver-lhe o rosto, para que a presença do seu carrasco não lhe demovesse a generosidade.

Vinte dias após o suplicio, foi o ilustre guerreiro enviado para a capital de Entre Rios, onde afinal foi posto em liberdade, dirigindo-se a Montevideo e dali, com Luiz Rossetti, entrou no Rio Grande do Sul.

Em Piratini recebeu-os fidalgamente Domingos José de Almeida que, por ordem de Bento Gonçalves, já então em liberdade, deu a Garibaldi o comando da nascente esquadra farroupilha, a qual constava de dois lanchões em construção na barra do Camaquã. Para ali se transportou o almirante revolucionario, ultimando a construção das embarcações, que batizou com os nomes de "Independente" e "Rio Pardo". Logo começaram a sentir os navios imperiais, na Lagôa dos Patos, a presença do temível adversario que, mau grado a superioridade das náus de guerra, atacava-as de surpresa, infligindo-lhes estragos e esquivando-se logo pelos meandros e baixios.

Deliberaram os chefes republicanos levar um ataque por terra e mar contra a Laguna, precisando para isso ter no Atlantico algumas embarcações.

Na impossibilidade de sair pela barra do Rio Grande, planejou Garibaldi levar por terra os lanchões "Farroupilha" e "Seival". Foi esse, sem duvida, um dos mais estupendos episodios da luta que durante dez anos ensanguentou o Rio Grande.

Postos sobre dois enormes lastros com rodas, os dois lanchões, puxados por cincoenta juntas de bois, fizeram em seis dias a travessia até o Rio Tramandaí. Póde-se imaginar o espanto que teria causado, por onde passou, a fantastica caravana das duas grandes embarcações cruzando os campos e as areias do litoral.

Lançados á agua e armados com os seus canhões, fizeram-se de vela para Laguna. A "Farroupilha", porém, acosada por temporais, naufragou, tendo Garibaldi quasi perecido para salvar os seus companheiros. Com os sobreviventes, seguiu êle por terra, juntando-se ás forças republicanas e realizando depois, a bordo do "Seival", prodigios de valor



A sessão cívica realizada no Teatro São Pedro.

no assalto á vila catarinense, onde era em seguida proclamada a Republica.

Tendo capturado algumas embarcações, Garibaldi organizou logo uma nova esquadra revolucionaria, com a qual cruzava as costas brasileiras.

A 15 de novembro de 1839, poderosas forças de terra e mar, enviadas pelo Imperio, atacavam Laguna. O heroismo com que se portaram os farrapos não impediu a derrota. Em Imbituba e Laguna, contra uma forte esquadra, Garibaldi realizou prodigios de bravura. Suas pequenas embarcações foram espedaçadas pela grossa artilharia das náus de guerra, e as perdas de vida, de parte a parte, fazem dêsses combates os maiores que já se feriram em aguas brasileiras.

Incendiando o que restava de sua esquadrilha, Garibaldi em companhia da heroína que escolhera para esposa, Anita, a formosa lagunense, incorporou-se ao exercito republicano que retirava.

A retirada de Lages até Viamão foi uma estupenda epopéa. A infantaria, comandada por Garibaldi, e a cavalaria sob o comando de Joaquim Teixeira Nunes, todos mal armados e exaustos, viram-se inumeras vezes cercados pelo inimigo muito superior. Sob as cargas e a metralha das tropas legais, dizimados ás dezenas, os dois bravos guerreiros, com uma coragem e energia indomaveis, foram rompendo os cercos e atingiram afinal Viamão.

Após o combate indeciso de Pinheiros e o desastre de S. José do Norte, o exercito farroupilha estava particamente destróçado.

Perseguidos pelas forças imperais, só o seu heroismo fulgurante os mantinha rebelados.

Depois dêsses acontecimentos, em 1840, deliberou Garibaldi dirigir-se para o Uruguai, pois era impossivel pretender reorganizar a esquadra farroupilha.

Para custear-lhe a viagem, o tesouro da Republica poudo somente oferecer ao grande guerreiro uma tropa de bois, que, chegando a Jaguarão em misero estado, apenas o produto da venda dos couros lhe forneceu os parques recursos para continuar.

A republica do Uruguai debatia-se tambem em lutas pela liberdade, ás quais Garibaldi não ficou por muito tempo alheio. A sua fama precedera-o e em breve assumia o comando da esquadilha oriental na guerra contra o tirano argentino D. Manuel Rosas. Logo depois formava êle a Brigada Italiana, á frente da qual escreveu algumas das paginas mais estupendas da história uruguaia. Seu nome conquistou, tambem ali, não somente a veneração de seus aliados, mas o respeito dos inimigos.

O almirante Brown que o combatera várias vezes, não se poude conter até encontrar e abraçar Garibaldi, dizendo-lhe a sua admiração por tanta bravura.

Seis anos ali pelejou o grande guerreiro até que, em 1848, ante as noticias que lhes vinham da Europa, embarcou para a sua Patria, para combater pela sua liberdade. A sua ação aí pertence á história do mundo.

Formando uma legião de voluntarios, em Milão, atirou-se contra o exercito austriaco. Em 1849, foi a alma da defesa de Roma contra os franceses. Exilado mais uma vez, viajou pelos Estados Unidos, China e Perú. Em 1859, comandando uma brigada de alpinos, batia os austriacos em Varese e San Fermo. No ano seguinte, á frente de 4.000 voluntarios, desembarcava em Marsala e conquistava toda a Sicilia, entregando-a a Vitor Manuel, para que formasse com ela uma provincia da Italia redimida. Em 1862, tentou um ataque a Roma, que queria para capital de sua patria, sendo ferido e prisioneiro. Em 1866, novamente combate os austriacos, e em 1867 tenta outra vez apoderar-se de Roma.

Declarada a guerra franco-alemã de 1870, Garibaldi oferece seus serviços á França e com tal heroismo se portou que, terminada a luta, foi eleito deputado por quatro departamentos, sendo-lhe mais tarde erigida uma estatua, em Dijon, para perpetuar a memória de seus gloriosos feitos.

A entrada de Garibaldi em Roma, 1875, foi um triunfo igual aos dos tempos antigos: a Italia coroou de louros um dos mais abnegados e o mais valoroso dos que se bateram pela sua liberdade.

A quasi um século de distancia do tempo de suas faça-

nhas, o heroismo de Garibaldi nos assombra ainda, a sua energia nos empolga e a generosidade de seu grande carater nos reconcilia um momento com a brutalidade da guerra. Ninguém, tanto como êle, amou e serviu a liberdade, pois não a tinha apenas nos labios, mas sentia-a no coração. A todos os povos que lutavam pela justiça e pelo direito êle procurava levar o fulgor da sua bravura e o sacrificio da sua vida. Poujou-lhe a morte um fim heroico em mais de cem batalhas, porque Deus reservava para o termo de seus dias tumultuosos a suprema felicidade de vêr a sua patria redimida e unificada.

No Rio Grande a figura senhoril do formidavel guerreiro incorporou-se ao patrimonio comum das glórias de sua tradição e ainda hoje o seu nome congrega em uma homenagem fraternal os dois grandes povos.

Que a sua memória seja o laço de perene amizade entre as duas patrias e que os pósteros aprendam na vida do legendario batalhador a desprezar a morte para servir a liberdade.

A Sessão Extraordinaria no Instituto Historico

Associando-se ás comemorações levadas a efeito em honra de Garibaldi, realizou o Instituto Historico concorrida sessão, da qual foi orador o nosso confrade Otélo Rosa.

A's 20,30 horas, presente vultosa assistencia, o desembargador Florencio de Abreu, tendo a sua direita o representante do general interventor do Estado e á esquerda o comendador Mario Carli, consul italiano, abriu a sessão e pronunciou as seguintes palavras:

“Reunira-se, em Viena, o famoso congresso internacional de 1815, depois da quéda fragorosa de Napoleão Bonaparte. Nele dominava o imperialismo das grandes potencias e sobre as decisões dos embaixadores exercia o fascínio irresistivel do seu grande talento politico o chanceler Metternich. Personificando o espirito reaccionario estratificado nas dinastías européas, contra as novas idéas liberais difundidas pela Revolução Francesa, esse mago da diplomacia austriaca fazia da mistica Santa Aliança uma coligação do absolutismo dos reis contra a liberdade politica dos povos.

Era, evidentemente, a tentativa de um regresso impossivel ao passado sepulto pela convulsão social desencadeada em 1879. Restringiam-se a liberdade de pensamento, a liberdade de imprensa, a liberdade de ensino. A carta politica da Europa assumia aspetos inconcebiveis, como se a distribuição geografica das nações pudesse constituir objecto das combinações e caprichos dos dominadores do dia. Existe, como observa Wells, uma carta politica natural e necessaria do mundo, carta que sobrepaíra acima de tais

contingencias. Transitórias serão estas demarcações territoriais traçadas pelo arbitrio humano contra os imperativos da raça, da lingua e de uma ideologia tradicional e comum, com raizes profundas no coração dos povos. Entre estes, via-se a Italia, então reduzida a uma simples expressão geographica: dividida, retalhada, sobre ela abatia-se o peso asfixiante da hegemonia da Austria, engrandecida com a usurpação da Venecia, da Lombardia, do Tiról e da Dalmacia.

Nenhuma força humana poderia, porém, manter por muito tempo aquele equilibrio instavel; inevitavel seria contra-reação da opinião liberal da Europa; e a lava subterrânea das conspirações não tardaria a manifestar-se, abrindo crateras, num ou noutro ponto de menor resistencia, á expansão do patriotismo nacional e das aspirações liberais da democracia. Restaurava-se, em 1829, a nacionalidade heleenica; na França, a revolução de 1830, de fundo democratico, punha Carlos X em fuga e inaugurava o governo liberal do duque de Orléans; em 1832, erigia-se a Belgica em reino independente; sob a inspiração dos seus poetas e literatos, sublevava-se a Polonia, na sua heroica tentativa de reconquistar a perdida independencia.

Esses movimetnos emancipacionistas, e, sobretudo, a revolução de 1830, tiveram, tambem, como era natural, intensa repercussão na peninsula italica, inflamando a imaginação dos patriotas, que pretenderam sacudir o jugo austriaco e, sob a influencia de Mazzini, implantar o regime republicano. Entre os carbonários que tomaram parte ativa no movimento mazziniano, distinguira-se um jovem e intrépido marinheiro, descendente tambem de marinheiros famosos, o qual, perseguido e condenado á morte, refugiara-se em Marselha, sob o nome de José Pane. De Marselha viajara ao Oriente, servira depois á marinha de Tunis e, de regresso áquele porto mediterraneo, embarcava, daí, a alguns dias, como immediato, no brigue "Nantonier", rumo ao Brasil. Assim, o acaso, que não raro é a predestinação, fazia aportar ao Rio de Janeiro, no ano de 1836, o bravo carbonário, marinheiro de nascimento, guerreiro por intuição, republicano por instinto, e que,

dentro de poucos anos, se deveria tornar o “heroi dos dois mundos” — o legendario José Garibaldi.

Recostado á amurada do brigue francês, os seus olhos extasiavam-se, surpresos, na contemplação dessa maravilha da natureza que é a nossa baía de Guanabara; e, ao acostar o navio ao cáis e ao pisar o marujo italiano em terra, a sua surpresa subia de ponto com o encontro de alguns companheiros do partido da “Jovem Italia”, como êle exilados em consequencia da luta pelos mesmos ideais de liberdade e de redenção da patria. Amarga é a desventura de sentir-se na condição de estrangeiro dentro de seu proprio país, e assim, buscaram êles refugio na hospitalidade de uma patria estranha.

Logo ao desembarcar, dentre o povo que se aglomerava junto ao cáis, se lhe depara alguém que, sem dúvida, já vira antes. Um sorriso de simpatia os aproxima. E falam. Era o genovês Luiz Rossetti, jornalista brilhante, republicano exaltado, a quem o fracasso da revolução de 1834, na Italia, obrigara a expatriar-se, e que, pouco mais tarde, desempenharia marcado papel na epopéa farroupilha, como redator do célebre jornal “O Povo”, órgão official da efêmera e imortal Republica Riograndense.

No Rio de Janeiro tambem se achavam Cuneo, velho amigo de Garibaldi; Castellini, e, encarcerado num dos calabouços da fortaleza de Santa Cruz, pois fôra preso com Bento Gonçalves após o revés do Fanfa, o conde Tito Livio Zambecari, homem de vasta cultura, laureado pela Universidade de Bolonha, “ilustre entre os italianos ilustres” (como diria Garibaldi), filiado tambem aos novos ideais democraticos e de liberdade politica, desterrado na America desde 1831, com o malogro da insurreição de Modena, e a quem, anos depois, Assis Brasil conferiria a honra de sagrar como o verdadeiro diretor mental da revolução farroupilha.

A presença providencial dessa pleiade de patriotas italianos no Rio de Janeiro, especialmente a de Rossetti e Zambecari, determinaria, dentro em breve, a incorporação definitiva de Garibaldi á historia patria, vinculando para sem-

pre as glórias de sua grande vida ás fulgidas tradições do Rio Grande. Daí a razão desta sessão extraordinaria do Instituto, em homenagem a este heroi de legenda, sobre cujos feitos discorrerá o nosso brilhante confrade, sr. Otélo Rosa.

Está aberta a sessão.”

Logo após, o sr. Otélo Rosa, designado para falar sobre o “Herói dos Dois Mundos”, pronunciou brilhante oração, a qual publicamos linhas abaixo:

A conferencia do sr. Otélo Rosa

Escrevendo sobre Lord Byron asseverou certo pensador que “ninguém representou melhor do que o poeta inglês o tormento dessas existencias anormais que assinalaram a transição entre os séculos XVIII e XIX, essa viagem sem objéto, essa ansia de aventuras extraordinarias, os anseios por um futuro sobre o qual não se tinha idéa alguma.

Nascido em 1807, Giuseppe Maria Garibaldi haveria de incluir-se, necessaria e inevitavelmente, nas fileiras de uma mocidade vibrante e corajosa, verdadeiro escól espiritual da humanidade que se iria fazer a sagitaria dos grandes idealismos, numa hora dramatica de profunda transformação social e politica.

A sua viagem, porém, não seria sem objéto: bem ao en-vês, uma clara e luminosa linha reta, de objetivos certos e constantes. O futuro, para que êle avançava destemerosamente, e conduzia os povos, não era uma aspiração vaga e confusa, de contornos imprecisos, de puras abstrações: era uma conquista conciente de liberdade e justiça, de realidades fecundas que á vida humana traçariam um sentido novo e forte. Nas aventuras da sua existencia, ha alguma coisa mais alta, mais nobre e mais pura do que um espirito aventureiro, que se compraz nas surpresas do imprevisito: ha um espirito de abnegação e de renuncia que leva Garibaldi a oferecer-se ao sacrificio, em holocausto á beleza de uma idéa.

Nice — a Nizza maritima — foi-lhe berço. Rosa Raimondi e Domenico — “padrone di mare” — foram seus pais.

E o sangue paterno lhe transmitiria a vocação de marinheiro, a que êle obedeceu na juventude.

Sobre a Italia, a velha e gloriosa Italia, passava a esse tempo um sôpro ardente de reivindicações, um sonho esplendido de libertação e de unidade, iluminando as consciências e aclarando as almas. E o moço marinheiro, enternecidamente enamorado da sua terra e da sua gente, integrou-se de logo, com a energia inquebrantavel que é traço predominante de sua personalidade, no grande movimento nacional.

Mal surgira a "Jovem Italia", que Mazzini creara em Marselha, com Bianco e Santi, e Garibaldi a ela se filiava. Homem de ação, êle seria dentre em pouco, um insurreto em Genova, num golpe infeliz, que lhe traria á alma de patriota, o sabor amargo do primeiro exílio.

Começava o homem a cumprir o seu fadario, o seu grande, doloroso fadario! E abençoado, por certo, foi o sofrimento desse homem, pois que pelo sofrimento êle se fez, não o heroi de uma Patria, não a gloria de uma raça, mas um padrão de orgulho para o mundo, um paladino da liberdade humana, a quem Giovanni Bovio poudé chamar, com toda a justiça, em 2 de junho de 1882, no Parlamento Italiano, o "Cavaleiro da Humanidade".

Viajando pela Tunisia, ou desembarcando no Rio de Janeiro, Garibaldi não era um simples desterrado, vivendo com os olhos voltados para o seu país, fechado na saudade imperecivel da Patria longinqua. Era o soldado invencivel de um luminoso ideal, era o nobre campeador de uma generosa, salvadora idéa de liberdade, pronto a descer as armas da panoplia, aonde quer que um povo pela igualdade e pela justiça pelejasse. Cidadão do mundo, não confinava a sua ação em lindes territoriais: o mundo todo seria o cenario majestoso das suas façanhas e dos seus feitos, em pról da causa santa da dignidade humana. Aonde quer que a tirania dos absolutismos ameaçados de morte conculcasse direitos ou suprimisse consciências, pretendendo enclausurar o pensamento em dógmas de ferro, aí estaria, soberbo e magnanimo, esse

Parcifal sem medo que alimpara o coração, para dar-lhe força, no Santo Graal do mais claro de todos os idealismos.

A insurreição dos “farrapos”, que a esse tempo desbordava sobre as coxilhas verdes do Rio Grande, exerceria sedução irresistível sobre o animo do revoltado de Genova. Homens se batiam pela liberdade: um pugilo de herois, nas arremetidas fulminantes de uma coragem épica, desafiavam e enfrentavam todo o poder de um vasto imperio, afirmando corajosamente a grandesa moral de um direito, face a face da brutalidade material da força. Era aqui, portanto, o lugar de Garibaldi: e o moço patriota não faltou ao reclamo do clarim gaúcho e ao aceno de Rosseti e Zambeccari.

El surge então o corsario. Na popa do seu barco o nome de Mazzini esplende, como um grito de guerra, e como o voto civico. No batismo de fogo, nos mares do Sul, é-lhe contrária a sorte: ferido, preso, torturado, a alma daquele bravo se tempera no sofrimento e na dôr para cumprir depois o seu fadario, o seu grande, doloroso fadario!

Ei-lo afinal, em Piratini, a capital da Republica nascente, aquela jovem e ingenua Republica, que nomeara, de fato, um ministro da Marinha, sem entretanto possuir uma nave sequer, em cujo tampo de mastro o pavilhão tricolor tremulasse, espelhando-se na superficie ondulada das aguas marulhosas.

Da ação de Garibaldi na revolução riograndense de 1835, não é possível dizer-se nas linhas breves de uma conferencia. Afirmou um historiador, realçando-lhe justamente a influencia e a amplitude, que si Garibaldi houvesse conseguido dominar a Lagôa dos Patos outra seria a sorte da insurreição e talvez o destino do Rio Grande.

O seu cruzeiro é uma pagina autêntica de epopéa.

Do nada, esse homem extraordinario faz tudo. O unico elemento, de que dispunha realmente o nauta desassombrado, era a agua: tudo o mais elle haveria de improvisar, á inspiração de uma vontade sobrehumana, temperada em aço. E elle improvisa os barcos, e elle improvisa os marinheiros, e aos marinheiros e aos barcos transmite, num quasi milagre

de fascínio, a força incoercível de uma energia que não cansa, que não fraquêa, que não se quebra, que não se torce, que não desespera e que não perece nunca!

Nas margens caprichosamente recortadas do Camaquam sinuoso, instala o "Condottiere" o seu estaleiro. E dêle vão surgindo, um a um, rudemente trabalhados pelos herois anônimos que se agrupam em derredor desse herói de lenda, os lenhos pequenos e frageis que afrontariam, pela Republica, as iras formidáveis dos mares temerosos. Nunca mais de quatro, afirma o distinto confrade Eduardo Duarte, no seu trabalho "Os lanchões de Garibaldi", êles iriam, esses barcos galhardos, pôr em xeque, mais de uma vez, na crista das ondas, o poder majestático de uma realza assombrada. "Rio Pardo", "Independencia", "Seival", "Farroupilha", eis o nome de batismo dos veleiros da frota republicana, dos navios fantasmas que o genio de um nauta arrancaria, para duelos trágicos e maravilhosos, das margens caprichosamente recortadas do Camaquam sinuoso...

Surge, como uma aparição, face a face do inimigo, vaidoso de um poder sem contraste, e impõe-lhe Garibaldi o desprimor de uma derrota e de uma presa, a barca "Mineira", pejada de mercadorias.

Ha um clamor de rebate, nas fileiras imperiais.

E contra o adversario, desconhecido e escarnecido ontem, mobiliza-se uma força naval da monarquia, que traz no capitanea a perícia do Greenfell. E Garibaldi prossegue o seu cruzeiro, impedindo o abastecimento da praça cercada de Porto Alegre, assegurando ás hostes da Republica liberdade maior de movimentos. Ora em plena Lagôa, no inopinado de surpresas imprevisíveis, fazendo estacar na róta comboios pomposos, que os navios de guerra ladeiam, como câis de fila! ora, pelo imperativo da desigualdade numerica, desaparecendo, em fugas inexplicáveis e desconcertantes, nas curvas de canais inacessíveis ao inimigo, ou no leito plácido de rios por onde não se afoitarão jamais os brigues bragantinos.

Era demais, a audacia: um quasi escarneio ao Imperio. E porque não pudessem as forças navais do legalismo, do-

minar o adversario intangivel, que óra perdia de vista, como si as aguas o tivessem tragado, para vê-lo ressurgir um dia, em sortidas atordoantes, Francisco Pedro de Abreu, o “Moringue” intrepido e insidioso, foi um dia arrasar e destruir, nas ribas do Camaquam, a séde do poder maritimo da Republica Rio-Grandense.

17 de abril de 1839. Manhã nevoenta, brumosa, em que a cerração limita os horizontes, e torna vagas e indistintas as fôrmas das coisas e dos seres. No “Brejo”, estancia de d. Antonia Gonçalves, irmã de Bento Gonçalves, tudo era sossêgo e calma. Os homens de Garibaldi, tranquilos e confiantes, disseminam-se e separam-se, entregando-se aos seus labores. No galpão, velho galpão de xarqueada, apenas o chefe italiano e um negro, que era o cozinheiro. Subito, — fantasmas a emergir do nevoeiro — os inimigos que a astucia de “Moringue” até ali conduzira, impressentidos cáem sobre os “farrapos” descuidosos. Não se intimida o leão, quasi sozinho, embora, Garibaldi faz frente aos atacantes. Todas as armas de seus homens estavam carregadas: e êle as desfecha com tal celeridade que o inimigo pressupõe ali um nucleo de resistencia.

Interrompe o ataque, desarticula-o, para refazer as suas linhas, êle, que era numeroso, que dispunha de infantaria e de cavalaria, longe de acreditar que só dois homens o fariam estacar numa investida em que a vitória era tida como certa.

Quebrado o impeto inicial, acorrem ao galpão, entre cortinas de fogo, alguns companheiros de Garibaldi, que somam, afinal, quatorze homens: quatorze homens que pelejam seis horas a seguir, que destroçam o inimigo, infinitamente superior em numero, que ferem o proprio Chico Pedro, e inscrevem em nossa história um prodigioso lance de bravura.

Proeza maior praticaria, em breve, Garibaldi.

Com a mobilização crescente de forças navais, a minúscula esquadilha dos “Farrapos” parecia de todo inutilizada nos rios interiores, a cuja foz a matilha nautica de Greenfell montava guarda vigilante. Parte dela, realmente, o destee-

mido Zeferino Dutra abandonaria na lagôa Formosa, aonde o comandante monarquista iria apreender e destruir, enfim, numa jornada sem gloria, os cascos dos lanchões lendarios. A outra parte, porém, ressurgiria, ainda uma vez, em pleno e aberto mar, entre o espanto do inimigo desatento.

A revolução dilatava-se. Os “farrapos” indomitos iriam desfraldar o seu pendão de guerra além do Araranguá, nas terras lindeiras de Santa Catarina. Para a expedição eram designados David Canabarro, comandante das forças de terra; nas forças de mar, caberia o comando ao capitão-tenente José Garibaldi, o chefe das “embarcações de guerra da Republica”, nos termos do decreto de 1.º de setembro de 1838, que estabeleceu o regulamento de corso, revigorando o alvará de 12 de novembro de 1836.

Pareceria um gracejo, a nomeação. Rir-se-iam, decerto, os “caramurús” daquele tempo, vendo indicado para o comando de uma frota aquele official que lá estava. Capivariá a dentro, com dois unicos lanchões, irremissivelmente “engarrafado” pela esquadra do Imperio. Mal suspeitariam êles a reserva de energia moral que enrijara o coração e o braço do lidador indomavel!

Cercado por agua, Garibaldi concebeu o plano de navegar pela terra.

Do nada, esse homem continuaria a fazer tudo! Manda construir rodados enormes e fortes, imerge-os quanto possivel, e neles monta os cascos de seus lanchões “Seival” e “Farroupilha”.

5 de julho de 1839. Barra do Capivari. Após esforços ingentes, sobrehumanos, os lanchões republicanos demoram sobre os rodados, que cem juntas de bois, arfantes e suarentos, aos gritos dos condutores e as ferroadas dos aguilhões, arrancam custosamente do leito e das margens do rio.

A esquadilha da Republica, esmagada pela fôrça das aguas, reaparece ovante em plena superficie da terra, na aventura maravilhosa que até hoje faz pulsar de orgulho os nossos corações. El lá vão êles, entre as dunas de areia, oscilantes e bizzarros, os lanchões fantasticos que emblemam,

nesta façanha de assombros, o máximo esplendor da tenacidade humana. Alma de spartano, forjada em aço, Garibaldi os conduz á barra do Tramandaí, em 6 dias de percurso, e aí os lança ao mar, em 11 de julho, sem que ninguém lhes saia aos embargos, pois que ninguém poderia suspeitar da incomparavel proeza.

E as velas da Republica panejam em pleno oceano, altas e brancas como o idealismo dessa gente soberba, capaz de tais façanhas. El rumam, destemerosas ao balouçar das ondas em direitura a Laguna.

Não tardaria muito a tragedia: o “Farroupilha” seria tragado pelas ondas e Carniglia, o bom e valente Carniglia, morreria ali, aos olhos mesmos do heroi, que as lagrimas enevoavam. Nem a dôr o vence, porém: como um gigante, luta com o mar bravio, salva os que póde e infunde-lhes no animo a coragem e a fé.

São paginas de epopéa, que é mistér folhear de relance para nelas não ficarmos horas longas, num deslumbramento, numa quasi adoração civica a esses batalhadores de antanho. A tomada de Laguna, em 22 de julho, em que Garibaldi, com o “Seival”, de esquadra se refez, apresando aos imperiais numerosas embarcações, o curso em mar alto, até esse homérico combate naval da Laguna, em 15 de novembro de 1839, foram admiraveis feitos, que cobrem de novos brilhos o renome do “condottiere”. No combate de Laguna, ao lado do heroi desponta, maravilhosa e impressionante, a figura varonil e esbelta de Ana de Jesus Ribeiro, aquela que o destino fadara á dôr e á gloria de partilhar a sorte de um heroi, aquela que dele se tornaria a companheira desvelada, e meiga, e sobranceira, e forte, nos infortunios como nos triunfos, muito menos, porém, nos triunfos do que nos infortunios...

Desfeita a frota pequenina, nem por isso Garibaldi repousa das fadigas olimpicas. Vencida a efêmera “Republica Juliana”, êle vai ser, no exército republicano, o mesmo campeador da liberdade e da justiça. E aí o vereis, ou na retirada difficil de Canabarro, ou em São José do Norte, ou em

Taquarí, valorosamente pelejando, nos “entreveros” formidando da cavalaria gaucha.

Ainda uma vez, nas aguas do Guaíba, zomba do poderio naval do Imperio. Vale bem a pena recordar o lance.

Em 1840, quando sitiavam Porto Alegre, viram-se os “farrapos” em situação tremenda. De sitiadores, passavam a sitiados. Pelas margens do Caí, os imperiais concentravam cerca de 3.000 homens, ao comando do prudente velho cabo de guerra, Manoel Jorge Rodrigues. No Guaíba, a esquadilha imperial, numerosa e forte, apertava o bloqueio implacavel. Bento Gonçalves e Neto, chefe do Estado-Maior, concertam plano audaz para romper essas linhas de ferro, que os constringiam, para a junção das hostes republicanas á vista do morro de Fortaleza. A despedida dos dois centauros é dramatica, sela um inviolavel compromisso de honra, quicá de morte: “General, diz um ao outro, se no dia 25 de abri eu não estiver no morro da Fortaleza, é porque fui derrotado!”

Neto, porém, teria de atravessar o Guaíba, entre os navios imperiais, para incorporar-se, na campanha á cavalaria republicana. A 14 de abril, a 1 hora da tarde, sai sigilosamente de Viamão e vai á Fazenda da Boa Vista; ali, na praia ha uma canôa oculta e nela Garibaldi embarca, com três remadores, para a aventura da travessia perigosa, entre o inimigo cuidadoso e atento. Na sombra da noite, a fragil canôa, que leva no pequenino bojo os proprios destinos da Republica, deslisa sôbre as aguas, contorna e ilude o adversario e, ás duas horas da madrugada, aporta do outro lado da baía, na ponta do Mato Alto, opressos os tripulantes pela passagem, quasi ao seu lado, das embarcações do Imperio. Desembarca Neto, e o intrepido Garibaldí, entre os mesmos perigos, no silêncio da madrugada, reatravessa a baía e vôa a Setembrina para comunicar a Bento Gonçalves a proeza memoravel.

Peleja com o gaúcho, e com o gaúcho sofre. Em Marombas, parte-lhe a alma a prisão de Anita, largos dias entregue ás mãos inimigas, episodio que culminara na sua fuga,

pela noite trevosa, e a travessia do rio Pelotas, segura ás crinas de um “pingo” bom e brioso.

Nem só a dôr para todo o sempre identifica Garibaldi com a terra dos pampas: em 1840, em Mostardas nasceria, entre os rumores e os desassossêgos de um acampamento de forças em marcha, o seu primogenito Menotti.

Acentuado o declínio da revolução de 35, cujo epilogo se tornava claro aos olhos da experiencia, segue Garibaldi para Montevidéo, aonde vive, com a esposa e um filho, época de privação e lutas, forçado a dar lições de algebra para angariar o pão de cada dia. Não longe dele um tirano tripudiava sobre os direitos e as liberdades dos homens, desmandando-se em processos inominaveis de rancor e de violencia.

Rosas, o terrivel, façanhudo Rosas, fazia do tacão de sua bota de general petulante e vaidoso a lei suprema, no Prata. E o ardente patriota da “Jovem Italia”, tostado ainda pelo sól dos combates nas coxilhas gauchas, não estrangulou no peito generoso de valente o anseio de se bater mais uma vez pelo direito e de afrontar mais uma vez as iras dos potentados. Nas aguas do Paraná realiza outra das suas façanhas estupendas; e quando vencido pelo numero, face a face das naus vitoriosas de Brown, incendeia, êle proprio, as suas embarcações, mantendo ilesa e imune a honra do soldado, podendo repetir assim a frase célebre de Francisco I, pois se tudo perdeu, no transe angustioso, nos braços do seu heroismo nenhuma mácula restou. No assédio de Montevidéo, comandante da “Legião Italiana”, o almirante se transforma em general, e colhe novos e virentes louros, em pugnas memoraveis.

Não adormecera nunca, em Garibaldi, a idéa de retornar á Patria e de lutar pela sua redenção. E o dia chegou em que êle pôde realizá-la, volvendo a Italia distante e nunca esquecida, em companhia de Anita, a esposa devotada, e de três filhos, em 1848. Entra no territorio da Patria, em pleno estridor de refrega. Em Roma, empós a fuga de Pio IX para

Gaeta, é proclamada a Republica — o grande sonho de Garibaldi — a efêmera Republica que iria morrer ás mãos de um exército francês. Em todos os movimentos politicos, de 1848 a setembro de 1870, em que Vitor Manoel apossa-se da velha cidade do Lacio e dela faz a capital do reino da Italia, a ação do lidador é intensa, é forte, é predominante, é decisiva, é notavel.

Com os garibaldinos de Milão, os rijos soldados de camisa vermelha, bate-se no Tirol contra os austriacos. Em 1849, na cidade papal, é a alma da defesa contra os franceses e salva-se do desastre, numa retirada habil. Dominada a insurreição, viaja pelo mundo e, em 1854, acolhe-se, pela vez primeira, ao retiro de Caprera.

Já era outra, a Italia desse tempo. Cavour, o grande Cavour, faria-se o centro de um poderoso movimento de reforma, a energia construtora de uma nacionalidade.

Vitor Manoel, o rei cavalheiroso, honrando a herança de Carlos Alberto, concentrava sobre a sua figura galharda, os olhares e as esperanças dos patriotas, daqueles altivos e exaltados patriotas que desdobravam como programa de ação uma fórmula energica de civismo: "Italia fará da se".

Tudo prenunciava a expedição dos Mil, de 1860, o feito máximo, talvez, de Garibaldi, e o esplendido decenio de lutas em cujo termo, com a queda de Roma, a unidade italiana seria proclamada.

Nesse cenario de pelejas ardentes, avulta sobranceira a figura empolgante do "condottiere" — bravura sem par, patriotismo sem jaça, vontade sem fraquezas, ao serviço de causa nobilíssima.

A' frente dos "mille de Marsala"; em Varese; em San Fermo; na Sicilia; em Aspromonte; no lago de Garda; no Tirol; em Monte Rotondo; em Mentana; vencedor ou vencido, Garibaldi é sempre o Cid Campeador da liberdade dos povos, o paladino incomparavel do pensamento livre, o defensor incansavel dos direitos humanos. A libertação e a unidade da Patria, eis o imperecível padrão de gloria de

Giuseppe Maria Garibaldi, o heroi inconfundivel dos dois mundos.

Foi deputado; foi poéta e escritor, deixando quatro livros; Roma, em 1875, recebia-o com as consagrações de um triumpho, e o Parlamento votava-lhe uma pensão: e foi, sobretudo, uma alma eleita pela dôr, divinizada pelo sofrimento. Exilado; condenado á morte; ferido vezes diversas, e outras prisioneiro; preso e torturado nos pampas argentinos; cruciado, ao crepúsculo da vida, pelo martirio sem piedade dos sofrimentos físicos, era preciso que o coração dêsse homem fosse esculpido em bronze para não mentir jamais, como jamais mentiu, aos compromissos do seu braço e do seu cerebro com as idéas que foram a suprema inspiração da sua vida. Mas vêde, senhores, como a dôr o acompanha, passo a passo, na jornada: em pleno oceano, ao bramido das ondas que fluem e que refluem como gigantes em duelo, êle vê morrer, um a um, os irmãos do seu coração, aqueles que eram para êle, no deserto aspero da existencia, familia, Patria, amor! Uma filha, encanto do seu lar, sorriso bom da casa humilde de Montevidéo, morre longe dele, sem lhe deixar sequer, na hora extrema, a extrema unção dos olhos infantis que suavemente se fecham para todo o sempre! E Anita, a companheira valorosa e fiel, a morte a leva, em uma noite trágica e lutuosa, de indecisão e de pavor, de desconforto e de desolação!

Nem assim fenece a fé, no peito do heroi: em 1870, ei-lo nos campos de batalha da França, batendo-se pelo direito, com os voluntarios italianos, tendo a seu lado os seus dois filhos, Menotti e Riciotti. Nem a dôr, nem o tempo, destruiam, no imenso coração de Garibaldi, a châma eterna e salvadora do idealismo, que lhe deu á vida a feição magnifica e alta de um apostolado civico, na esplendida beleza de um sacrificio conciente pela humanidade.

GARIBALDI:

Na tua história, entretecida de lendas, pois que tu és um tipo de lenda, ha um episodio, de comovente doçura, todo

feito de meiguice e de tristeza, que eu quero evocar, nesta hora emocional de saudade e de preito.

Nas margens recortadas do Camaquã sinuoso, os teus olhos poisaram um dia na graça e na beleza de uma morena esbelta — flôr viçosa e san dos campos rio-grandenses. Funda impressão causou-te, á alma de moço, a morena gentil dos nossos pampas; tu mesmo o disseste, em tuas "Memorias", que ela se fez, ao fulgor de um olhar, — "dona de todo o teu coração".

Chamava-se Manuela (*). Era noiva, e noiva de um irmão darmas. Tornou-se, pois, sagrada para a tua lealdade: sonho que passou, radioso e bom, e que morreu em breve...

(*) No *Correio do Povo* de 9 de junho publicou o nosso confrade Otélio Rosa o seguinte artigo:

"A NOIVA DE GARIBALDI

Por designação do Instituto Historico e Geografico do Rio Grande do Sul, no salão da Biblioteca Publica desta capital, na noite de 2 do corrente, fiz uma conferencia sobre José Garibaldi, de cuja morte, nessa data, se comemorava o cincoentenario.

Ao fim de meu modesto trabalho — desvaliosa contribuição ás homenagens á memória do heroi italiano, tão cara ao Rio Grande do Sul — referi-me a um episodio afetivo da agitada e tumultuosa vida do "condottiere": um idílio de amor, ás margens do rio Camaquã...

Esse episodio, em suas linhas gerais, é conhecido dos estudiosos da história: Manuela, a moça gaucha que tão fundamentalmente impressionou o coração do guerreiro, é uma imagem que passa, embora subtilmente, em contórnos indecisos e vagos, em quasi todos os trabalhos em que são evocados a vida e os feitos daquele a quem Alfredo Varela chamou — "o filho sublime de Nizza".

Sem embargo, não dei á minha referencia o tom categorico de um fato demonstrado. Tempo não me sobrava para examinar miudamente o caso, e nele destrincar, a rigor, realidade e fantasia. O proprio Garibaldi, em suas "Memorias", alude ao episodio, tanto que citei palavras dêle. As "Memorias" de Garibaldi, porém, devem ser lidas com alguma precaução pois foram escritas muitos anos depois e por um esforço quasi exclusivo de memoria. Nelas, não raro, ha o que corrigir, ou retificar.

Em Manuela — de cuja existencia não era lícito duvidar — emblema o sentimento de gratidão da alma rio-grandense ao pelejador valente do

Dizem, no entanto, que ela te amou também. E dizem mais que Manuela — a morena gentil dos nossos pampas — não desposou ninguém e ali ficou, no ermo do seu rincão, vivendo da saudade de um amor que não floriu.

Toda a tua vida ela acompanhou, dia por dia, sofrendo contigo, nas horas de amargura e de derrota, vestindo o coração de galas, os lábios de sorrisos, os olhos de alegria, nas horas de vitória e de triunfo.

E porque a vissem sempre assim, entregue ao doce culto de teu nome, á devoção da tua gloria, os gauchos simples e bons das ribas do Camaquã passaram a chamar Manuela “a noiva de Garibaldi”. E “noiva de Garibaldi” ela foi a vida inteira, até quando, velhinha e trêmula, no quietismo de

decenio assombroso. Encarei o fato na verdade inicial, insuscetível de negação; e sobre elle procurei crear uma expressão de simbolo.

Chega-me hoje ás mãos uma missiva, contendo esclarecimentos interessantissimos sobre “a noiva de Garibaldi”.

Um descendente de Manuela, tendo lido a minha conferencia, transmite-me informes de valia sobre a sua antepassada; é elle o sr. Otacilio C. Ferreira e, ao que se vê da carta, reside nesta capital.

Narra o amável missivista que a Manuela que se fez “dona do coração” de José Garibaldi, era natural de Pelotas, chamava-se Manuela Amalia Ferreira, sendo filha do casal Francisco de Paula Ferreira e Maria Manuela Gonçalves Ferreira. Conheceu Garibaldi em casa de seu tio, general Bento Gonçalves da Silva, aonde se encontrava de passeio. E diz mais, textualmente, a carta:

“Aí enamoraram-se e, dentro de pouco tempo, estavam noivos. Garibaldi foi o seu primeiro e unico amor. O suposto noivado com seu primo, filho de Bento Gonçalves, não passou de um pretexto dos seus pais para recusarem o pedido de Garibaldi, pois embora o recebessem em seu lar e o cumulassem de gentilezas não deixavam de considerá-lo como aventureiro, motivo pelo qual opuzeram-se ao casamento. Apesar disso, Manuela nunca esqueceu-o: sempre que o recordava, em palestras, os seus olhos se marejavam de lagrimas de afeto e de saudade. Além de uma photographia, com dedicatória e assinatura autênticas, possuia ella cartas e poesias, a si dedicadas, da lavra do heroi.”

Adianta ainda o sr. Otacilio C. Ferreira que esse arquivo foi parar ás mãos de um sobrinho neto de Manuela, e que essa faleceu aos 84 anos de idade, na cidade de Pelotas, em cujo cemiterio descansa.

Além do signatario da carta, existe nesta cidade de Porto Alegre mais

uma tarde luminosa e linda, piedosamente a levaram, em um caixão muito branco, para dormir o seu grande e tranquilo sono num cemiterio pequenino que alveja ao sopé de uma coxilha verde.

Noiva gentil e fiel, que não esqueceu nunca o afeto, cimentado no sofrimento comum, na esperança partilhada, no orgulho repartido, no sacrificio igual, a terra do Rio Grande do Sul vai hoje, enternecidamente, comovidamente, numa romaria civica de admiração e de reconhecimento, ao retiro agreste da tua Caprera silenciosa, ajoelhar junto ao teu tumulo sagrado, e a tua fronte de heroi cobrir de rosas.

um sobrinho carnal de Manuela, o ilustre e venerando general Cipriano da Costa Ferreira.

Em brilhante conferencia feita em Pelotas no dia 2 do corrente, o talentoso dr. Fernando Osorio aludiu tambem á "noiva de Garibaldi", avocando para a galharda "Princesa do Sul" a gloria de berço natal da linda e fiel Manuela.

Os esclarecimentos prestados, na carta que me dirigiu, o sr. Otacilio C. Ferreira, são de incontestavel valor: por isso mesmo, a guardá-los egoisticamente em meu arquivo, prefiro trazê-los á lume, para gaudio dos que amam a nossa história, ou para tēmas de estudo e de analise.

Praticaria o sr. Otacilio C. Ferreira novo ato de benemerencia si conseguisse, do colateral que detem o arquivo de Manuela, que éle o entregasse ao Museu do Estado, aonde ficariam ciosamente guardados, e amorosamente conservados, todos esses documentos, que sendo os forais de nobresa do coração de sua avoenga, teem ainda alta importancia historica.

Com o meu agradecimento ao missivista gentil, receba éle, de boamente, este caloroso apêlo."

A Flama Garibaldina

CONFERENCIA REALIZADA NA SESSÃO MAGNA DA
PREFEITURA MUNICIPAL, EM PELOTAS, PELO NOSSO
CONFRADE DR. FERNANDO OSORIO

A missão cultural dos governos — O primeiro amor do “nosso” Garibaldi por uma pelotense — Lirismo heroico do Rio Grande — Cenário onde êle acendrou a sua mocidade — Interpretação sociológica da sua vida e da sua alma — As suas convicções e a grande orientação do povo gaúcho — Legado de vibração e de sonho — Anita de Jesus, a encarnação da república e do coração da America — O genio pacifista de Garibaldi, levando consigo a alma dos povos, como cidadão do mundo — Juizo de Vitor Hugo — Visão profetica de um Rio Grandense — Ansia de liberdade e de justiça — No sólo da America e no sólo da Europa — A sua apoteose, em projecção mundial.

De estrelas da palavra se tem iluminado os labios dos maiores homens de governo, praticando, a justiça, a admiração, o entusiasmo.

E, quando, para vibrar no pléctro a legenda garibaldina, esplende a santidade da Patria, devera timbrar a voz não do mais somenos dos oradores, mas a eloquencia tersa e cambiante, lirica e generosa que rutíla desta Casa, a eloquencia no nobre Edil, ciente das responsabilidades de sua missão, abrindo-a, de par em par, ao seio do povo, para, com o seu idealismo infrangível, consagrá-la, na perenidade das apoteoses, nas áras de um simbolo evocativo do cavalheirismo heroico e dos ressaltos da grandeza da mulher brasileira, a

esta ideal comunhão de vínculos históricos e naturais das mães e esposas, das noivas e irmãs da família pelotense com a família italiana. E, agraciando-me nas galas desta tribuna, e dando-me o poder público venia ao entusiasmo e envolvendo-me de refrações e colmando o meu coração das impressões generosas do dia de hoje, quando diante de figuras da luminosidade da mais bela e ardente flama de regeneração e de sinceridade, — quando o Brasil pleiteia, ainda, as mais veementes e sagradas aspirações da sua autonomia, aos reclamos da conciencia nacional, eu não posso, antes de tudo, calar no peito, a sugestiva e grata emoção em que se me vai a alma neste momento, de todas as véras, vibrando ao realce da vossa presença que enche e explica esta solenidade, nos mimos da minha terra, emoldurando de encanto, ondulando da simpatia do coração largo e rútilo de Pelotas este ar impregnado de respeito, acendrado de veneração, aveludado de benevolencia e de sonoridades e embalsamado pela flôr da cavalaria... Porque, — aos feitos redivivos de larga projecção mundial, — si, numa mesma auréola de fulguração, pairam, hoje, um nimbo de glória e um halo romantico neste salão de honra da cidade, é insigne o mandato com que a minha palavra de simples cidadão, de rapsodo da minha terra e da minha gente se me enflóra, espontaneamente, aqui, para bater palmas a tão nobre e elevada resolução e a tão fertilizante exemplo de um governo que, para as palavras que movem sobre a vida material a vida do espirito, segundo o aforismo, e para as lições que arrastam, não raro desenterradas do olvido, abre de par em par, como digo, esta Casa do povo e em lei de Governo arvóra o culto votivo aos mortos imortais, como um sentimento que presserva e concorre para a elevação moral dos homens e o aperfeiçoamento dos costumes públicos. É força que eu vos diga, Sr. Prefeito, que sonhoreais este auditorio, que vos elevais na estima dos vossos concidadãos, vós que, na elevação e grandeza do vosso ministerio, amais “no universo a ciencia, no homem o bem e na patria o direito”: bem hajam os vossos diligentes esforços e os vossos gestos que se refrangem na alma dos acontecimentos sagrando da majestade latina os

deuses tutelares da raça estreme cujo sangue também vos corre nas veias... com o esto, o **slancio**, creador, da Italia eleita, no dizer antigo e gracioso de Plinio, para dar ao mundo um céu mais sereno... bem hajam estes instantes de congratamento de harmonia instintiva das vontades, neste austero, confortador, educativo, e suave abrigo do espirito, nesta florescencia de um festival de civismo em que as qualidades primaveris da vossa alma de administrador vigilante e professor devotado orientam a moral das gerações renascentes, inflamando-as pela liberdade, pela verdade da regeneração pela democracia na lei e pela humanidade na prática da admiração, da justiça e do entusiasmo fundados nas tradições mais puras e nas melhores aspirações nacionais e humanas, — porque nada é mais condizente com a missão moderna e cultural dos governos do que fazer vibrar do seio do povo, por uma contemplação pura, uma resolução heroica ou uma aspiração sublime, as canções desinteressadas, sinceras e frementes do patriotismo!

Senhores! O nobre e alto canto do passado, do miradoiro da glória fulgura na impetuosidade do seu vôo, derredor da flama garibaldina, na altivez do seu surto, nas arrancadas em que se libra a sua resplandecencia... Mas, o Rio Grande do Sul não foi, apenas, o primeiro trecho da Terra em que, sofraldando a clâmide de um fervido e rutilante ideal politico, se ensaiou a coragem dêsse enamorado da liberdade... e, da sua crença forte, se desabotoou, sorrindo ao perigo, o entusiasmo sadío e moço, em galhardia e destemor de um paladino da alma da Italia luminosa... Não foi, só, o Rio Grande, o palco das eventualidades das batalhas em que, ao revêrbero diafano da plenitude da sua pureza, na limpidez do seu foco, se emplumou a bravura dêsse aventureiro sublime, dêsse peregrino do bem, dêsse Cid Campeador que uniu por um laço ideal o destino de dois mundos... como o cavaleiro andante, o “Gran Condotiére”, que, ao lado dos Farrapos, em suas filas, como êle disse, principiou a desprezar a adversidade e a combater dignamente pela causa sagrada das nações”, para

honra nossa e para honra sua... — não foi o Rio Grande, apenas, o primeiro trecho da Terra em que êle acendrou a sua mocidade cultivando e apurando, na livre atmosfera das coxilhas visionárias, um grande sonho de independência e de justiça que, nas consciências acrisoladas pelos hinos triunfais do dever e da honra, lhe valeu o nome de paladino da humanidade... Porque, falando-vos, como pelotense, da legenda garibaldina, da fama novelesca dêste escudeiro medieval, dêste condutor de homens que foi no Rio Grande o **nosso** Garibaldi, eu, não poderia esquecer que êle antes de unir a sua vida á vida de Anita, encontrou numa jovem filha de Pelotas o seu primeiro idílio em terra americana. A sua inspiradora, a sua musa angelica, aquela que primeiro conquistou integralmente o seu coração, num rosiclér de poesia, como a aparição branca e sideral que elevou o Dante, chamava-se essa pelotense **Manoela**, de grandes olhos azues, uma loura de figura gracil, que lhe representava a beleza ideal e inalcançavel. “Posso assegurar, — exclamou Garibaldi nas memórias escritas do seu proprio punho, — que nenhuma das circunstancias da minha vida se me apresenta, como essa, na imaginação, com maior encanto, com mais doce e mais prazerosa reminiscencia. Nada de profano havia em meu amor”. E êle se sabia correspondido pela bela filha de Pelotas, pela primeira dama dos seus pensamentos que, “destinada a ser esposa de outro”, disse Garibaldi, — morreu com o seu nome nos labios... Lirio do passado, na tua fidelidade incorruptivel de gaúcha de raça, na firmeza do teu coração, foste o caminho, o bergantim encantado, o extase, a flôr azul, pura e modesta, a centelha deslumbrante que, nesse episodio romantico em que primeiro palpitou a juvenilidade do heroi, representaste a estirpe moral dos lares sadios do Rio Grande. Sublimaram-te, em ternura e desprendimento, a doçura e o aspéto viril que foram as armas poderosas daquele jovem cavaleiro quando, em suas visitas á estancia do Camaquã, nas costas daquele rio em cujo arsenal êle instruiu e formou o seu primeiro grupo de legionarios, tu o ouviste entoar com a sua bela voz sonora, a mesma de Italia e Niza, as canções apaixonadas, recordando, com as declarações dos fragmentos civicos as

grandezas passadas da sua Pátria. Gaúcha de raça, gracil filha de Pelotas, que na tua exaltação, conservaste, como broqué, a beleza ideal e a majestade do teu amor, sem jaça, por Garibaldi, foste a alma virgem da tua terra nativa, e, como justo orgulho de um simbolo do teu berço, embeleceste a lenda rio-grandense; e é no esplendor do teu bemquerer apaixonado, é a chãma viva da tua alma que, na mansão estendida, tambem, pela firmeza do nosso culto, aqui, neste festival de civismo, ainda desfaz-se em fumo e aroma, ardendo em granulos de incenso... a palpar em revérberos do proprio genio de amor, da propria alma desta cidade, como filtro dolente do lirismo heroico do Rio Grande! Eis porque, em dois infinitos, olhando o imenso e fulgido asceterio do Pampa, descortinando as coxilhas, em torno, amorosamente conchegadas, e trazendo o céu dentro dalma, o moço conspirador da Giovine Italia aqui emplumou a sua bravura e, com a suavidade dos bons, soube espiritualizar a sua fogosa energia, pelo amor que é um ideal e que é uma transfiguração... Gentilhomen perseguido por um sonho contínuo de interêsses afetivos, Garibaldi, ao lado dos gaúchos, fazendo as suas primeiras armas, viu dilatar-se, irradiar e vencer, nesses dois infinitos, debaixo de outro infinito do céu sem raias do Rio Grande, o seu grande ideal que illustrou a sua vida e que refulgiu nas conciencias humanas porque foi, acima de tudo, um ideal de justiça e de fraternidade, um ideal de horror ao cativo e de um ardente desejo de perfeição moral. Si antes de deslisar as ternuras da sua alma no oceano das coxilhas rio-grandenses, si antes de respirar, de lhe bafejar o livre folego dos pampas, êle teve outra escola, foi esta a escola do marinheiro, a mesma carreira de seu pai, de origem genovesa, em que o futuro condotiére (nascido em 1807, na cidade italiana de Nice) tão jovem, habituou-se a sondar o infinito, já contemplando o fragor contínuo das rochas e das ondas, nesse curso do náuta, nessa escola de providencia das distancias marinhas, ao tempo em que o Mediterraneo, o mar civilizador, estava infestado de piratas e o marinheiro era sempre um homem de guerra, fosse qual fosse a sua condição. Nessa dura escola instrutiva das aguas cismadoras e

eternas, á brisa das costas flameando á luz do sol, êle aprendeu nos espetáculos das lições avisadoras que pressentem a tormenta e que adivinham a bonança com as grandezas que a circundam na transparencia da imensidade. Os efeitos do abalo da Revolução Francesa, depois que esta produzira o culto da razão, tinham continuado em fórmulas sentimentais como a da nova organização social cristã da Saint-Simon que, no interesse das classes trabalhadoras, tivera a intuição de proclamar o principio de que as profundas transformações sociais se operam por via dos sentimentos. E, na propria França, alguém fizera, em exposição pública, um quadro sombrio da anarquia resultante da liberdade prometida pela Revolução Francesa. Esse alguém foi Bazard, discípulo do conde de Saint-Simon. Durou de 1828 até 1830 essa exposição em que Bazard, mais observador, menos utopista que o mestre, sistematizando-lhe as idéas, reagindo contra o individualismo, expusera a doutrina do progresso e das épocas organicas e criticas, no sentido de reorganizar a sociedade. Começara, pois, a grande época moderna da investigação social e, na França, o fundador da Sociologia, Comte, fazendo da natureza humana uma teoria de conjunto, com a sua filosofia da experiencia, evitou a transformação da ciencia social em ciencia puramente matematico-estatística, conciliando a liberdade com a autoridade, visando tornar a ordem menos retrograda e o progresso menos anarquico. Pois bem. Ha uma filiação do genio de Garibaldi com o pensamento filosofico de uma orientação humanitaria que foi a escola de moralidade positiva, no dizer dessa grande individualidade rio-grandense, o visconde de Mauá, também filiado á teoria-germen da civilização industrial e á previsão de que só a paz universal inaugurará a idade de ouro do genero humano. Porque Garibaldi, êle mesmo, conta, nas suas memórias, que numa de suas viagens ao Levante, transportara a bordo do seu navio, a Constantino-pla, varios perseguidos da filosofia que no mais amplo sentido dava valor pessoal ao trabalho e ao talento. E, sobre o mar, cuja brisa lhe parecia chela de inspirações generosas, discutia, numa noite em que o céu estava marchetado de estrelas, com um desses passageiros, em quem viu um

apostolo, sobre as questões de nacionalidade e o grande problema humano. E ouviu essas palavras: — O homem que defende a sua Patria ou que ataca a Patria dos outros, é, no primeiro caso um soldado piedoso; injusto, no segundo, — mas o homem que adota a todas por patria e vai oferecer a sua espada e o seu sangue ao povo que luta contra a tirania, é mais do que um soldado, — é um heroi. E aquele navio se transfigurou, ali, aos olhos do seu coração, como se fôra, para Garibaldi, o mensageiro do Senhor, porque, êle, ávido de novos horizontes, descortinava-os, agora, através o véu longinquo do futuro. E a sua grande vida, como no belo verso de Vigny, passou a ser a realização dêsse pensamento da mocidade... Quando o oceano, dizia Garibaldi, rugindo, erguia o meu navio, ou quando, como o vento da tempestade, assobiaram, depois, as bombas e as balas aos meus ouvidos, eu via sempre, orando por seu filho, a minha pobre mãe ajoelhada aos pés do Senhor, com o amor imenso que ela me consagrava... e a grande compaixão que sempre tive por tudo que era fraco e sofredor, foi um bem emanado de Deus e tambem de minha santa mãe, que orava, como um anjo, por mim. E á excelsitude materna reunindo o granito do carater paterno, êle teve o privilegio de ser um forte, pelos habitos adquiridos e pela tempera de sua espontanea energia tranquila e sorridente porque “a verdadeira força é sempre temperada de brandura”. Tinha Garibaldi o rosto expressivo, a fisionomia ampla e aberta, a face formosa e rosada e azues e muito vivos os olhos, os cabelos longos que lhe rodeavam a cabeça como de uma aureola mistica, delgado o nariz e de lindos contornos, arqueado o bigode, mediana a estatura, de espaldas largas, delgado de cintura e bem conformado; de andar firme, de aprumo e elegancia a cavalo; de espirito perscrutador com o dom de atraír, falando e sorrindo aos soldados, sem empregar muitas palavras, com a doçura e a lhaneza de um homem afetuoso, simpatico e modesto, cuja simplicidade evangelica parecia chegar á candura e cujo sangue frio e cujo entusiasmo agremiavam os mais fervorosos adeptos, — porque os dons magneticos de sua confiança, por sua vez, criavam, em todos, a confiança infinita

e ardente... O ano de 1830 reabriria a éra das revoluções e o povo, martir anonimo, apagando as armas dos Bourbons e as flores de lis, queimara o trono de Carlos X. E Garibaldi contava apenas 24 anos quando era já o entusiasta, o proselito, em Marselha, do patriota Mazzini que, exilado, passou a iniciar suas operações de propagandista da Jovem Italia... tinha 24 anos de idade e já era obrigado a fugir do seu país como criminoso politico denunciado em Genova. Sentença monstruosa e ridicula essa do conselho de guerra de 1834 condenando á morte infamante e ignominiosa o desertor do "De Geneys" como *nemico della Patria e dello Stato*. Não foi esse decreto da imbecilidade e da tirania, não foi a morte da ignominia que haviam de acompanhar e eternizar, como disse alguém, o nome e o espirito dêsse paladino da alma da Italia luminosa envolvendo-o na profusão e na majestade das glorificações universais, no sólo da America e no sólo da Europa. Dir-se-ia que entre os rancores atavicos e os preconceitos arraigados do velho continente, um mundo novo, que se elaborava na America, lhe acenava, num veemente chamado, porque a missão da America fez dizer a um Sociologo eminente que, como "terra da liberdade, ela é o ensaio final de um planeta fatigado que aspira a redimir-se de suas primeiras creações". Canning apregoara que a independência americana destinada era a produzir a inteira transformação do orbe terrestre! E, como chaves poderosas de uma vontade generalizada, naquele panorama precursor que se des-cerrava nesta porção do mundo, os povos americanos escolheram como interpretes de suas inclinações, pelejadores insignes, dêsde o gigante Washington ao grande Bolívar, fator da independencia de mais de uma republica americana, entre os exemplos esclarecedores, em varios recantos do Brasil, de casos nativos como o de Felipe dos Santos, o dos Inconfidentes mineiros, o da Confederação do Equador, reluzindo em clamores de independencia e de republica, numa sementeira sublime. Relacionara-se, na Italia, com Garibaldi e Mazzini, uma pensadora brasileira, filha do Rio Grande do Norte, D.^a Nisia Floresta Brasileira Augusta, dama ilustre que, emigrando para o nosso Estado, aqui dirigiu um collegio e no Rio de

Janeiro realizou conferencias republicanas, pregando a federação, vinte anos antes de Tavares Bastos, abraçando a causa da unidade italiana e correspondendo-se com o fundador da Sociologia, Comte, que, nela viu os indícios de uma preciosa discipula, a unica brasileira que o conheceu pessoalmente. Legado de vibração! E numa hora propícia havia Garibaldi de chegar á America, para a completa revelação de si mesmo, engajando-se naquele ano de 34, no assinalado dia 14 de julho, numa pequenina embarcação francesa, a *Nantonnier* que, após travessia tormentosa o trouxe ao Rio de Janeiro. E, dizem que, ao avistar, coroadado, o Pão de Açúcar, pelas luzes da manhã a sua alma atribulada como que esquecendo o que deixara atrás, em extase, bradou, em carta á sua familia: — “Fiquei maravilhado, quando me vi rodeado desta luxuriante natureza de que não encontrei igual nem na Asia nem na Africa”. Natureza, senhores, a da paisagem brasileira, de indomaveis energias, onde, na pedra isolada do vale, como no pincaro agreste da serra, por toda parte, qual assegurava José Bonifacio, Deus estampou o verbo eterno da liberdade antes de gravá-lo na consciencia do homem! E natureza, senhores, que havia de dar um resumo das riquezas da terra favorecendo o complexo de vantagens do Rio Grande do Sul, porque já alguém afirmou que ao penetrar neste confim da nacionalidade, nesta extrema da Patria, a propria serra da costa brasileira que se mantem altaneira, paulatinamente, depois, essa serra se abaixa até morrer em ondulações suaves, como si as eminencias da materia se devessem abater ante a majestade dos caracteres... Um ponto de contato, um ponto de partida, talvez, representou o Rio de Janeiro para Garibaldi, perseguido no seu desterro pela idéa de continuar combatendo pela redenção da sua Italia, em qualquer parte do mundo que lhe assinalasse a sorte. E a sorte, quando elle pisou a terra brasileira, lhe deparava o caminho de prestar o seu auxilio ao duelo de um povo sublevado pelo seu mesmo ideal de liberdade politica. E, nessa predestinação da sua vida, alguns homens, reclusos nos subterraneos da fortaleza de Santa Cruz, no Rio de Janeiro, iriam exercer, no seu futuro, uma enorme influencia. Seus

olhos se encontraram, numa atração de simpatia reciproca, com os de um jovem alto, que foi, então, o seu novo amigo e o seu irmão de crença, — Rossetti, outro refugiado politico, outro filiado á Jovem Italia e que, conhecedor do ambiente italiano do Rio de Janeiro, introduziu Garibaldi no circulo em que êle encontrou Castellini e tornou a vêr o seu velho companheiro Cúneo, o seu primeiro confidente politico na Europa. Sentiam-se destinados, na sensação viva da juventude, a difundir o programa dos principios da Republica que o príncipe dos filosofos gregos definiu como sendo, na sua pureza, o regime de todas as virtudes, no sentido de ser o regime do respeito civico ao Direito. Chamou-se "Asilo da Virtude", precisamente, a loja, de vinculação maçônica, a que êle pertenceu, no Rio Grande com Rossetti; como, sentenciosamente, proclamara o Hino ao 20 de setembro de 35, com a sinceridade, virtude ingênita dos nossos maiores:

"Não basta para ser livre
Ser forte, aguerrido e bravo:
Povo que não tem virtude
Acaba por ser escravo!"

Falarei a respeito, com Zambeccari, disse, no Rio de Janeiro, Garibaldi, pensando nesse ilustre patriota e cientista bolonhês o conde Tito Livio Zambeccari, prófugo, também, da tirania de sua patria e animador da epopéa dos Farrapos, que, juntamente com os revolucionarios do Rio Grande estava recolhido áquella fortaleza do Rio de Janeiro construida por mãos escravas e á qual chegara Rossetti para confabular com os seus irmãos de ideal. Desde 1828 e 1829 que as sementes da guerra civil tinham sido lançadas no Rio Grande do Sul e que, nesse último ano, se oferecera para tramá-la na Banda Oriental o Padre José Caldas que, condenado á morte, em Pernambuco, viera com Lavalleja, do Prata, ao nosso Estado. E os rio-grandenses, através da sua imprensa, em 1832, antes mesmo de Zambeccari palmilhar terras gaúchas, diziam, pelas colunas do "Recopilador Liberal", que a America não podia deixar de ser toda republicana e que era

este o sistema de governo que o Brasil reclamava, porque isto era da natureza das cousas, havia de acontecer infalivelmente. E, si, já, em 1821, no dia 26 de abril pela primeira vez, por motivo politico, os rio-grandenses, em Porto Alegre, pegaram em armas para defender o regime constitucional, — depois, eloquentemente, o jornal “O Povo”, órgão ministerial da Republica Rio Grandense, diria, em Caçapava, a 2 de maio de 1840: — “A Republica é para nós aquella fôrma de governo unica que pôde dar lugar ao desenvolvimento harmonico de todas as faculdades do homem”. A guerra civil estalara, quando Bento Gonçalves, deixando de conspirar com os republicanos do Prata, se convenceu que era possivel a federação democratica com as demais provincias do Brasil, isto é, quando se desequilibraram, no Rio Grande, os dois espiritos — o nacional e o provincial — já não possuindo o centro a antiga autoridade unificadora. De modo que o sentimento federativo, fortalecendo o sentimento nacional, por fim sobrepairou, sem separatismo nem ligação com os povos vizinhos, em obediencia á orientação da grande alma brasileira dos rio-grandenses. É um formoso documento, entre outros, a carta do rio-grandense illustre, Marciano Pereira Ribeiro, que se formara na Inglaterra, em que, como conselheiro, como consultor de Bento Gonçalves, quando a este general procurara Lavalleja para entrar em combinações, visando um pacto de uma e outra banda, respondeu: — “O movimento rio-grandense deve apoiar-se em elementos e em politica essencialmente brasileiros, não deverá nunca perder o seu carater eminentemente nacional”. Garibaldi tomara o comando de um navio, armado no Rio de Janeiro secretamente, e que êle batizou com o nome de Mazzini, mas que foi apresado, como inimigo, no rio da Prata; e êle, conseguindo fugir para Montevidéo, de novo encontrou-se com Rossetti, emissario da Republica farroupilha, e os dois viajaram por terra para o Rio Grande, quando o estado-maior da revolução era em Piratiní, e foi na vila legendaria que êle encontrou, como alma do movimento, esse cujo nome reboava, de angulo a angulo do Continente, o heroi já condecorado com as medalhas das campanhas nacionais de 1815, 16 e 17

e da Independencia do Brasil, — Bento Gonçalves da Silva, o idolo, então, de seus concidadãos, de quem disse Garibaldi, depois de o conhecer na intimidade, que era um filho diletto da natureza que dêle fez um verdadeiro centauro, vigoroso, esbelto, agil, leal, como os cavaleiros andantes do ciclo de Carlos Magno, como um cavaleiro de Ariosto e irmão pelo valor dos Olivérios e Rolandos. E, assim, tambem, o nosso Garibaldi se fez um gaúcho, para honra nossa e para honra sua, se fez tambem um Farrapo, pedindo em Piratini para fazer parte da coluna de operações que se dirigia sobre o São Gonçalo, — vestindo o poncho histórico, adotando os mesmos trajes tradicionais desta Provincia, que foram os mesmos que usou até o fim da sua vida, dando-lhe o Rio Grande do Sul a inspiração da camisa vermelha. Contou-me, não ha muito, a sua neta, aqui em Pelotas, a emoção sempre referida em sua familia, com que, vestido de gaúcho, Garibaldi veio a proferir, na Europa, um discurso, em pról da Paz, por ocasião de participar da primeira reunião pacifista de Genebra. É que, senhores, este soldado, pelo qual os brasileiros tem perpétua gratidão, este farrapo que uniu a sua sorte á nossa como um dos primeiros criadores da nossa liberdade politica, este batalhador que nobilitou pela glória a sua temeridade, varando o Capivarí, na estação invernal, para a libertação de Santa Catarina, inspirando-se na original idéa de pôr sobre imensas rodas seus lanchões da marinha da republica e arrastá-los, com 100 juntas de bois, pelo terreno movediço, lançando-os á agua na barra de Tramandaí, para o tremendo risco de arrostar, com êles, as furias do oceano, numa irreál e fantastica beleza, levando nos topes penachos de palmas para iludir o inimigo que ocupava as alturas; este cenobita da religião civica que tinha o orgulho da sua pobreza e que, afeito a todas as privações, no pó da estrada acampava, ao relento, e dormia coberto “com o poncho das estrelas”, sem uma queixa que lhe partisse dos labios; — este paladino cujo ânimo foi alentado pela maior heroína do Brasil, tambem a guerreira dos dois mundos, a filha inimitavel de Santa Catarina, a mulher do silencioso sacrificio da sua pobreza honrada, nos longos anos de assédio em Montevidéo e no martirio da Italia em cujas

lutas nacionalistas tomou parte ativissima, a mulher que foi para êle, afinal, o anjo consolador, a mãe de seus filhos, o tesouro do seu magnifico amor, a providencia moral, a encarnação da republica, serena e intrepida, febril de coragem, como uma amazona, á pôpa de um escalér, com a “face morena de brasileira e a claridade branca de seus dentes sorrindo á claridade vermelha dos canhões”; — este aventureiro sublime das batalhas navais de Laguna e dos recontros por terra e das peripécias da incrível travessia da grande Serra, de Vião a São Gabriel, este bravo, que, na expedição do Paraná pôs fogo e fez saltar as suas duas naves em frente ao inimigo, — este tipo do verdadeiro patriota, senhores! que teve o coração assaz grande para amar as patrias todas, amando a sua patria, porque êle nunca deixou de ser italiano e, acima de tudo, com o seu genio maravilhoso, oferecendo o seu sangue em holocausto á liberdade, em resgate da escravidão, — êle foi o guerreiro que amou ardentemente a Paz, êle foi, acima de tudo, o soldado inimigo da guerra! Atentai, senhores! Alguem relembrou as estatuas que no sólo da Europa e no sólo da America a admiração universal ergueu a esse cidadão do mundo — desde aquella no Janiculo de Roma, em que a sua attitude é de repouso, antes de uma das arremetidas arrojadas que o levaram a atravessar como um raio da vanguarda as hostes inimigas; e a estatua de Palermo em que êle aponta aos seus soldados o caminho do sacrificio e da vitória e, num baixo-relevo, desembarca em Marsala, recebido e adorado pelos seus irmãos de armas como um semi-deus; e a estatua, em Veneza, sobre uma rocha dominando com o vulto um leão que lhe jaz aos pés, como um simbolo superior da bondade e da intelligencia suplantando a força; e a estatua de Milão em que êle fita o céu e desafia o destino; e a estatua de Siena em que êle, olhando para trás, parece revêr as mil torturas a que o expôs a sua sêde de justiça; e a estatua de Turim e a estatua de Buenos Aires e a estatua de Perugia e a estatua de Porto Alegre, ao lado de Anita, como brações das cidades — até mesmo erguidos pelas proprias monarquias, como fez notar Blasco Ibañez, — eternizando os gestos fecundos do sementeiro de redensões, com que, fulgindo a vitória,

ela apertava o gladio contra o proprio coração, esse coração que pulsou, ardentemente, pela sua grande convicção sociologica de justiça e de fraternidade! Que palavras quereis que eu diga dos rasgos magnanimos com que Garibaldi defendeu as instituições e a independencia da Republica Oriental do Uruguai, contra a invasão estrangeira, em feitos heroicos e gloriosos, á frente da sua famosa Legião Italiana? Quando a Europa inteira prorrompeu em vivas ao heroi que, á frente dos seus poucos bravos, marchou em socorro do rochedo de Roma, como um Romulo e um Prometeu moderno, na frase de Giosué Carducci, — alguém, quatorze anos mais tarde dos seus feitos em Montevidéo de 8 de fevereiro de 46, o presidente Joaquim Suarez lhe escreveu de coração e com amor, protestando a profunda gratidão do nobre povo oriental por aquele que merecera o titulo de Cidadão da Republica e que para redimir tambem o seu belo país estava predeterminado pela mão de Deus emprestando o seu braço e inclinando a sua frente ante os dois grandes principios sustentados pelo seu coração — o da unidade e o da liberdade italiana, com o apostolado do patriota para quem o sacrificio está recompensado menos nos titulos do que na tranquillidade de consciencia. Oh! a intima ufanía com que, cumprindo no Uruguai o seu dever fraternal, êle exclamou: — “Hoje não darei meu nome de legionario italiano por todo o ouro do mundo!” Alberdi, o escritor argentino, no-lo evocou, dizendo que Garibaldi para manter a sua familia, em chegando a Montevidéo, teve que se dedicar ao ensino da matematica porque era pobre como Washington e como Belgrano e que assim, o vira dirigir-se para o trabalho, sobraçando um livro, quasi todas as tardes, vestido com um simples e grosso sobretudo e chapéu á gaúcha, de abas largas... E êle mesmo, voltando al natio loco, escreveu nas suas memórias que o assedio de Montevidéo foi uma defesa heroica sustentada por um povo que soube lutar pela sua independencia com coragem, constancia e sacrificio de toda especie. Para curar as feridas de Garibaldi quando foi preso e torturado em Gualeguai, suspenso e crucificado numa viga da casa de Milan, não lhe faltaram as mãos femininas que se ocuparam de pre-

parar tiras de linho, com verdadeiro espirito religioso, levando-lhe aos labios secos, piedosamente, a taça de agua que os seus braços e as suas mãos doloridas não podiam suster... Aquelas mãos e aqueles braços que haviam empunhado a bandeira da liberdade das nações e que haviam de levar o seu auxilio fraternal á grande França, invadida pela Prussia, nessa guerra de 70, em que, oferecendo seus serviços ao governo da Defesa Nacional, Garibaldi desembarcou em Marselha com os voluntarios italianos e combateu os alemães em Chatillon sobre o Sena, em Autun e em Dijon; e foi nessa campanha que elle promoveu a general o seu filho Ricciotti, nascido em Montevideo, que, sob as suas ordens, comandou uma brigada, capturando a unica bandeira prussiana tomada então ao inimigo. Chegara Garibaldi a escrever uma carta, em 1847, oferecendo-se, com Anzani, outro forte e corajoso, a ajudar, dizia elle, a “obra redentora de Pio IX, os preceitos da augusta religião para felicidade da cristandade e da Italia”. Esperando em vão uma resposta e recebido friamente pelo rei Carlos Alberto, secundou a revolta na esfera politica, pela separação dos poderes temporal e espiritual esboçada pela Igreja na Idade Média, e em que, tentando apoderar-se dos Estados Romanos, foi gravemente ferido em Aspromonta e, depois, veio a bater as forças pontificadas em Monte-Rotondo, porque Roma era, para Garibaldi desde os sonhos da mocidade, o simbolo da unidade italiana. E, em Roma, — exclamou Vecchi, — a sua espada era um raio e eu tremia de o vêr cair de um a outro instante; mas, não, ficou de pé como o destino... É que elle afrontava a morte e a morte o respeitava... e terminado o combate, ameigava-se o seu olhar, fitando com tristeza o campo de batalha, revolvido pelo roldão dos infantes e dos cavaleiros, porque o heroi era homem, outra vez, compassivo e bom! Vitor Hugo, o vate da Legenda dos Séculos, esse homem feito verso, que, em 1863 escrevera a Garibaldi — “nós dois temos a mesma fé na civilização”, — quando o paladino fechou os olhos para sempre, disse: — “É mais que uma morte, é uma catastrophe; não está em luto a Italia, não a França, mas a Humanidade essa grande nação que chora a sua perda”. El perguntarei, como Vitor

Hugo: — Quem é Garibaldi? Um homem da liberdade, um homem da humanidade. Qual é, pois, a sua força? Que é o que o faz vencer? Que leva êle consigo? **A alma dos Povos!** E si é verdade o que, alhures, afirmou o magnifico Vitor Hugo que os **genios** se caracterizam por andarem com um pé no futuro, foi um preciente Garibaldi que teve a alma flamejante e radiosa da bondade que é o gladio dos fortes, porque essa alma de lidador infalivel, — que chegou a ser mais de uma vez, deputado, ditador e, em New-York e na California industrial, e plantador em Caprera, e que além do romance da sua vida, escreveu, em 70, romances como o “Cantoni in volontario”, e “Clelia”, e publicou, além das suas memórias, “I Mille di Marsala”, em 74, — essa alma de lidador foi a harpa eolia dos oprimidos, na antecipação dos destinos humanos de grandeza e de fraternidade. E, senhores, o lugar de Garibaldi na história, como disse o grande Sarmiento, presidente da Argentina, o conquista misturando aqui na latinidade da America o seu sangue ao nosso para fortalecer nos éstos de espiritualidade, as bases da nossa constituição livre, republicana, representativa.

Vivissima estive em Garibaldi a recordação do Rio Grande, que o fez dizer, afastado, a duas mil leguas, do teatro dos acontecimentos: — “Quando eu penso no Rio Grande... quando me lembro das minhas primeiras campanhas em seis anos de ativissima guerra entre os vossos valorosos concidadãos e dos sublimes exemplos de amor patrio e de abnegação que dêles recebi... fico verdadeiramente comovido!... Nunca vi em nenhuma parte homens mais valentes, nem cavaleiros mais brilhantes que os da bela cavalaria rio-grandense, em cujas filas principiei a desprezar o perigo e a combater pela causa sagrada das nações... O Rio Grande é a mocidade da natureza, é a manhã da humanidade... Que as vossas bellissimas mulheres cubram de flôres esses santuarios de vossas glórias, é o que ardentemente desejo”. Sim! É preciso que o Rio Grande cumpra a jura sagrada de erigir, no ano de 1935, em que tambem Pelotas vai fazer o seu centenário, — um majestoso monumento diante do qual, como em face de um altar, venham ajoelhar-se não só os des-

cendentes dos farrapos que ensinaram aos patriotas sinceros e respeitosos a amar a terra natal e a sofrer por ela... mas venham, também, descobrir-se os filhos dos legalistas que ouviram os seus antepassados falar com justo acatamento das suas façanhas porque si, afinal os republicanos se bateram com intrepidez, os imperialistas, em Ponche Verde, na hora da pacificação, os receberam com amor... Duas celebrações, neste cincoentenário da morte de Garibaldi, se perpetuam no bronze: uma, na Italia, inaugurando Mussolini, a exemplo da estatua de Joana d'Arc, o monumento equestre de Anita, conduzindo ao colo o seu filho Menotti, rio-grandense, nascido em Mostardas, com poucos dias, apenas, e em attitude de defesa á perseguição do inimigo; e outra homenagem em Santa Catharina, erigindo-lhe o busto, por subscrição popular, a colonia italiana da America latina. Senhores! Nunca a couraça da alma, — afirmou Ruskin, — poderá bem ajustar-se ao coração, se não fôr afivelada pela mão de uma mulher e sómente quando ella aperta essa couraça com indifferença, o homem perde a honra. Assim, Garibaldi, para construir solidamente as suas ações, na comunhão perfeita do afeto, que é o elo mais forte que o bronze, precisou da dedicação marital de Anita e, hoje, Roma e o Brasil demonstram ao mundo que andam de ressaltos os nomes ungidos da grandeza moral da mulher brasileira, quer pela sagração dos poetas, quer pelas lides harmoniosas do coração ou pelo denodo das ações feminis precursoras de grandes ideais humanos. Porque na bela catarineta, nessa flôr do Brasil, de modo iniludivel, como um simbolo evocativo, no tipo das nossas heroínas nacionais, desde a índia Paraguassú e desde a mulher missionaria neta do cacique da nação Caiapó e desde Sórora Joana Angelica, a freira martir, até as irmãs de Bento Gonçalves, Ana e Antonia, e até Ana Neri, a placida e resignada enfermeira, a medianeira da Providencia, a heroína da caridade, celebramos os traços comuns á cordura de alma, da formosura do espirito e do denodo feminino emergindo em arrojos para o bom e para o sublime! Mais, ainda, senhores, Ana de Jesus Ribeiro Garibaldi, representa o proprio coração da America, chamejante de amor e de heroismo, simbolizando o seu vulto sacrossanto

a própria união dessa espiritualidade fecunda que nos une á cultura e á tradição de além-mar. E sabeis que as cinzas de Anita foram removidas de Nice, onde ela faleceu, a 4 de agosto de 1849, e permaneceram no Panteon de Genova, antes de encerradas no definitivo tumulto da familia Garibaldi em Caprera.

E sabeis que a Italia entrou na guerra das nações só depois que, a 5 de maio de 1915, o genio de D'Annunzio concitou, nessa ilha da Sardenha, ao povo e até ao rei presente, para que se reacendesse o fogo garibaldino sobre a ara da Patria. E sabeis que está nas fileiras do fascismo um filho de Garibaldi, o General Ezio, que defende a doutrina de Dante, de uma Italia, una e cristã, porque si Virgilio modelou a epopéa nacional de Roma, sobre fórmulas homericas, tomando-o por guia, Dante creou na Divina Comedia a linguagem que serviu de vinculo á unificação da Italia, como uma estrofe das idealizações da cultura ocidental. Oh! a civilização Italiana é um dos capitulos mais brilhantes da história da humanidade. Quem leu Sismondi, na sua "História das Republicas Italianas na Idade Média" compreende o que foi já esse belo quadro em que a liberdade nacional deu á Italia do século XII ao XVI, épocas de grandeza e de glória. E a energia de Garibaldi é o espelho de cavalaria da energia moral desse grande povo italiano que em todas as manifestações da sua intelligencia tomou por tema a aspiração da sua unidade. E, em suma, senhores, não foi esse Cid Campeador de quem sentimos as palpitações, aqui, num documento do seu proprio punho dirigido aos seus patricios que a Italia trouxe a Pelotas, com as armas invenciveis do trabalho, — não foi nos seus feitos de projeção mundial um espirito estreitamente partidario, não foi um espirito exclusivista, mas um religioso tolerante e incapaz de só impôr-se com a força e crente de que a vida é um episodio da imperecedora e divina luz da flâma que anima a harmonia do universo. Já, certa vez, falando em S. Paulo, diante de um monumento a Garibaldi, o poeta nacional Olavo Bilac, que traduziu os versos de Carducci dedicados ao Unificador da Italia, como um Hercules, em socorro de Roma marchando á frente do seu pugilo de

bravos, — mostrou como a sua sombra, de entre tantas sombras de guerreiros que a alma humana amaldiçoa, porque só foram conquistadores e escravizadores, escravos da propria ambição ou instrumentos de ambições alheias — a sua sombra majestosa se alteia, a sua figura ocupa os dominios da Poesia e invade os dominios da Arte Plastica aprumando estatuas ao sol, sobre a face da Terra, em metal e granito, em pedra e em bronze, atestando o entusiasmo humano pelo heroi, porque o seu vulto iluminado de fé civica é o exemplo formoso e venerando de um peregrino do bem, de um guerreiro de profissão, de um legitimo espirito libertador que pensou nos povos humilhados e oprimidos e que, olhando a sua panópia em Caprera, êle mesmo dizia que só se servira daquelas armas para aniquilar outras armas peores, propagadoras da iniquidade e mantedoras da infamia e que, ainda assim, era com tristeza que as olhava, lamentando não ter podido fazer com palavras de amor e beijos o que fizera com cutiladas e sangue... Fazer, portanto, minhas Senhoras e Senhores, a apoteose de Garibaldi não é fazer a apoteose da guerra, não é glorificar a brutalidade das carnificinas em que os homens se devoram como feras. É sim, venerar alguém que, sacrificando o que tinha de mais caro, serviu á causa do povo que para êle foi o mesmo em qualquer parte do mundo em que se encontrava; é festejar a figura imperterrita de um paladino, um arquetipo da humanidade, um escudeiro medieval, um condutor de homens, um atleta moral que teve o altruismo por divisa, um batalhador amigo da paz, cujo idealismo fez sua a causa dos povos; um soldado que, em lances novelescos, num sulco de episodios comovedores, nimbados de um halo romantico, combateu contra os que vivem da guerra, os mercadores de corpos humanos, os Cesares coroados que deixam maldições após si, detendo as almas livres, que odeiam, como Garibaldi, a tirania e o morticínio e, de coração e com amor, apaixonadamente amam a paz, como a ordem definitiva entre os povos, compreendendo que a força moral é a melhor das forças, que a Justiça é a maior força do mundo! Não é a comemoração do estrago e da morte, dessas glórias “inchadas que desaparecem no san-

gue”, na frase de Parcker, nem dêsses reguletes dominados por ambições de mando e por desejos personalistas, em competições que resultam da cupidez e da ignorancia... Porque não ha, hoje, um só homem “verdadeiramente digno do nome de homem que se atreva a dizer que a guerra é bôa e bela”, a horrenda guerra, como lhe chamou Virgílio, se tiver presente ao espirito a execranda estatística de sangue que, já, apenas no século dezenove, jorrou do sacrificio de quinze milhões de vidas, porque só as campanhas de Napoleão devoraram oito milhões de europeus...

Submetida a este criterio, a figura de Garibaldi ressalta com um relevo de vivissima glória. E os rio-grandenses, como o provaram os farrapos, estiveram dispostos a realizar o programa da nascente filosofia humanitaria de Comte, suprimindo o exercito permanente e, por um decreto, mantendo uma simples milicia; e, não devemos esquecer que, muito antes das profeticas invenções de Julio Verne, já um filho do Rio Grande do Sul, que foi o nosso Leonardo de Vinci, — o barão de Santo Angelo, o cantor de Colombo, povoava os ares de aviões e envolvia a terra numa rêde eletrica de maravilhas, numa visão profetica de progresso, revestindo as leis científicas do encantamento da poesia... — Italianos! filhos da Roma olimpica e luminosa que se impôs pela conquista do espirito que floriu na Renascença armando em novas legiões, pelo fogo das idéas, os sabios e os artistas... dessa alma imortal da Italia que creou o direito elaborando a jurisprudencia por homens de probidade de inquebrantavel moral e cuja ação assimiladora a tornou parte integrante do patrimonio da Humanidade, fazendo que esse direito sobrevivesse ao proprio povo que o ideou e que o transformou, sempre dominando como lei em toda a Europa, porque com o seu carater humano e universal, foi um direito que subsistiu á invasão dos barbaros, refletindo as idéas e as tendencias dos povos, — oh! Italianos, — que numa comunhão ideal, ao aconchego da grande Patria Brasileira sentis renascer a vitalidade ancestral dos rebentos daquela arvore gloriosa e secular que se chama Roma, cheia de vida e de amor quando mergulha as suas raizes no mais fugidío passado e quando ostenta ainda

hoje toda a seiva energica e vivificante que alimenta a Italia de Mussolini, — vós quizestes piedosamente fixar os ossos de Garibaldi na singeleza tocante daquelle formidavel rochedo, daquelle imenso blóco de pedra tosca que prende o seu tumulo, na ermida solitaria de Caprera, ao sólo da ilha sagrada que êle havia elegido para sua morada na Italia e que êle celebrou e santificou com os seus últimos dias de vida, de sofrimento e de agonia . . . Mas, não, o que está ali, tambem eu digo, é um pouco de materia morta, porque ali, não está aquillo que verdadeiramente resta de Garibaldi, do nosso Garibaldi, do vosso Garibaldi e do Garibaldi de todos os póvos livres, dêste homem que amou e não soube odiar, tão grande é a posse da sua glória de Cidadão do Mundo que não cabe nos limites morais de uma só Patria, numa assertiva feliz, porque o que se espalha pela superficie do planeta, o que perpetúa a sua memória, o que immortaliza a sua bondade, o que, em todas as nações, retém para todo o sempre, a energia da sua presença, o que verdadeiramente resta de Garibaldi é isto que deriva do laço ideal com que êle uniu os destinos dos nossos póvos, é isto que está vivendo, palpitando, sorrindo, cantando, refulgindo nas consciencias humanas, na verdadeira Patria do seu coração e da sua intelligencia, “em ansia de justiça, em amor de liberdade, em ardente e irreprimivel desejo de perfeição moral!” Garibaldi, cidadão do Mundo, — cumpriste o teu destino!

Garibaldi, Rossetti e Zambeccari

Eduardo Duarte

Muito se tem escrito sobre o famoso "condottiere", cuja vida enche um vasto capítulo da história do famoso decênio farroupilha. O cruzeiro da Lagôa dos Patos, feito por Garibaldi no comando da esquadilha composta de frageis lanchões que na sua prôa invocavam gloriosas façanhas dos rebeldes, constituiu para a legalidade, em largo período de tempo, sério problema a resolver, pois que, senhores desse vasto mar interno da nossa terra, a Lagôa dos Patos era a chave, podemos dizer, das comunicações do centro com a capital do Estado.

O proprio João Pascoe Greenfell, o mercenario inglês de tão famosa atuação nas coisas da nossa pátria, apesar de comandar navios dotados de todo o aparelhamento que a arte da guerra no tempo permitia, não conseguiu dar caça ás unidades da esquadra farroupilha.

O fáto, que a muitos causa admiração, explica-se facilmente. E' que Garibaldi comandava navios de pequeno calado e, como tal, o seu raio de ação era nas margens da Lagôa, lugares inacessíveis ao calado dos navios de Greenfell. E quando o futuro almirante adotou a tática garibaldina, armando navios que podessem alcançar o baixio das margens, o grande italiano rumou em direção ao Tramandaí, "navegando" por terra com os seus lanchões montados sobre poderosos rodados.

Não é nossa intenção, entretanto, encher este artigo com as façanhas de Garibaldi; queremos lembrar, de modo espe-



José Garibaldi, o herói dos Dois Mundos.

cial, num preito de reverencia e reparadora justiça, a figura de Luiz Rossetti, 1.º tenente da esquadrilha revolucionaria, nomeada para esse posto ao mesmo tempo que José Garibaldi, o seu capitão tenente, porém cuja atuação na luta teve maior destaque como jornalista, o que veremos em seguida.

O ENCONTRO DOS DOIS AMIGOS

Como se encontraram em estranhas terras esses dois futuros amigos que o destino havia separado na patria comum, é o proprio Garibaldi quem nos dá em suas memorias escritas tantos anos mais tarde.

Exilados, prófugos da patria que sobre eles havia lançado uma sentença de morte, “come banditi di primo catalogo”, pelas idéias avançadas em tempos de terror, encontraram-se um dia no Largo do Paço, no Rio de Janeiro.

“Os nossos olhos se encontraram, e não parecia pela primeira vista — como era realmente. Sorrimos reciprocamente e fomos irmãos para a vida — para a vida inseparaveis”.

Foi pelos dias de 1838.

Bento Gonçalves, após o desastre do Fanfa, tinha sido prisioneiro, remetido para a fortaleza de Santa Cruz e de lá transferido para o Forte do Mar, na Baía, donde se evadira após quinze dias de prisão. Já estava reintegrado na luta, na terra continentina, mas, o seu infortunado companheiro Zambeccari, conde Tito Livio Zambeccari, continuava prisioneiro naquela fortaleza, donde o liberou, após três anos de prisão, a imperial anistia que o desterrou para a Europa. Foi nesse ano, 1838, que os dois amigos, alcançando, por intermédio de Zambeccari, carta de corso da republica riograndense, armaram a “Mazzini”, demandando os mares do sul.

ROSSETTI EM PIRATINI

A republica atravessava nesse memoravel ano um periodo de gloria. A estupenda vitória de 30 de abril, alcançada em Rio Pardo contra as forças imperiais de Sebastião Barreto,

Calderon e Francisco Xavier da Cunha, levando á derrota um exercito de 1.400 homens, em setenta minutos apenas, trazia á revolução novos alentos, conduzindo-a em senda diréta á vitória final.

Foi por esse tempo que á velha Piratiní, ainda capital da republica, chegaram dois forasteiros oriundos de longinquas terras, traíndo no linguajar o seu país de origem, "il bel paese che l'Appenin parte, il mar circonda e l'Alpi": Garibaldi e Rossetti.

Agitadores na sua patria, arautos da idéia nova, membros da famosa sociedade "Giovine Italia", associação que já naqueles tempos alimentava o grande sonho que só em 1870 se tornou em realidade, com a unificação da península, Garibaldi e Rossetti apresentaram-se ao governo da revolução para comungarem na hostia santa dos principios liberais. Não era a sua patria, mas o ideal era o mesmo.

Garibaldi iniciava assim a sua carreira de guerreiro, — pois foi no Rio Grande do Sul que êle conheceu o primeiro embate de armas, que tão celebre o tornaria no decorrer de sua longa existencia.

Rossetti, já reconhecido jornalista em sua terra, sugeriu, talvez, a fundação de um jornal para a propagação dos ideais da revolução. E foi assim que surgiu

"O POVO"

Quem, como nós, vive integrado na pesquisa de velhos papeis que nos falam do periodo decenal que enfeixa a grande revolução, encontra, certamente, na folha republicana os mais variados subsidios para a história do épico movimento. Hoje está a sua coleção reunida em um só volume e reimpressa em "fac-simile" pelo Arquivo Histórico do Estado. Foi um gesto de alto patriotismo, digamos de passagem, que teve o nosso governo, tornando essa obra, que tão valiosa é, ao alcance dos estudiosos dos fátos da história regional. Empregamos nove

anos na pesquisa dos cento e sessenta numeros da coleção; batemos em todas as portas, dentro e fóra da patria, mas sentimo-nos bem, porque conseguimos alfin o desiderato que nos animava. "O Povo" foi reimpresso.

Quando, no decorrer dessa "via-crucis", ás nossas mãos chegava um exemplar da folha republicana, procuravamos logo os seus artigos de fundo, onde, frequentemente, as frases em italiano apareciam e o proprio estilo traía o seu autor, um italiano, evidentemente.

Em toda a sua coleção não se menciona, uma só vez, o nome dos seus redatores. Sabiamos de Domingos José de Almeida, estilo bem conhecido, porém o outro? Zambeccari, forte mentalidade de pensador, por esse tempo, continuava aprisionado na fortaleza de Santa Cruz.

Foi quando, entre velhos papeis, encontramos uma circular do mesmo Domingos de Almeida, ministro da republica, na qual recomendava aos subscritores da folha entenderem-se com o seu redator, Luiz Rossetti.

Estava desvendado o misterio. Rossetti, o extraordinario Rossetti, que se havia integrado no Rio Grande, "consagrando-lhe a propria vida", era o redator do jornal.

Trazia "O Povo" no seu cabeco, desde o primeiro número, a influencia do seu redator italiano. "O poder que dirige a revolução, tem que preparar os animos dos cidadãos aos sentimentos de fraternidade, de modestia, de igualdade e desinteressado e ardente amor da patria", era a divisa da "Giovine Italia", folheto que se imprimia na Italia e cujos principios haviam de guiar Rossetti na redação do jornal. E' o que encontramos tambem no "prospéto", o artigo de apresentação da folha republicana.

Essa mesma influencia se nota em todo o decorrer da existencia do jornal, que aliás foi curta, pois, bi-semanal que era, apenas cento e sessenta exemplares foram publicados. Os artigos doutrinarios de Rossetti de pronto se destacam como "Povo! Povo!", no qual se condensa a influencia maziniana.

de quem lhe foi amigo e mestre. “A legalidade”, vibrante artigo de combate, abre com os versos de Manzoni, no “Adelchi”:

“Una feroce
forza il mondo possiede e fa nomarsi
Dritto; la man degli avi insanguinata
seminó l'ingiustizia.”

Ainda em 2 de maio de 1840 escrevia Rossetti um dos seus ultimos artigos doutrinaes, sob a epigrafe “Republica”, que vem encabeçado com este trecho da “Giovine Italia”: “A Republica é para nós outros aquella fórma de governo que, unica, póde dar lugar ao desenvolvimento harmonico de todas as faculdades do homem”.

Outro artigo — “A agonia do imperio”, abre com esta frase do Guerrazzi: “Un momento ancora — e la morte avrà freddate le sue membra”.

Dirigiu Luiz Rossetti a folha republicana do primeiro ao ultimo numero. Em seus derradeiros artigos, quando a folha já em Caçapava, são mais frequentes as citações em italiano. Aí resurgem Manzoni, Guerrazzi, Mazzini, Filangeri, e, por vezes, em versos de alta vibração guerreira

“S'ode a destra un squilo di tromba
A sinistra risponde un squilo,
D'ambo i lati calpesto ribomba
Da cavalli, e da fanti il terren.”

Respondendo a um artigo do “Despertador”, jornal do Rio de Janeiro, órgão defensor da monarchia, á qual chama “imperio colossal”, Rossetti mete o redator a ridiculo, repetindo varias vezes o “imperio colossal” em versalete e composição invertida. Vale a pena repetir aqui um trecho desse artigo, em resposta ao que escreveu o “Despertador”, que, diz Rossetti: “son bolle d'acqua passaggere e vuote”.

“O vosso imperio á maneira do impio elevado como os cedros do Libano, dentro de pouco desaparecerá da terra. — Elle já não he mais que hum fantasma, huma nevoa, que pouco a pouco os ventos tempestuosos das revoluções vão dissipando.

E vós acreditaes podel-o fazer reviver á força de imposturas, como que tentaes enganar á vossos leitores? — Quem pode dizer á este cadaver Imperial — Levanta-te e caminha? — Vos negaes o espirito Republicano difundido por todo o Brasil. — E as revoluções do Pará, de Maranhão, Bahia e Santa Catharina não fallão ao coração dos Povos mais eloquentemente que as vossas mentiras? — Estes factos não vos dão sufficiente desmentido, impudentes impostores?”.

UMA CARTA DE ROSSETTI

Possue o Arquivo Histórico do Estado uma expressiva carta autografa de Luiz Rossetti, na qual se condensa o grande entusiasmo de lutador pelos ideais revolucionarios, escrita e dirigida ao coronel Onofre Pires da Silveira Canto, o malogrado chefe que no final da luta deveria succumbir em duelo com Bento Gonçalves; essa carta transmite felicitações pela vitória alcançada pelo general Neto, no encontro do Faxinal.

O seu portador é um italiano adêto da causa e, recomendando-o. Rossetti lança veemente maldição contra a memória de um seu patricio mandado fuzilar pelo general Neto.

“Maldição a êle e a todos os que estão alistados nas fileiras dos opressores da humanidade”, são palavras que bem revelam quão fundas eram as raizes que prendiam Rossetti ao ideal farroupilha.

Transcrevemos essa carta, que além da expressão dos seus patrioticos conceitos, tem o sabor do ineditismo:

“Illmo. Snr. Coronel Onofre.

Aproveito a occasião de um meu patricio que p.^a aqui volta para lembrar aquella amizade que v. s. tão sobejamente me tem demonstrado.

Lisongeio-me que o seu estado de saude seja tão bom e perfeito qual eu o dezejo.

Parabens! parabens pelo novo triumpho que as armas republicanas tiveram sobre os realistas no Faxinal. — Eu sou persuadido que v. s. terá sido informado de todas as particularidades desta victoria mais do general Netto e por isso não

lhe darei maiores detalhes. Se este General, como não duvido, aproveita a victoria, elle prontamente será senhor da capital.

A noticia official aqui chegou hoje e portanto esta noite além de luminarias, himnos ,etc., haverá bailes e divertimentos analogos ao regozijo de que cada hum está possuido.

Espero que me perdoará o atrevimento que mostro em lhe recommendar o portador. Elle he meu patricio pelos seus serviços mereceo dos republicanos, e por isso eu lhe devia esta prova de minha gratidão.

Oxalá! que todos os italianos espargidos sobre o solo riograndense tivessem imitado o seu exemplo! Hoje eu não amaldiçoaria a memoria de hum que foi mandado fuzillar plo. Netto. Maldição a elle, e a todos os que estão alistados nas fileiras dos oppressores da Humanidade.

Agradeça minhas expressões de respeitosa amizade; pois sou de v. s. senr. Luiz Rossetti”.

INTEGRADO NO RIO GRANDE

Em verdade pouco se tem escrito sobre o grande pioneiro da imprensa farroupilha, que tão assinalados serviços prestou á causa revolucionaria nos dois anos em que esteve á testa do “O Povo”. A sua memória é quasi esquecida sempre que se trata do épico decenio, rememorando-se apenas — aliás com muita justiça, os feitos de Garibaldi. O Rio Grande lhe deve um tributo de alto reconhecimento — e reparadora justiça será lembrar no projetado monumento farroupilha a grande figura histórica de Luiz Rossetti, o redator do “O Povo”.

Ademais, é de recordar como Rossetti se integrou nas terras do Rio Grande. Espirito de sonhador, profundamente emotivo, “l'amorevolleza di quella bell'anima”, de tal forma se apaixonou pela nossa gente e pela terra riograndense, que a “existencia deste país consagrou á sua propria vida”.

E' o que nos diz de Montevidéo, quando, a serviço da republica, ali foi mandado, como emissario, em uma carta que

endereçou ao major Bernardo Pires, carta ainda não divulgada e que vamos transcrever:

“Ilmo. Snr. Major Bernardo.

Senr. e Amigo.

O portador G. B. Portero, apesar de vir de chasque para aqui he meu amigo — me tomo então a liberdade de lhe o recommendar.

Não lhe darei nenhuma noticia porque vm. as saberá por meio de Almeida ao qual envio jornaes e boletins.

A guerra interna he acabada neste estado; porém tem que principiar a guerra estrangeira.

A politica deste governo a nosso respeito ainda não a entendo bem; comtudo espero que tudo hirá conforme aos nossos desejos.

Lembre-se que se tivesse ordens para me dar, aproveitarei gostoso a occasião de lhe demonstrar o meu reconhecimento e até agora nada fiz a respeito da minha comissão. Não tardarei a lhe enviar jornaes que vão aqui ser imprimidos debaixo da minha influencia.

Espero que ao menos nisso terei rendido hum relevante serviço á sua patria, ao paiz cuja existencia consagrei á minha propria vida.

Minhas saudações á toda e sua digna e amavel familia.
— L. Rossetti. — Montevideo 9 — 9br.º 1838.”

E assim se cumpriu. Um ano mais tarde, a 23 de novembro, no Passo do Vigario, em Viamão, deixavam de viver Luiz Rossetti e varios de seus companheiros, numa surpresa que, á noite, lhes levava o astucioso Chico Pedro, futuro barão do Jacuí.

E o seu corpo de lutador se integrava definitivamente á terra riograndense, enquanto que a sua obra, eminentemente construtora, chega até nós envolta nos seus escritos, através desses magistrais artigos que ilustram a coleção do “O Povo”.

GARIBALDI PEDE ANISTIA

Começamos este modesto escrito lembrando a atuação de José Garibaldi no decenio farroupilha; continuemo-lo divulgando a sua retirada da luta, sem precisar as causas, pois que, nesse sentido, emudecem velhos papeis que a nossa paciência jamais esmoreceu em constante consulta.

Em 1840, após o combate de São José do Norte (16 de julho), em que a ação do guerreiro se fez sentir, Garibaldi corre em procura de Anita, encontrando-a além de Viamão, tendo já nos braços o pequeno Menoti, que recém abrira os olhos á luz da vida em terras do Rio Grande.

A 20 de novembro desse mesmo ano, Alvares Machado assumiu o governo da Provincia e nova éra promissora de paz se esboçava em nosso horizonte politico. Alvares Machado entabolava as negociações de paz, que, causas diversas, não permitiram chegar a termo.

Garibaldi deixou então o Rio Grande, ou seja porque esperava a efetivação da paz ou porque procurava para a mulher e seu filho outra situação, de conforto e sossego, o fáto é que o audaz comandante da marinha de guerra farroupilha enfunava as velas, rumo da fronteira do Uruguai.

Ali chegando, dava treguas ao seu animo belicoso, dedicando-se ao magisterio ou, como veremos em seguida, para ocupar-se unicamente do commercio em geral.

Vejamos o termo de sua declaração, peça quasi desconhecida, solicitando anistia do governo imperial:

“Illmo. e Exmo. Snr. — Tendo o subdito italiano J. Garibaldi abandonado a rebelião do Rio Grande e solicitado de S. M. o Imperador, meu augusto soberano, a sua imperial amnistia, por ter comandado huma parte da força rebelde daquella provincia, como se vê do termo por elle assignado, e que por copia envio a V. Ex. julguei conveniente communicar-o a V. Ex. para seu conhecimento. Deos Guarde a V. Ex. Legação do Imperio do Brasil em Montevidéo, 22 de dezembro de 1841. Illmo. e Exmo. Snr. Saturnino de Souza e Oliveira, presidente da Provincia de São Pedro — José Dias da Cruz Lima.”

— Termo de Declaração feito por J. Garibaldi, subdito italiano, residente hoje em Montevidéo.

Aos 18 dias do mez de setembro do corrente anno de 1841, na casa da Legação do Imperio do Brasil, no Estado Oriental do Uruguay e perante o encarregado de negocios do mesmo imperio, compareceu o sr. J. Garibaldi, subdito italiano, hoje residente na cidade de Montevidéo, capital do Estado e declarou que, tendo em outro tempo commandado huma parte, das forças contra o imperio na provincia do Rio Grande, hoje renunciava prestar qualquer serviço daquelle genero ou outra alguma hostilidade ao Imperio e seus subditos; que, debaixo de sua palavra de honra, protestava não tomar mais parte naquella luta, e que solicitava de S. M. o Imperador, por intermedio do mesmo encarregado de Negocios a sua imperial amnistia. Declarou mais que hoje seu fim he occupar-se unicamente do commercio em geral. — (Ass.), O Encarregado de Negocios José Dias da Cruz Lima e J. Garibaldi. (17 de janeiro de 1842).

A assim, de forma tão imprevista, desligava-se o herói farroupilha dos seus companheiros da cruzada republicana riograndense, para nunca mais voltar á terra que foi teatro de suas gloriosas façanhas, e onde deixou um nome jamais olvidado pelas gerações que se têm sucedido.

ZAMBECCARI

O conde Tito Livio Zambeccari era bolonhês, descendente de um dos ramos da nobreza italiana. Liberal extremista, era filiado ao carbonarismo, associação vastamente ramificada por todos os angulos da península, a qual, já nos primórdios do século, lutava pela unificação da patria, o glorioso advento só alcançado em 1870.

Emigrado de sua terra após os sucessos de 1821, que lhe valeram a condenação á morte juntamente com outros cabeceiras do movimento, Zambeccari esteve na Espanha, onde alistou-se nas fileiras dos que combateram o despotismo de

apareceram antecedendo o grande movimento, contam-se o “Continentino” e o “Republicano”, este de 1834, nos quais apparecia o invulgar fulgor da pena de Tito Livio Zambeccari. Como todos os jornais da época, eram de pequeno formato, e do “O Republicano”, apresentamos aqui um “fac-simile”.

Não trazia a folha a indicação do nome do seu redator, como, aliás, succedia naquêles tempos; o proprio “O Povo”, jornal revolucionario, só por meios indirectos tivemos conhecimento de quem o dirigia, como dissemos.

Era, entretanto, um estrangeiro quem redatava o “Republicano”, como se depreende dum artigo, doutro jornal do tempo, “Idade de Pão”, tambem paladino do estabelecimento do governo federal no Brasil; aí julgamos desvendar o incognito em que se occultava Zambeccari.

Passamos a transcrever o artigo doutrinario do “O Republicano”, de 29 de abril de 1834, cuja autoria, presumimos, é do emigrado italiano:

“INTERIOR”

“Que a injustiça do homem seja geralmente em proporção de seu poder, é uma verdade, ainda que amarga, confirmada a cada passo pela historia de todos os tempos, e de todas as Nações: deve ser pois o principal objecto de uma sabia Legislação, limitar de tal forma o poder de cada Cidadão, que jamais possa tentar impunemente contra a vida, bens e liberdade dos demais. E acharemos esta barreira á ambição, e ao abuso do Poder, nas formas monarchicas absolutas?

Não de certo. A historia nos apresenta uma série successiva de reis, que tem sido o flagello da humanidade; e, supposto tenham havido alguns menos maos o melhor delles sempre abusou da auctoridade. Tito, o modelo dos Monarchas, fez cruelmente passar a fio de espada na Praça de Jerusalem a cento e cincoenta mil Judeos, sem reserva de sexo ou idade, e não reinou mais que dous annos. Se encontrará esta barreira na forma constitucional? Entre os muitos exemplos, que podemos apontar, apresentaremos aquelle do reinado do duque de Bragança, e tanto basta. Estará por ventura no systema

unitario, e em particular nas Grandes Nações? Não; os variados elementos, de que pode lançar mão o Chefe do Estado, é um meio poderoso, que abre facilmente as portas da ambição. Roma pequenina foi livre, mas depois que conquistou o mundo conhecido, os Consules, que a seu arbitrio dispunhão dos numerosos Exercitos das Nações vencidas, attentarão e gradualmente destruirão a liberdade Romana. Resta-nos agora examinar se as formas federativas são aquellas, que proporcionando as maiores vantagens sociais, dão aos povos todo o temor de cahir debaixo do jugo de um Despota. A Grecia tão temida em outros tempos e ainda hoje tão memorada por sua sabedoria, foi a primeira que adoptou, ainda que imperfeitamente, a união federativa; como tambem os Amphictiões, os Etruiros, e os Póvos do Lacio. A Grecia não vio enthronizado o Despotismo, senão depois que a rivalidade de Sparta e de Atenas afrouxou os laços que ligavão as outras Republicas. Veios cahio em poder dos Romanos, depois de um acedio de dez annos, e foi somente porque cometteo o erro fatal de escolher um rei, e de separar-se da confederação Latina. Prescindido porem dos exemplos que nos offerece a historia antiga, vemos em nossos dias comprovadas as vantagens desta forma de Governo, pela felicidade, que gosão os Estados Elveticos e os Norte americanos. O motivo por que estes Estados desfrutão tamanha ventura é porque a Grande Republica se compõe de muitas Republicas, cada uma altamente interessada em destruir o tyranno, que em qualquer dellas ouse apparecer. Supponhamos que um Paiz de cem mil legoas quadradas se divida em dezoito Estados, e que cada um destes Estados, com um Territorio approximadamente igual, seja demarcado por limites naturaes, e que sua possessão seja garantida pelos outros dezesete; seria possivel que uma só destas Republicas podesse escravisar as outras? O que equivale dizer-se, que um só homem podesse bater-se com vantagem contra 17? Não seria um absurdo tal supposição? O regimen federal principal abrange duas cousas: 1.º a independencia de cada Estado em relação aos outros, para o arranjo, e manejo interior dos negocios domesticos; 2.º a liga e união de todos, para a segurança e defesa dos interesses com-

muns debaixo do impulso de um Governo central, que respeite, e sustenha a independencia particular, sem intrometter-se nos negocios peculiares de cada Estado. Daqui nasce a mais perfeita igualdade, estabelecida entre seus habitantes. As provincias romanas e cartaginesas gosavão por ventura de igual liberdade, e desfrutavão os mesmos direitos que as cidades de Roma e Cartago? Não, certamente. Os cidadãos Romanos erão verdadeiramente livres, dentro da cidade de Roma; porem erão verdadeiramente reis nas Provincias, que constituão as Republicas; e os Cartagineses, ainda peores que os romanos, erão feroses tyrannos na Hespanha, na Sardenha e na Corcega: este predominio das duas Capitacs era o principio da escravidão das Provincias. A' vista do que fica dito segue-se, que o regimen Federal, é o melhor, porque segura a liberdade de cada Provincia, e põe uma forte barreira aos homens ambiciosos. A felicidade dos Povos é cousa tão sagrada, que não devemos poupar meios para firmal-a. Devemos contar com a virtude dos homens; porem nunca esquecermo-nos de suas paixões. Cromwel, Napoleão e Iturbide são a prova do que ellas pôdem. Liberdade farão os seus primeiros gritos; e a tyrannia os ultimos; e isto aconteceu porque a Inglaterra, a França e o Mexico não erão Republicas regidas pelo systema federal."

A BANDEIRA DA REVOLUÇÃO

Apenas chegado á Provincia, Livio Zambeccari, integrando-se no meio social e politico da capital, fez relações de grande intimidade com os chefes liberais que preparavam a rebelião logo depois explodida. Bento Gonçalves teve-o sempre a seu lado, como chefe do seu estado-maior e ao mesmo tempo, secretario particular. Neste carater redigia a correspondencia do chefe farroupilha, concertava manifestos, ordens do dia, e, confirma Alfredo Varela, a proclamação de 24 de março de 1836, uma das mais notaveis do chefe revolucionário, foi obra da mentalidade de Zambeccari.

Entre os vários serviços que ao Rio Grande do Sul prestou o grande italiano, afirma-se ter sido éle o autor de uma

carta geographica do Estado, a qual levou um dos nossos historiadores a supôr se tratasse do mapa de José Pedro Cesar que vem apensado á primeira edição dos "Anais", do Visconde de São Leopoldo. Um quadro a oleo existente no Museu Cí-



Conde Tito Livio Zambeccari. Quadro existente no Museu Cívico de Bolonha.

vico de Bolonha apresenta Zambeccari, em campanha, consultando a sua carta do Estado.

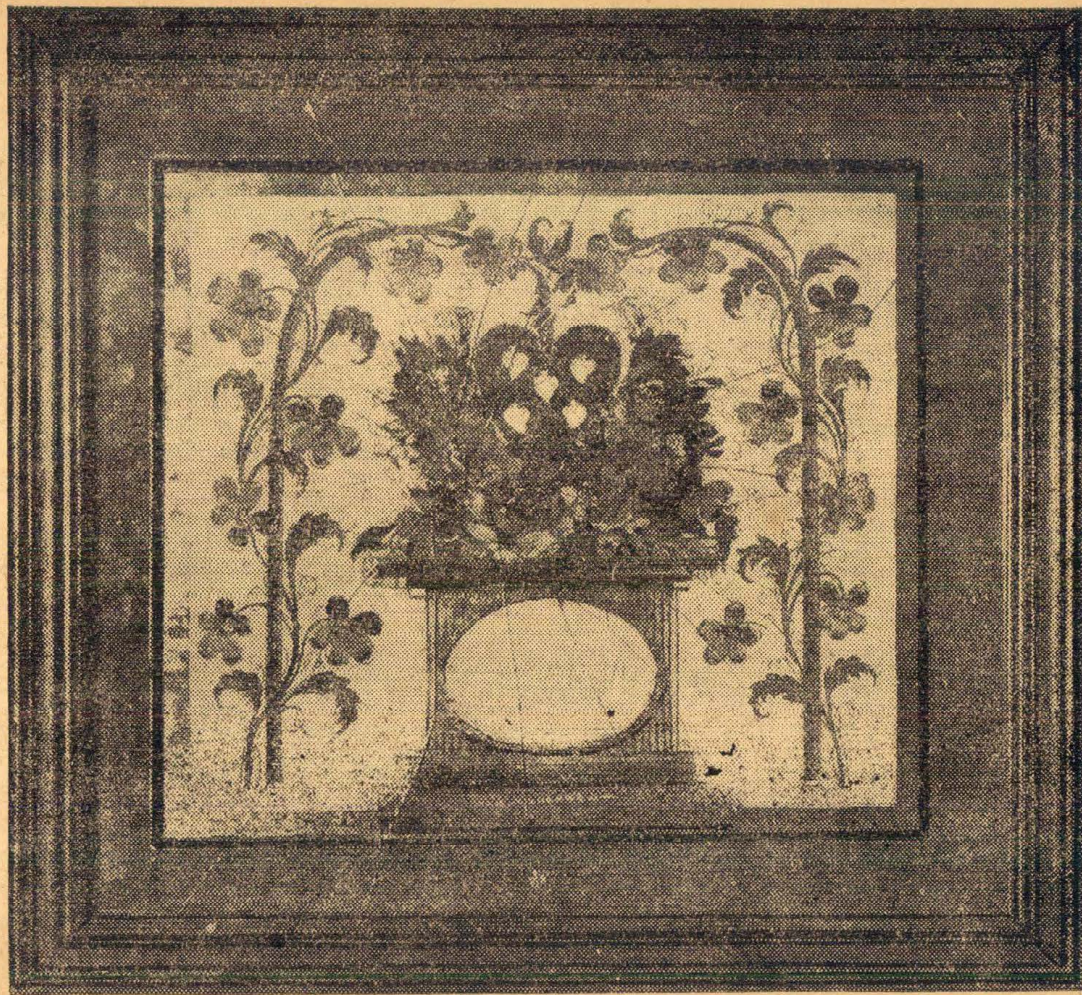
A bandeira da revolução, segundo o depoimento de Manoel Lobo Ferreira Barreto, no processo mandado instaurar pelo govêrno da Regencia contra os rebeldes presos no Rio de Janeiro, foi desenhada pelo mesmo Zambeccari, antes da ex-

plosão. Lê-se no depoimento: “Estando em Buenos-Aires, no mez de outubro de 1835, ali falara com um hespanhol morador naquella cidade, onde elle mesmo testemunha estivera hospedado, de nome dom Carlos Maria Huergo, e que este lhe disséra a elle testemunha, que naquella cidade, antes da revolução de 20 de setembro se havia preparado uma bandeira para a republica que a revolução pretendia estabelecer na provincia do Rio Grande e que esta bandeira lhe affirmara, a elle testemunha o dito Carlos, e outros membros de sua familia, que tinha sido mandada fazer por Francisco Modesto Franco, e que o plano e emblema de mesma bandeira tinha sido delineado por um italiano de nome Livio Zambeccari, o qual se intitula visconde e que este mesmo italiano sabe elle testemunha que viera e fôra conduzido para esta Provincia pelo mesmo Francisco Modesto Franco, na sua embarcação denominada “Bella Angelica”, para dirigir como sempre dirigiu a revolução desta Provincia, desde o dia 20 de setembro de 1835 até o dia 4 de outubro de 1836 em que elle, dito Zambeccari foi preso junto com o coronel Bento Gonçalves, de quem o mesmo italiano foi sempre inseparavel.”

DESENHISTA

Outra modalidade do talento de Tito Livio era o desenho. Quando esteve preso na “Presiganga”, velho casco de navio que, ao largo, em frente a Porto Alegre, servia de carcere aos presos politicos da época, Zambeccari pintou a aquarela, sobre vidro, dois interessantes quadros que são conservados como preciosa reliquia no Museu Julio de Castilhos.

Prisioneiro tambem na “Presiganga”, achava-se o coronel Francisco Xavier do Amaral Sarmento Mena, que mais tarde foi, com outros companheiros, permutado pelo presidente Antero Ferreira de Brito, aprisionado pelos rebeldes no Itapeví. Foi a pedido do seu companheiro que Zambeccari pintou esses quadrinhos que evocam figuras de tão remarcado destaque na grande revolução, oferecendo-os aos filhos e filhas do coronel Amaral.



Trabalho de Zambecari feito na Presiganga, em 1836.

Temos em mão preciosa carta de D. Anna Aurora do Amaral Lisboa, na qual essa veneranda professora descreve o simbolismo dos citados quadros.

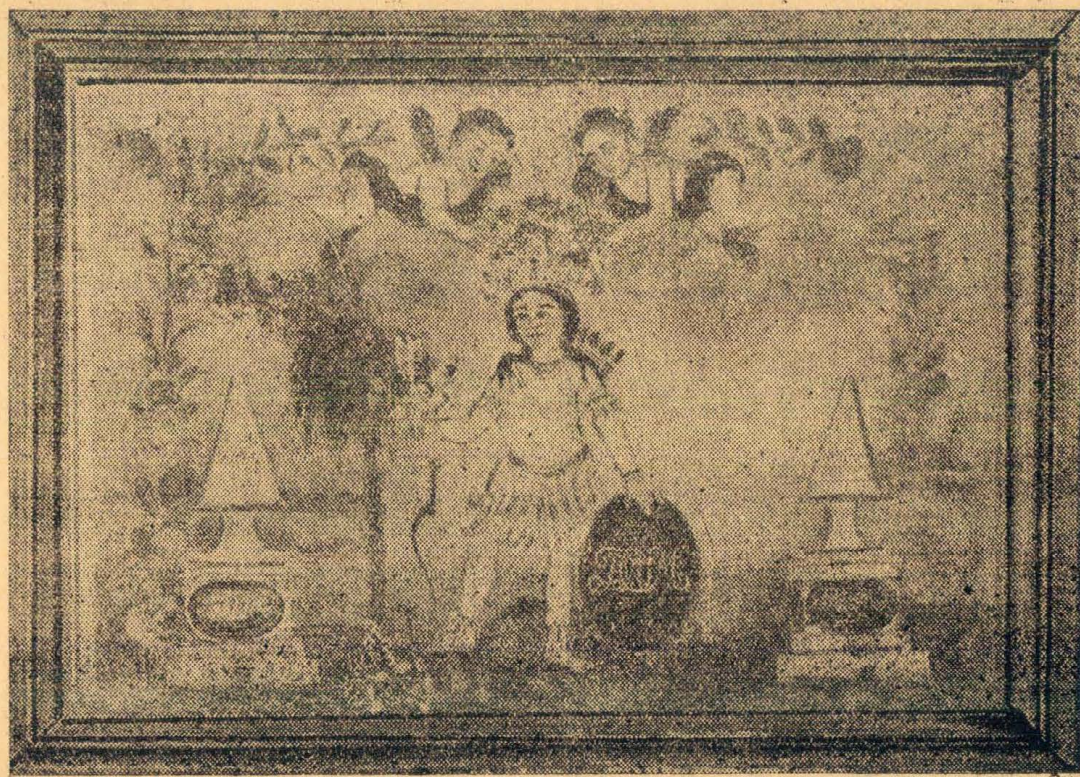
“No primeiro, vê-se, sobre uma coluna, em cuja face leem-se as iniciais de meu avô, Francisco Xavier do Amaral Sarmento Mena, um coração contendo outros cinco corações, significando o coração do meu avô e os de suas 4 filhas e uma nóra, a quem considerava outra filha, e que era viuva de seu filho, Francisco de Paula do Amaral Sarmento Mena, morto logo no principio da revolução, no cerco de Porto Alegre.

Eram as filhas: Ana Benedicta do Amaral Sarmento Mena, Rita Fausta do A. S. Mena, Maria Carlota do A. S. Mena (minha mãe), Francisca Eulisia do A. S. Mena, e a nóra Ana Amelia de Castro S. Mena.

O segundo quadro representa a figura da “America”, que descança a mão esquerda sobre um escudo em que se leem as iniciais do nome de meu avô, e esparsas pelo quadro, as dos nomes de meus tios: José Maria do Amaral Sarmento Mena, Antonio Manoel do A. S. Mena, Sebastião Xavier do A. S. Mena, Frederico Augusto do A. S. Mena e Francisco Antonio do Amaral Sarmento Mena, faltando as de Francisco de Paula do A. S. Mena, que, como disse acima, morrera em combate no cerco de Porto Alegre.”

Tito Livio Zambeccari plasmou no simbolismo dessas aquarelas a sua grande admiração pelos Amarais, os denodados pioneiros da grande revolução.

Em 4 de outubro de 1836, Bento Gonçalves sofrera uma grande derrota na batalha naval da ilha do Fanfa, no Jacuí. Prisioneiro, com todo o seu estado-maior, do qual fazia parte, como dissemos, Tito Livio Zambeccari, foi o chefe farroupilha encerrado com seus companheiros na “Presiganga”, donde foram transportados para o Rio de Janeiro, sendo encarcerados na fortaleza de Santa Cruz. Bento Gonçalves foi logo em seguida, transferido para o forte do Mar, na Baía, donde se



Trabalho de Zambeccari feito na Presiganga, em 1836.

evadiu dias depois. Zambeccari, porém, permaneceu prisioneiro durante três anos, findo os quais foi perdoado, sendo, porém, desterrado para a Europa.

E assim, em linhas gerais, relembremos, igualmente, neste cinquentenario da morte do guerreiro dos Dois Mundos, a atuação politico-social do grande bolonhês em terra riograndense, num dos mais agitados periodos historicos por que tem passado o heroico continente de São Pedro do Rio Grande do Sul.

Falar de Garibaldi, sem lembrar as grandes figuras de Tito Livio Zambeccari e Luiz Rossetti, será remarcada injustiça, pois cada qual, no seu posto de combate, soube ser grande, elevando-se a si, dignificando a patria do seu nascimento, honrando a terra que os hospedou, dêles recebendo o influxo de seu saber, de sua invulgar valentia, — a terra que hoje lhes presta, em tão significativa data, o tributo de sua reverente homenagem.

Deodoro

1827—1927

Uma história sem homens é como uma astronomia
sem astros, uma física sem corpos.

Sylvio Romero.

Vemos... que a história é feita de reparações salu-
tares e de tardias justiça.

Eduardo Prado.

A verdade que encerram os conceitos acima transcritos, justifica plenamente as homenagens que o Brasil hoje tributa a um dos mais eminentes de seus filhos — o Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, comemorando o primeiro centenario de seu nascimento.

Deodoro é na história militar e politica de nossa patria, um astro de primeira grandeza, de brilho inconfundivel.

Era dotado de elevado patriotismo e de espirito de classe em alto grau. Foram esses dous sentimentos, conjugados, que o decidiram a proclamar a republica, sem ser republicano de convicção.

Deodoro foi pelo seu prestigio, pela sua energia, pelo seu amor ao Brasil, o corpo, o elemento catalitico, que estabeleceu a fusão entre civis e militares, para a jornada de 15 de Novembro de 1889.

Este notavel estudo relativo ao grande brasileiro foi escrito pelo nosso confrade Souza Doca e publicado no "Jornal do Comercio", do Rio de Janeiro, em 1927, ano que assinalou o centenario do nascimento de Deodoro. — N. R.

Foi em sua casa e sob sua responsabilidade que se resolveu derrubar o trono e proclamar a república.

A história ha de reconhecer isso e ha de fazer-lhe justiça.

As camadas do tempo só apagam os vestígios dos que passaram sobre a terra, sem deixar traços indeleveis dessa passagem.

TRAÇOS BIOGRAFICOS

O nascimento do Marechal Deodoro ocorreu aos 5 dias do mês de Agosto do ano de 1827, na cidade de Alagôas na então Província hoje Estado do mesmo nome. Foram seus pais o Tenente-coronel Manoel Mendes da Fonseca e D. Rosa Paulina da Fonseca, de quem herdou um elevado e desprendido amor pela patria.

Seu genitor, que era tambem natural de Alagôas, onde nascera em 1785, faleceu no Rio de Janeiro, no posto de Tenente-coronel reformado, aos 24 de Agosto de 1859. D. Rosa, alagoana tambem, nascera em 18 de Outubro de 1802 e faleceu em 11 de Julho de 1873, deixando de si uma tradição honrosa como esposa dedicada, mãe extremosa e pelas suas raras virtudes patrioticas.

Deodoro, aos 16 anos incompletos, foi matriculado na Escola Militar e aí cursava o 3.º ano, quando em 25 de Fevereiro de 1845, foi alistado no 4.º batalhão de artilharia a pé, sendo reconhecido 1.º cadete. Em 1847 terminou o 5.º ano do curso de artilharia.

Em Dezembro do ano seguinte, no posto de 2.º tenente, seguiu para Pernambuco, afim de fazer parte das forças que ali operavam sob o comando do Brigadeiro José Joaquim Coelho, contra os praieiros.

Em 2 de Fevereiro de 1849 tomou parte no combate do Recife, onde foi morto o chefe rebelde Nunes Machado, retirando-se os sediciosos capitaneados pelo intrepido Pedro Ivo.

Tomou parte em mais dous combates, portando-se com distinção, conforme referiram seus comandantes.

Por decreto de 30 de Abril de 1855, foi promovido a 1.º tenente. Colaborou na organização do batalhão de engenheiros, como seu secretario.

Em 2 de Dezembro de 1856 foi promovido a capitão. De Março de 1859 a Julho de 1862, esteve em comissão em Mato Grosso.

Fez a campanha do Uruguai, como capitão do 1.º de artilharia. Terminada essa campanha seguiu para a do Paraguai, comissionado no posto de major comandante do famoso 2.º batalhão de Voluntarios da Patria, posteriormente 24.º.

Abriram-se então para o heroico soldado as portas do templo da gloria, de par em par. E elle, com a cabeça altiva, olhar de aguia, largo peito arfante, pisando firme, com a fisionomia iluminada pelo fogo sagrado do patriotismo, transfigurado em uma bravura comunicativa, percorreu-lhe todos os compartimentos, guiando os seus comandados.

Seu nome está gravado entre os dos bravos que combateram no Passo da Patria, tendo como recompensa o grau de cavalheiro da Ordem do Cruzeiro; em Itapirú, em Estero Bellaco, em Tuiuti, nos combates de 16 e 18 de Julho, que lhe valeram a confirmação no posto de major, por atos de bravura; no Pótrero Obelha, sendo pelos seus feitos aí praticados condecorado com o officialato da Ordem da Rosa; no Tagí, sendo promovido a tenente-coronel, pelo comportamento que aí teve; no Estabelecimento, merecendo pelos seus feitos nesse combate a nomeação de official da Imperial Ordem do Cruzeiro; em Angustura, Itororó, onde recebeu três ferimentos, dos quais um de carater grave, sendo promovido a coronel por bravura e condecorado com a medalha de merito militar; em Patino-Cue, em Ascurra, em Cerro Leon, em Pirajú, em Peribebui, em Campo Grande onde com sua brigada praticou "o primeiro feito decisivo do dia", segundo se lê no Diario do Exercito.

Terminada a penosa, longa e cruenta campanha, regressou a esta Capital, em Abril de 1870, comandando o 1.º batalhão de artilharia a pé onde se alistara havia 25 anos. Nesse espaço de tempo, pelos seus estudos e pelo seu valor pessoal, ascendera de praça de pret a coronel.

Não foi, pois, como ainda hoje, por malicia ou ignorancia, se propala, um protegido de D. Pedro II.

Seu unico protetor, disse elle, em Setembro de 1889, quan-

do entrevistado por um jornalista em Santos, fôra Solano Lopez, que declarando guerra ao Brasil, infuira em sua carreira.

Assim efetivamente aconteceu, como é facil de demonstrar: pelos seus estudos foi de 2.º tenente a capitão em 8 anos, tendo permanecido quasi dous lustros neste ultimo posto. Por aí se vê que quando a munificencia Imperial podia atingi-lo, promovendo por merecimento, não se manifestou.

Todas as suas promoções aos postos superiores foram por atos de bravura, sendo uma delas, a ultima no proprio campo de batalha, quando ainda sangravam os ferimentos recebidos.

Foi, pois, exclusivamente pelo seu valor pessoal que se elevou de capitão a coronel em quatro anos.

Para galgar dous postos no quadro de generais, depois de terminada a guerra, esperou 15 anos.

Pelos serviços prestados na Campanha das Cordilheiras foi nomeado dignatario da Imperial Ordem do Cruzeiro.

Em 14 de Outubro de 1874 foi elevado a brigadeiro. Em 1880 foi nomeado comendador da Ordem de S. Bento de 'Aviz. Em 30 de Agosto de 1884 foi promovido a marechal de campo.

Desempenhou os cargos de Inspetor Geral das tropas estacionadas no Rio de Janeiro e nas provincias da Baía, Pernambuco, São Paulo, Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. Foi comandante das armas na Baía, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Mato Grosso, exercendo acumulativamente com essas funções, nas duas ultimas provincias citadas, a presidencia das mesmas.

Achava-se como Quartel Mestre General do Exercito, quando em Outubro de 1885, foi nomeado presidente e comandante das armas do Rio Grande do Sul.

Em 9 de Dezembro de 1888 foi nomeado comandante em chefe das forças de terra e mar, concentradas em Mato Grosso, em virtude de iminente conflito entre Bolivia e Paraguai.

Dissolvidas essas forças, regressou Deodoro a esta Capital em 13 de Setembro de 1889, recebendo significativa manifestação por parte dos officiaes do exercito.

Pouco tempo depois foi resolvido em sua residencia a ex-

tição da monarquia e a instituição da republica em nossa patria.

Na madrugada de 15 de Novembro de 1889, assumia o comando das forças revoltadas contra o Imperio; horas depois depunha o ministerio e voltando á frente da força, proclama a republica, ficando como chefe do governo provisório, segundo combinação anterior.

Em 15 de Janeiro de 1890 foi aclamado generalissimo de terra e mar. A 25 de Janeiro do ano seguinte foi eleito presidente constitucional da Republica dos Estados Unidos do Brasil.

A 3 de Novembro, ainda de 1891, dissolveu o Congresso Nacional. Vinte dias depois, não obstante contar com o apoio da força armada, resignou o cargo de Presidente da Republica, para evitar a guerra civil.

Em 11 de Janeiro de 1892 foi reformado, a seu pedido.

Faleceu 7 meses depois, isto é: aos 23 de Agosto de 1892.

ESPIRITO MILITAR

Deodoro foi uma das mais intrinsecas organizações do soldado que o Brasil tem tido. Possuía em subido grau o espirito militar, que vibrava em todos os seus gestos; que explodia, quando ofendido, lançando lavas como um vulcão e só amainava diante dos altos interesses da patria, porque a mais elevada de todas as suas virtudes foi, sem dúvida, o seu grande, desinteressado e nobre patriotismo.

Foi conduzido pelo seu espirito militar, que não admitia restrições nas prerrogativas da classe, que êle, de bôa fé, sem perceber as manobras insidiosas da politica, tomou a defesa de seus camaradas na famosa Questão Militar.

Foi inspirado pelo seu espirito militar que, retrucando um reproche de Cotegipe, escreveu estes periodos, que denunciavam uma nobre alma de soldado:

“Não teremos, Exmo. Sr., Exercito deliberante, incompativel com a liberdade civil da Nação, nem V. Ex. quererá Exercito desbriado, e assim facil á ação de qualquer especulador para atirá-lo contra a liberdade civil da Nação.”

Antes já havia dito á mesma autoridade: “Se como presidente e comandante das armas, tenho deveres, como soldado ofendido pelas injustiças contra minha classe, os tenho também, porque assim o exigem a disciplina, moralidade e brio do soldado.”

Todas as aspirações de Deodoro residiam na carreira que abraçara e na qual com mais dous anos de permanencia, dizia êle em Setembro de 1889, atingiria ao mais alto posto do Exército, podendo assim, segundo sua pitoresca expressão, cantar no Imperio como galo na torre.

Era a alma singela e franca do soldado que se manifestava, enamorada e orgulhosa de seu destino.

E’ do interessante estudo do Coronel Liberato Bittencourt — “Psicologia do Comando em Chefe” — a seguinte narrativa que evidencia o alto espirito militar do illustre soldado cujo nascimento hoje se comemora: “Deodoro Chefe do Governo, entra um dia de havano na boca em local onde não é o fumo permitido. A sentinela, de arma apresentada, observa ao magnanimo lidador que ali se não podia fumar. E o velho soldado, com o largo peito de medalhas cheio, joga o charuto fumegante, com as seguintes expressivas palavras: Tem razão, camarada. E’ da disciplina!”

DEODORO E A POLITICA

O velho militar era a antítese do politico ou antes da individualidade como tal considerada neste vasto país de politiquice, alma franca e liberal; não era dissimulado nem hipocrita, segundo o conceito de Quintino Bocaiuva; incapaz de assaltos insidiosos: atacava sempre de frente, de espada alta.

Faltava-lhe, além disso, ardor partidario; não alimentava a histeria dos faciosos, nem se submetia á disciplina dos partidos.

Por ocasião das eleições não obedecia ordens dos cabos eleitorais e sim aos impulsos da consciencia, aos ditames do coração: sufragava os amigos ou os que lhe pareciam capazes. E por isso, embora filiado ao Partido Conservador, votou

sempre em Osorio, Porto Alegre, Beaurepaire Rhoan, chefes liberais.

Em pleno regimen monarchico declarou em publico que votaria de bom grado em três republicanos, que êle classificou de moços distintos: os Drs. Julio de Castilhos, Assis Brasil e Ramiro Barcelos.

Para que se possa avaliar sua mentalidade com relação ao politico e ao soldado vamos transcrever um trecho de sua carta confidencial, de 14 de Novembro de 1886, ao Barão de Cotegipe, Chefe do Gabinete no inicio da Questão Militar: "Se a sorte determinar o rebaixamento da classe militar, no dia em que eu desconfiar que na frente de soldados não passarei de um comandante superior da Guarda Nacional — especial — e simples vulto politico, quebrarei minha espada e, envergonhado, irei procurar, como meio de vida e a exemplos de muitos, uma cadeira de deputado, para tambem poder insultar a quem quer que seja."

DEODORO E D. PEDRO II

Já deixámos consignado que Deodoro não foi, como se tem feito constar, creatura de D. Pedro II. Nutria, entretanto, afeição e respeito pelo monarca, como homenagem, sem dúvida, ás suas excelsas virtudes.

Não era, porém, um aulico e muito menos um idolatra e por isso não se julgava obrigado a servir ao Rei incondicionalmente. Eis um dos fatores que o demoveram a proclamar a Republica, depois de vigorosamente trabalhado por Frederico Solon de Sampaio Ribeiro, o mais antigo e pertinaz e um dos mais ardorosos dos propagandistas da Republica no seio do Exercito; por Antonio Adolfo da Fontoura Menna Barreto e por Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

Quando em 2 de Fevereiro de 1887 os officiaes delegaram poderes a Deodoro para os representar na Questão Militar perante o Imperador, deu o General mais uma prova de sua estima ao Monarca, dirigindo-lhe a seguinte carta:

"Senhor — Conceda V. M. Imperial permissão a um dos vossos mais respeitosos, amantes e leais subditos, de tomar

vossos preciosos momentos em petição de justiça. E não venho eu só, é, por assim dizer, o Exercito todo, toda a classe militar, que vem por minha voz deprecar a V. M. Imperial.

“Senhor! Sabe V. M. Imperial da repreensão que foi infligida a um Coronel do Exercito por sua justa e quiçá franca resposta a insultantes doestos de um Deputado da Nação; e da maneira por que se tratou desse assunto no Parlamento, mesmo por parte do Ministerio, como que fazendo proposital alarde em desprestigio do Exercito.

“Sabe tambem V. M. Imperial da repreensão infligida a outro official superior do Exercito, chamado a terreiro nessas discussões alimentadas pelo proprio Governo, que já não se contentava com o desprestigio da classe militar, que a rebaixava ante cidadãos que, não sendo governo, não podiam ser considerados superiores hierarquicos de classe alguma, e não sendo militares, com elles não entendem os preceitos disciplinares sobre discussões na imprensa, entre militares.

“Sabe V. M. Imperial dessas repreensões injustas feitas com espalhafato, com publicidade em todos os jornais, e, por conseguinte, tornadas patentes á Nação e ao mundo inteiro a dous officiais superiores do Exercito. No Parlamento que representa a Nação, rejubilavam-se, e quasi sem imputação, pela irresponsabilidade de que gozam, apraziam-se em molestar e insultar os militares!

“Senhor, só quem não fôr soldado, só quem não tiver ou não compreender a menor noção do brio e da dignidade militar, só quem julgar que a farda do soldado é a libré do servilismo e da baixeza, poderá vêr, sem corar de vergonha, sem estremecer de indignação, um tal procedimento, que já não é um desacato da autoridade, mas um insulto á classe militar.

“Coube-me, Senhor, por minha posição especial no exercito nessa ocasião, o dever de solicitar dessa autoridade superior que sobre estivesse os seus atos, reconsiderasse suas decisões e resolvesse-as de conformidade com a razão, o direito e o bom senso. Essa resolução seria necessaria em prol daquella classe. E era de razão e de prudencia.

“O exercito tinha estremecido e ansiava por uma decisão

que o libertasse dessa exposição ao menospreço publico, e que o mostrasse respeitavel e respeitado dentro dos limites da lei.

“E não são exigencias de um pretense pundonor: é a propria disciplina que o exige. A disciplina militar não permite ao soldado receber afrontas e vilipendios; a disciplina quer no soldado — e isso no mais alto grau — brio, dignidade e honra. A obediencia do soldado não vai até o proprio aviltamento; o soldado é obediente, mas não servil; e aquele a quem não repugnam atos de baixeza e servilismo não é digno da classe a que pertence, não é digno da farda que veste, farda que é a mesma que V. M. Imperial honra trazendo-a.

“O governo imperial, Senhor, por um ato de reflexão e justiça, mandou estudar a questão pelo conselho supremo militar, tendo por base avisos do ministerio da guerra, erroneos ou mal interpretados. A honrada corporação não vacillou em seu juizo; velhos generais, ainda lhes pulsa nos peitos corações de soldados; veteranos, conservam eterno o fogo sagrado do pundonor militar, aliado á hombridade do cidadão.

“V. M. Imperial em sua alta justiça concordou com o parecer do venerando tribunal, e mandou executá-lo em data de 3 de Novembro do ano passado; mas até hoje, Senhor, o exercito e a nação esperam essa execução. O exercito receia ser o ludibrio de uma procrastinação acintosa.

“Eis porque, Senhor, eu que sou soldado e me honro em sê-lo, mas que no entretanto, sinto-me como meus companheiros de armas, vexado, envergonhado, sob o peso do vilipendio; desiludido da atenção da autoridade, mas não desenganado, recorro á Vossa Majestade.

“E, pois, Imperial Senhor, com o mais profundo respeito, venho em nome do exercito, em nome da classe militar, pedir a V. M. Imperial, se digne de atender a questão e resolvê-la com aquella inteireza e justiça que presidem a todos os atos de V. M. Imperial.”

Como unica resposta ao ajudante de ordens de Deodoro, portador dessa missiva, disse o imperador “que havia de resolver acêrca do seu objéto”.

Decorridos dez dias sem solução, Deodoro escreveu nova

carta em termos impressionantes e que representavam ao mesmo tempo um aviso prudente. Ei-la:

“Senhor. — Eis-me ainda, e sempre com o mais profundo amor e respeito e a maior lealdade, ante o trono de V. M. Imperial, deprecando por mim e por meus companheiros de armas, a justiça que nos falta.

“Atendei, Senhor! O que os militares pedem é tão justo e é tão pouco: o reparo de uma injustiça que os afronta e os vilipendia! E a causa tem tanto de justa e digna como de grave. E não somos só nós os militares que o sentimos: o povo também compreende, e como que se associa ao nosso desgosto. A causa é muito séria, Senhor, e sómente quem, por um lado, não tiver a intuição do brio e do pundonor natural e, por outro lado, não cogitar das consequências a advir, poderá encarar descuidoso a tormenta que se anuncia!

“Senhor, vosso ministerio vos atraiçoa! — pelo menos nesta causa. Ele tem exasperado o exercito e o provoca á reacção. Eu, nascido e criado, como todos os de minha familia, no acrisolado devotamento ao Imperador; eu, que me prezo de ser fiel, franco e leal; eu, que altamente confio em V. M. Imperial; eu espero de V. Majestade justiça, essa justiça que nos nega o Secretario de Estado de V. Majestade nos negocios de guerra.

“Eu me sinto receioso, pesaroso, de incorrer no desagrado de V. M. Imperial. Mas, Senhor, a ser negada a justiça que peço, terei vergonha da farda que visto, eu, que me orgulho de pertencer ao exercito; e nesse caso ser-me-á uma verdadeira graça, Senhor, minha exoneração do serviço.”

Quem ler, com isenção de animo, esses conceitos e o modo de pensar, francamente exposto no manifesto, que em 14 de Maio, ainda de 1887, publicou juntamente com o visconde de Pelotas, ha de concluir que Deodoro não foi desleal, nem incoerente, colocando-se á frente de uma revolução para derrubar a monarquia.

Verificará ainda mais: que não era um automato; que o trabalho de Benjamin Constant, para o demover a proclamar a republica não tem a significação que os positivistas querem impôr, com o endosso de alguns historiadores.

QUANDO, COMO, ONDE E POR QUEM FOI PROCLAMADA A REPUBLICA

Esses quatro pontos tem sido objéto de longos debates.

Resumindo o que se tem publicado sobre o assunto, chega-se a esta conclusão: a republica no Brasil foi proclamada por Manoel Deodoro da Fonseca, por instigação de Frederico Solon de Sampaio Ribeiro, secundado por outros, no dia 15 de Novembro de 1889, momentos depois de se colocar á frente da força, estacionada no Campo da Aclamação, na parte fronteira ao Quartel General do Exercito, ao voltar o general dessa repartição militar, em seguida á deposição do ministerio.

TINHA DEODORO INTENÇÃO DE PROCLAMAR A REPUBLICA?

E' evidente que sim.

Entre outros fatos que isso demonstram existe o de haver escolhido e aceito indicações de membros para o governo provisorio, de que elle seria o chefe, quatro dias antes de 15 de Novembro.

Eis alguns depoimentos sobre o assunto:

“Efetivamente, para a revolução, tratou-se de organizar o Governo Provisorio.

“Desse assunto já nos havíamos occupado eu e o meu illustre amigo general Glicerio (que felizmente está vivo), e o meu malogrado amigo Dr. Aristides Lobo, de saudosa memoria.

“Quanto a essa organização recebi eu “carta branca”, da qual usei. Tanto o marechal Deodoro, como o Dr. Benjamin Constant, desconheciam quasi completamente o pessoal politico republicano.

“Estando o Marechal enfermo e de cama foi o Dr. Benjamin Constant quem me autorizou a compôr o Governo com os amigos que eu escolhesse. Ponderei-lhe então que elle e o Marechal Deodoro eram já membros do Governo e que eu indicaria os outros amigos que deviam acompanhá-los.

“Devo dizer que tanto eu como os outros procuraram excusar-se. O Marechal Deodoro entendia que o Dr. Benjamin

Constant devia ser o Chefe do Governo; o Dr. Benjamin Constant entendia que este posto cabia ao Marechal Deodoro". (Carta de Quintino Bocaiuva, de 31 de Julho de 1902, á viúva do General Solon Ribeiro).

"Ao que eu disse a pag. 9, acrescentarei que á reunião de 11 de Novembro, em casa de Deodoro, compareceram os Srs. Bocaiuva, A. Lobo, Francisco Glicerio, B. Constant, Ruí Barbosa e o Major Solon.

"Posso afirmar que houve completa harmonia de vistas para a deposição da monarquia entre os convivas e o General, o que ainda se evidencia pelo fato de haver o proprio Sr. Bocaiuva, no dia seguinte (12) procurado o Sr. Ruí Barbosa á rua do Carmo n.º 40, comunicando-lhe a sua designação para Ministro da Fazenda." (Depoimento do General Sebastião Bandeira.)

"Quando nas vespertas da revolução o Sr. Quintino Bocaiuva me comunicou a sentença, que me designava como posto, no governo projetado, a pasta da Fazenda em presença dessa combinação temerosa, usei de todas as objeções que a minha consciencia me inspirava para afastar de mim o calix acerbo; e, se me submeti, foi por não parecer que desertava aos meus amigos e ás minhas idéias, em uma situação na qual a lista escolhida seria um rôl de condenados á morte se a monarquia triunfasse." (Ruí Barbosa, discurso no Senado, em 13 de Janeiro de 1892).

Interrogado o eminente baiano, 28 anos depois, por um dos redatores do jornal "A Noite", desta Capital, se reportou ao que havia referido naquele discurso, reproduzido em seu livro "Finanças e Politica da Republica", aparecido, segundo lembrou, ainda em vida dos chefes principais do movimento, sem ser contestado, e indicou ao jornalista estes periodos: "Minha parte na conspiração data das vespertas da revolução. Só comeei a devassá-la no dia 9 de Novembro, quando o Dr. Benjamin Constant, sob a impressão do meu artigo dessa data, "Plano contra a patria", me procurou no meu escritório.

"No dia 11 me procurou êle outra vez, já então em minha residencia, pedindo-me em nome do Marechal Deodoro uma

entrevista na sua casa ou na minha, conforme escolhesse. Respondi-lhe que a idade, a doença, a veneranda posição do General me impunham o dever de ir á sua casa, em vez de obrigá-lo a vir á minha. Disse-me, então, o Dr. Benjamin Constant que o ilustre chefe do Exercito me esperava ás 8 ½ horas dessa noite. Compareci e tive a honra de ver-me entre os Srs. Bocaiuva, F. Glicerio, A. Lobo, B. Constant e Coronel Solon. No dia seguinte, procurado pelo Sr. Q. Bocaiuva, me dirigi, com êle, á rua do Carmo n.º 40, onde S. Ex. me comunicou a minha designação para Ministro da Fazenda.”

“Na noite de 4 de Novembro, em uma conferencia que teve lugar na casa do General Deodoro, entre outros officiaes o Capitão Menna Barreto, Tenente Bandeira, alferes aluno Fragoso, presente o 1.º Tenente Clodoaldo da Fonseca e o particular Coelho, amigo particular do General, este deliberou optar pela mudança da fórma do Governo, declarando que o país só assim se salvaria e ao despedir os companheiros de trabalho, o General, respondendo a Menna Barreto, disse: “póde congraçar as forças”. (Protesto dos officiaes da 2.ª Brigada de Cavalaria, datado de 4 de Dezembro de 1889, contra a affirmativa do Conselheiro Lourenço de Albuquerque de que “os soldados que acompanharam o chefe do movimento revolucionario ignoravam que o fim dêste era a deposição do Imperador; e que talvez a ignorasse tambem o proprio Marechal Deodoro”).

“Benjamin Constant não desesperava. Embora a palavra não lhe fosse habitualmente viva, teve de repente um verdadeiro rasgo de eloquencia, exortando Deodoro e conceitando-o a proclamar a Republica. Quando êle se calou disse o Marechal pausadamente: “Eu queria acompanhar o caixão do Imperador, que está velho e a quem respeito muito.” Depois acrescentou, passando e repassando o dorso de uma mão contra a palma da outra: “Êle assim o quer, façamos a Republica. Benjamin e eu cuidaremos da acção militar; o Sr. Quintino e os seus amigos organizem o resto”. (Tobias Monteiro, “Pesquisas e Depoimentos”).

“Jaques, eu tambem fui sempre monarquista, ainda que

muito desgostoso e descontente nestes ultimos tempos — disse êle. Agora, é forçoso convencer-mo-nos que com a monarquia não ha salvação possível para a Patria, nem para o exercito. Já temos provas de que, depois de tudo o que fizemos, êles seguiriam a mesma senda e tratariam de aniquillar o exercito. E, demais, a Republica virá com sangue, si não formos ao seu encontro sem derramá-lo”. (Exposição de uma conferencia do General Jaques Ourique com Deodoro, em 12 de Novembro de 1889).

“Benjamin — disse afinal com resolução o General Deodoro — o velho já não regula, porque se êle regulasse, não haveria esta perseguição contra o exercito; portanto, já não ha outro remedio, leve a bréca a monarquia! Nada ha mais que esperar dela; venha, pois, a Republica!” El fez um gesto de quem lava as mãos. (Depoimento do Coronel José Bevilacqua).

“A parte politica, propriamente da organização, foi encarregada a Quintino Bocaiuva, que desde o dia 11 organizou a listo do futuro Ministerio e entregou-a ao Marechal Deodoro. Essa lista não sofreu modificação alguma”. (Correspondencia para o “Correio Paulistano”).

“No dia 11 reuniram-se em casa do general Deodoro, praça da Aclamação n.º 99, além do dr. Ruí Barbosa, que, como já disse, estava em dia com todo o ocorrido, os Srs. Quintino Bocaiuva, Aristides da Silveira Lobo e Glicerio.

“Proposta a questão em termos claros pelo tenente-coronel Dr. Benjamin Constant e decidida por estes respeitaveis membros do partido republicano a deposição da monarquia como medida de urgente necessidade para a salvação da patria e unica possível para “restauração” do exercito, de acôrdo com o marechal Deodoro resolveu Benjamin Constant executar o movimento revolucionario na tarde de 16, quando os ministros se achassem em conferencia com o imperador.” (Depoimento do general Jaques Ourique).

“Depois da conferencia secreta que tive com o general Deodoro a 5 de Novembro, da qual saí convencido, á vista das suas declarações, de que êle nos prestaria a sua influencia

moral e que lutaria conosco pela republica, fui, na noite de 6, em companhia de três auxiliares comunicar essa ocorrência a Benjamin Constant, encontrando nessa ocasião em sua casa o ilustre cidadão Quintino Bocaiuva, em cuja presença referi o resultado de minha conferencia com o general, o que produziu profunda impressão, pois com a sua aquiescencia ficava resolvida uma das mais sérias dificuldades.” (Depoimento do general Frederico Solon de Sampaio Ribeiro, no “País”, de 1.º de Dezembro de 1891).

A conferencia de Solon com Deodoro, acima mencionada, está registada com minucias nas “Primeiras Linhas da História da Republica do Brasil” do Dr. Joaquim José de Carvalho e a confirma um sobrinho daquele ilustre e malogrado republicano, o coronel Alfredo F. de Sampaio Ribeiro, no “Resumo Histórico da Vida de Frederico Solon de Sampaio Ribeiro”, ainda inédito, mas que o conhecemos, graças a uma gentil deferencia de seu autor.

“E eu, que acompanhei todo o movimento conspiratorio, lá não estaria, se não soubesse positivamente que ia ser proclamada a republica, e essa missão estava confiada a Deodoro, a mais elevada patente do exercito e que na ocasião exercia sobre elle a maior influencia.” (Depoimento de Lopes Trovão, no inquerito da “A Noite”, em 30 de Abril de 1920).

“Não sei porque aberração se tem insistido em duvidar do carater republicano do movimento de 15 de Novembro, conhecidas as combinações anteriores, entre os revolucionarios militares e os chefes do movimento republicano.

“Deodoro, depois de ouvir o seu grande amigo, ficou longamente silencioso, recostado á cadeira, apoiando a cabeça nas mãos cruzadas para trás da nuca, num gesto que lhe era familiar.

“Afimal descruzou as mãos num rapido movimento, e batendo-as, espalmadas sobre as coxas, respondeu gravemente: “Você tem razão, Benjamin; o “velho” já não governa; vamos fazer a Republica.” (Discurso do General Lauro Müller, na Liga da Defesa Nacional, em 15 de Novembro de 1921).

Vamos encerrar esta série de depoimentos com a ultima

declaração de Ruí Barbosa, sobre esse debatido ponto histórico: “O vosso digno presidente (referia-se ao marechal Hermes da Fonseca) acaba de concorrer com a contribuição terminante do seu depoimento para a restituição, ao seu glorioso antecessor, da justiça, que lhe têm subtraído, com versões arbitrárias, os adulteradores das origens do novo regime.

“Eu, aliás, não havia mistér dêsse testemunho irrecusavel, para saber que ao grande marechal é que verdadeiramente cabe as honras da fundação das novas instituições, e que, já antes da revolução, a Republica estava irrevogavelmente resolvida no ânimo do ilustre capitão e seus companheiros, assim militares, como civis.

“Ante Deus e a nação brasileira o afirmo (e não pela primeira vez), com a autoridade incontestavel de parte diréta nesses acontecimentos; porquanto na reunião de 11 de Novembro, em casa de Deodoro, quando ali compareci, a convite dêle, sendo seu intermediario Benjamin Constant, já encontrei adotada, pelo consenso unanime de todos a forma republicana.” (Discurso de Ruí Barbosa, no Club Militar, em 26 de Junho de 1921).

PROBIDADE

O eminente brasileiro, visconde de Ouro Preto, em seu livro “Advento da Ditadura Militar do Brasil”, á pag. 155, censurando o procedimento dos conservadores, disse que estes “esqueceram-se logo de que foram vítimas do exercito, graças unicamente, ao derivativo da expedição de Mato Grosso, que com sacrificio consideravel do Tesouro proporcionou mando e comissões rendosas aos mais irriquietos e turbulentos.”

Ha acrimonia nesses conceitos, desculpavel, dadas as condições em que êles foram emitidos.

Cremos, entretanto, e nem outra cousa é de supôr, que se referia o ilustre estadista, quando escreveu “comissões rendosas”, ás vantagens de campanha, que tinham direito os officiais e praças e ás ajudas de custo abonadas aos officiais da expedição, que eram sete vezes mais que as percebidas pelos officiais que seguiam para as outras provincias. Essas ajudas de

custo, porém, eram legais e constavam de uma velha tabela de 1846! Foram elas estabelecidas atendendo ás circunstancias de que os officiaes que se destinavam a Mato Grosso eram obrigados a passar por três paizes estrangeiros e careciam de meios para representação.

Segundo o depoimento de um dos membros do gabinete João Alfredo, citado por Assis Cintra, Deodoro recusou o abono de avultada quantia, que o ministerio “queria abonar-lhe prestando a grande distancia”.

Foi então resolvido, á revelia de Deodoro, o abono de quatro contos de réis atendendo ás duplas funções de que seguia investido o general: comandante das armas e comandante em chefe das forças de terra e mar.

Pela tabela, sómente pelo cargo de comandante das armas e excluindo as vantagens de alimentação sua e dos animais de sua montada, tinha direito a três contos de réis.

Recentemente um dos mais aplaudidos dos nossos publicistas, ao historiar o ocaso do imperio, impressionado pelas declarações de Ouro Preto e sem penetrar-lhes o verdadeiro sentido, concluiu que Deodoro e seus camaradas foram subornados, isto é: que calaram todas as queixas que vinham externando ameaçadoramente desde a Questão Militar, diante de grossa maquia.

Inominavel injustiça, só explicavel por um julgamento precipitado. Quando foram dissolvidas as forças em observação era tal a falta de recurso dos officiaes que delas faziam parte e que deviam regressar, que o presidente da provincia de Mato Grosso, mandou abonar-lhes três meses de soldo por adiantamento, para desconto.

El Deodoro ao falecer, três anos mais tarde e depois de ter sido chefe supremo do Governo Provisorio, chefe constitucional do Estado e ditador, legou á sua esposa a fortuna de nove contos de réis.

E ha ainda quem diante de tão edificante lição, queira ferir-lo em sua probidade e incluí-lo na lista dos venais.

PRESTIGIO DE DEODORO

De todos os chefes do movimento revolucionario de 15 de Novembro de 1889, sómente um era insubstituível — Deodoro.

Sem êle os demais não se teriam aventurado a tamanha empresa; sem êle a republica não teria sido proclamada naquele dia.

Ouçamos sobre o assunto o juizo de seus contemporaneos e actores eminentes nos acontecimentos em referencia:

“Pelo lado militar, tambem é preciso confessar que se não houvesse um chefe para se pôr á frente do movimento, como o general Deodoro, unico para o qual voltavam os olhos os seus camaradas, cheios de esperança, nada se teria conseguido, e nem mesmo se teria trabalhado com o esforço e a fé, que cresceram pela confiança que todos nêle depositavam.

“O mesmo Benjamin, a quem aliás tanto se deve, êle proprio confessou, quando, ao aproximar-se o momento critico, lhe pareceu impossivel poder o General colocar-se á frente da tropa, pelo muito que se agravaram os seus incomodos durante a noite de 14, que não se sentia com o necessario prestigio para substituí-lo no comando da força arregimentada.” (Depoimento do General Sebastião Bandeira).

“E’ preciso dizê-lo bem alto, para que todos ouçam, francamente, porque é a verdade, com segurança, porque é de justiça, que a Republica não estaria feita, si não fôra Deodoro da Fonseca!” (Discurso de Lopes Trovão, na Camara dos Deputados, em 30 de Agosto de 1892).

“Exposto o assunto, o Dr. Aristides Lobo, visivelmente irritado, depois de sopesar os “prós” e os “contras”, disse que nas forças armadas do país só havia um soldado com envigadura capaz de empreender com êxito a proclamação da Republica, e esse era Deodoro da Fonseca.” (Ernesto Senna, “Deodoro — Subsídios para a História”, pag. 36).

“Si Deodoro não tivesse saído á rua no seu cavalo de guerra, disse Benjamin Constant a Julio de Castilhos, a Republica não se teria feito.”

“Se meu estado de saúde não me permitir cingir a espada, não sentirei a mão invalida para empunhar o revólver; e quer de um, quer de outro modo, eu saberei tomar o posto que o dever me assinala á frente de meus leais companheiros, e com elles não regatearei a vida pela causa da patria.”

— “General, não é de vossa espada gloriosa que nós precisamos; não! Nós vos pedimos agora sómente o auxilio do vosso prestigio. Vossa presença é-nos indispensavel á realização de nossos fins neste empenho de honra.” (Dialogo na conferencia de 5 de Novembro de 1889 entre Deodoro e Solon, por este referido ao Dr. Joaquim José de Carvalho).

“Iamos iniciar a marcha audaciosa; Benjamin já á cavallo, como se estivesse falando consigo mesmo, murmurou, olhando a exiguidade de nossas forças: Se ao menos Deodoro pudesse aparecer no campo... Os que nos achavamos mais perto ouvimos a reflexão que estava tambem nas nossas almas. Entreolhamo-nos e, animado pela compreensão desses olhares intervim: Se o Senhor quer, vou adiante até lá, para vêr si é possível. Vá — me respondeu imediatamente.” (Discurso do General Lauro Müller, cit.).

Poderíamos prolongar as citações, mas não o fazemos por desnecessario, visto que as transcritas comprovam plenamente nosso asserto no inicio deste capitulo.

FUNDADOR DA REPUBLICA

Entendemos que a republica brasileira não teve fundador e sim fundadores.

A ninguem é licito negar a influencia e o papel relevante de Benjamin Constant, na implantação do regime republicano no Brasil; mas, si se quiser dar o titulo de fundador da Republica, sómente a quem a proclamou — esse titulo cabe a Deodoro.

O ato pertence a quem o pratica de consciencia e com toda a responsabilidade de seu nome — especialmente quando o agente é tido como o unico indicado, como o necessario, como o capaz para praticá-lo, tal qual acontecia com Deodoro para

derrubar a monarquia e implantar a republica no Brasil, naquele momento.

Desprezemos, porém, essa antipatica questão de titulos e primazias e rendamos o nosso culto a todos os que souberam amar, defender e honrar nossa bela patria, com desprendimento e lealdade, com grandeza dalma e bravura; aos que escalararam o poder e dêle descaram de mãos limpas, como o brasileiro insigne e honrado a quem, o povo, hoje, tributa, livremente, suas homenagens.

Livremente, sim: visto que não se curva humilhado diante de um potentado, amparado pela força e festejado pelos cortejadores do poder; nem insensa interesseiro e genuflexo a um despota que tudo póde e que distribue favores a mão cheia, a custa do Estado.

As homenagens do povo, são á memoria de um dos mais equitativos, dos mais honestos, dos mais patrioticos dos seus governantes.

E' um preito de admiração sincera; é um gesto espontaneo de glorificação; é um ato de civismo puro.

São os primeiros fulgores da justiça, que despontam no céu da história.

O tempo, em sua marcha impassivel, já principia a arrefecer as paixões e a serenar os ânimos e ha de dar-nos para o julgamento de Deodoro, os verdadeiros juizes: sem divida de gratidão pessoal, sem a queixa de uma aspiração não realizada, sem a ira dos revoltados, sem visar interesses subalternos, sem a paixão dos sectarios, sem o orgulho dos feridos, sem as eivas da competição.

Souza Doca

INDICE

I TRIMESTRE

Troncos Seculares, pelo general João Borges Fortes.....	3
Comentarios, pelo coronel Alvaro de Alencastre.....	15
O Municipio de São Jeronymo, pelo dr. A. D. Pinto	43
O 20 de setembro, por Aurelio Porto.....	51
José de Araújo Ribeiro, por João Pinto da Silva.....	59
Os primordios da Grande Revolução, pelo dr. Eduardo Duarte	69
Verdade Historica, pelo tenente-coronel Emilio Fernandes de Souza Docca	81
Um discurso de Appelles Porto Alegre.....	113
Do Curso de História Naval para a História do Rio Grande do Sul, pelo almirante M. Pinto Bravo.....	133
Dr. Borges Fortes	153

II TRIMESTRE

Comentarios (cont.), pelo coronel Alvaro de Alencastre.....	159
Monumentos Historicos e Artisticos de Rio Pardo, por Dante de Lay- tano	181
Cincoentenario da morte de José Garibaldi, conferencia do com. Mario Carli, no Teatro São Pedro.....	215
Conferencia do dr. Darcí Azambuja, no Teatro São Pedro	229
A sessão extraordinaria no Instituto Histórico.....	240
A Flama Garibaldina, conferencia realizada na sessão magna da Pre- feitura Municipal, em Pelotas, pelo dr. Fernando Osorio	257
Garibaldi, Rossetti e Zambeccari, pelo dr. Eduardo Duarte	279
Deodoro (1827-1927), pelo tenente-coronel Emilio Fernandes de Souza Docca	301